

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE:
ATIVISMO POLÍTICO NA INTERNET E
AÇÃO DIRETA NAS RUAS**

MARCELO WANDERLEY BURGER

RIO DE JANEIRO – 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE:
ATIVISMO POLÍTICO NA INTERNET E
AÇÃO DIRETA NAS RUAS**

MARCELO WANDERLEY BURGER

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e sistemas de Pensamento, pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção de título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Antoun

**RIO DE JANEIRO
Março – 2004**

CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE: ATIVISMO POLÍTICO NA INTERNET E AÇÃO DIRETA NAS RUAS

Marcelo Wanderley Burger

Orientador: Prof. Dr. Henrique Antoun

Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Programa de Pós-graduação em Comunicação e sistemas de Pensamento, escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada por:

Prof.

Prof.

Prof.

**RIO DE JANEIRO
Março – 2004**

BURGER, Marcelo Wanderley
Centro de Mídia Independente: Ativismo político na Internet e ação
direta nas ruas / Marcelo Wanderley Burger.
Rio de Janeiro: UFRJ/ ECO, 2004.
100 fl.

Orientador: Henrique Antoun
Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ ECO/ Programa de Pós-graduação em
Comunicação, 2004.

1. Mídia Independente 2. Internet. 3. Ativismo Político.
I. Antoun, Henrique. II. UFRJ III. Centro de Mídia Independente:
Ativismo político na Internet e ação direta nas ruas.

Dedicatória

Aos meus pais, por acreditarem quando eu mesmo duvidava. Sem eles, nada disso seria possível.

À Márcia, irmã, amiga e confidente, pelo apoio incondicional.

À Dra. Tatiana e ao Dr. Bruno, por ajudarem a remover as pedras do caminho.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Henrique Antoun, pela habilidade com que orientou este trabalho.

A todos aqueles que, dentro e fora da ECO, tiveram uma palavra de apoio para que este trabalho fosse concluído.

À fluoxetina, sertralina e ao alprazolam, por me manterem inteiro.

Resumo

Centro de Mídia Independente: Ativismo político na Internet e ação direta nas ruas.

Marcelo Wanderley Burger

Orientador: Henrique Antoun

A globalização da economia marca o declínio do paradigma fordista de produção, bem como das relações trabalhistas e das conquistas sociais institucionais, jurídicas e políticas. Por outro lado, a centralidade das tecnologias de comunicação no processo de produção permite o surgimento de novas formas de cooperação e sociabilidade, contrárias à apropriação capitalista do trabalho. Neste contexto, a disseminação da Internet favorece a mudança de paradigma da produção de informações, de um modelo de mídia de massa, estabelecida para se adequar aos cânones da linha de montagem industrial (uniformidade, impessoalidade e imparcialidade), para a possibilidade de uma “mídia de multidão”. A comunicação mistura-se com ativismo político, em redes de produção de notícias organizadas horizontalmente, em coletividades não-hierarquizadas, à parte do capital. Mas o que caracteriza as redes como independentes? Como se dão as relações de poder e hierarquia no interior desses grupos?

Palavras-chave: Internet, mídia independente, ativismo político, marxismo, autonomia.

Abstract

Centro de Mídia Independente: Ativismo político na Internet e ação direta nas ruas.

Marcelo Wanderley Burger

Orientador: Henrique Antoun

The globalization of economy marks the decline of the fordist paradigm of production, and so of its work relations, together with the weakening of the achievements on social, institucional, juridical and political grounds. On the other hand, the main role of the communication technologies in the capitalist production process allows the emergence of new forms of cooperation and sociability, contraries to the capitalist appropriation of labor. Within this context, the spreading of the Intrenet through society favours a change of paradigm in the production of information, from a mass media model, stablished to suit the the laws and the needs of the industrial assembly line (uniformity, impersonality, impartiality), to a whole new possibility of a “multitude media”. The communication combines itself with activism, creating non-hierarquical networks of news, apart from capital. But what characterizes these networks as independent ones? How the relations of power and hierarchy are developed within these groups?

Key-words: Internet, independent media, activism, marxism, autonomy.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo 1 - Artigos escondidos: limites entre editoração e censura.....	18
1.1 Análise das mensagens: seleção, qualidade e anonimato.....	20
1.2 A quem o anonimato defende?.....	22
2.3 Primeiros passos para uma Política Editorial.....	24
Capítulo 2 - Estudo de caso – A eliminação do CMI-Paraná.....	26
2.1. Militância política, ativismo e Autoritarismo.....	27
2.2. Auto-Crítica e ruído na rede.....	30
Capítulo 3 – Estudo de Caso – Esperanto.....	33
Capítulo 4 – Estudo de Caso – Doação da Fundação Ford.....	40
Conclusão.....	45
6. Bibliografia.....	35
ANEXO 1.....	37
ANEXO 2.....	51
ANEXO 3.....	65
ANEXO 4.....	81

Introdução

Em abril de 1995, quando a Fundação Nacional de Ciência norte-americana (NSF) finalmente transfere o controle da Internet do governo para a iniciativa privada¹, a rede de computadores já tinha se metamorfoseado, em pouco mais de 20 anos desde sua primeira implementação concreta, de uma máquina de guerra em um meio de comunicação. Esse salto inesperado parece fazer parte de sua própria natureza incontrolável e de sua história cooperativa, conforme pretendemos explorar mais adiante nesse trabalho. Originalmente projetada como uma máquina de guerra capaz preservar a cadeia de comando para responder a um ataque termonuclear soviético, o projeto foi desenvolvido segundo um modelo de gestão híbrido, controlado por militares ligados à ARPA (Agência de Pesquisa de Projetos Avançados), e desenvolvido pela comunidade científica. Os ideais coletivistas dos pesquisadores universitários engajados no projeto levaram a então chamada ARPANET, a um longo processo de reestruturação técnica, organizacional e política, que entre outras coisas, orientaram seu uso para a comunicação interpessoal. Conforme aponta Janet Abbate em seu livro *Inventing the Internet*,

Em vez de centralizar a cadeia de autoridade num pequeno grupo de gerentes de rede, eles [os pesquisadores] deliberadamente criaram um sistema que permitia qualquer usuário com as capacidades requisitadas e interesse, propor uma nova característica. Enquanto o acesso à ARPANET e à Internet se espalhava para além do grupo inicial de cientistas da computação, usuários não-expertos exerciam influência, improvisando novas maneiras de uso da rede e decidindo quais aplicações se tornariam padronizadas do sistema e quais desapareceriam.²

¹ ABBATE, Janet: *Inventing the Internet*. Capítulo 6.

² Idem. p.5. A tradução é nossa. “Rather than centralize design authority in a small group of network managers, they deliberately created a system that allowed any user with the requisite skill and interest to propose a new feature. As access to ARPANET and the Internet spread beyond the initial group of computer scientists, non-expert users also exerted influence, improvising new ways of using the network, and deciding which application would become standard feature of the system, and which would fade away.”

A cooperação entre os primeiros programadores foi tão fundamental para o desenvolvimento da rede quanto a invenção dos microprocessadores. Os jovens universitários contratados pela ARPA, auto-intitulados *hackers* (apenas muito mais tarde que o termo foi distorcido para definir os piratas de “computadores”), logo perceberam o potencial da computação para o desenvolvimento de comunidades de usuários, que no futuro formariam redes de comunicação ao redor do globo, capazes de compartilhar projetos em comum. Suas idéias eram claramente inspiradas tanto pelos ideais libertários em voga nos anos 60, quanto por uma espécie de contrato social informal (sistemizada anos depois por Steven Levy de “ética hacker”), que pregava, entre outras coisas, o acesso total e ilimitado a computadores, liberdade de informação, desconfiança da autoridade e promoção da descentralização³. Para garantir a ampla participação, era preciso remover obstáculos tecnológicos, e uma das primeiras providências foi substituir os cartões perfurados por interfaces gráficas.

Os gigantescos mainframes da pré-história da computação vinham de fábrica necessitavam de operadores especiais que transformavam as requisições dos programadores em cartões perfurados que seriam lidos pelas máquinas. Para agilizar esse processo, o professor do MIT Joseph Licklider, comissionado pela ARPA, cria um software que exibe os resultados em telas de interface gráfica, ao invés de em folhas de pape, como era comum até então. E mais importante, sua equipe é responsável pela invenção do “sistema operacional”, o que possibilita os programadores interagirem diretamente com os computadores, desenvolvendo novas idéias. A partir daí, são desenvolvidos os sistemas de uso simultâneo e integrado (*time-sharing*), que posteriormente seriam “hackeados” para dar lugar à troca de mensagens através dos *bulletin boards*, e num segundo momento, dos *e-mails*⁴. No entanto, mais do que a discussão tecnológica, nosso objetivo é investigar os aspectos sociais da formação da rede; como o desenvolvimento da ação coletiva dos *hackers* no sentido de estabelecer mais e melhores “tecnologias de cooperação”, possibilitou a circulação do conhecimento e usos inesperados e novos – mais especificamente, um novo tipo de produção

³ LEVY, Steven. “Hackers: Heroes of the Computer Revolution” (New York: Doubleday, 1984).

⁴ Para um aprofundamento do tema, ver o capítulo 3 de Abbate (op. cit.), pp.83-111.

mediática, independente e alternativa, nascida a partir da popularização do advento da comunicação mediada por computador (CMC).

Produção de mídia ao alcance de todos

As tecnologias de informação (TI) inauguraram não apenas a possibilidade da comunicação remota, mas também deu poder a cada pessoa conectada à rede de produzir conteúdo editorial e noticioso, e “publicá-lo”. O Centro de Mídia Independente é talvez, um um dos exemplos mais sólidos do uso da tecnologia para fins de propagação da informação. Ele constitui-se, segundo como “uma rede internacional de produtores independentes de mídia, comprometidos com a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente”. Ele foi criado originalmente em Seattle como uma forma alternativa de cobrir os eventos que levaram ao malogro do "Encontro do Milênio" da OMC (Organização Mundial do Comércio) em Novembro de 1999. A idéia era de ter um site na Internet que recebesse e armazenasse, vídeos, imagens, sons e textos que poderiam ser publicados e reproduzidos sem copyright por qualquer pessoa ou qualquer órgão de mídia independente sem fins comerciais. O que era um site de jornalistas independentes tornou-se também um site em que os próprios manifestantes se faziam ouvir. Eles começaram a publicar suas histórias e disponibilizar as imagens de vídeo, os sons e entrevistas que eles mesmos tinham produzido. À medida que os protestos "antiglobalização" foram se espalhando, Centros de Mídia Independente foram sendo criados em toda a parte onde os "novos movimentos" eclodiam. Atualmente existem mais de cem Centros de Mídia Independente em mais de trinta países, em todos os continentes. O Centro de Mídia Independente do Brasil nasceu como desdobramento da organização do movimento antiglobalização em São Paulo que havia promovido um protesto no dia 26 de Setembro de 2000 (S26) quando se reuniram em Praga, o FMI e o Banco Mundial. Em dezembro de 2000, o site do Centro de Mídia Independente do Brasil foi ao ar e, desde então, tem se esforçado para "cobrir" eventos ligados à luta social. O Centro de Mídia Independente é um projeto sem fins comerciais totalmente feito por voluntários.

O CMI é coletivo, sem fins comerciais, e totalmente produzido por voluntários. Não depende de qualquer corporação ou governo, e não é porta-voz de qualquer partido político ou organização. Sua manutenção depende de doações de várias origens e do empenho de seus participantes. O CMI define-se em seu estatuto como “um coletivo de produtores independentes de mídia comprometidos com a produção e distribuição de notícias, como forma de promover justiça social e econômica”. A pretensão de seus idealizadores é aumentar a autodeterminação de grupos sub-representados na produção e no conteúdo das mídias, além de analisar assuntos locais e globais que têm impacto direto sobre ecossistemas, comunidades e indivíduos. O objetivo é “gerar alternativas aos meios de comunicação corporativos controlados pelo lucro, identificando e criando modelos positivos para uma sociedade justa e auto-sustentável”.

Criado na cidade de Seattle em novembro de 1999, por ocasião do “Encontro do Milênio” da OMC (Organização Mundial do Comércio), o *Independent Media Center* (www.indymedia.org) foi desenvolvido a partir do esforço coletivo de centenas de jornalistas e ativistas políticos, com o objetivo de fazer uma cobertura democrática e não-corporativa dos protestos que marcaram o evento. Além das notícias do *website*, os participantes elaboraram uma publicação para ser distribuída na ocasião. Em fevereiro de 2000, formou-se um IMC em Boston para acompanhar a *Biodevastation Convergence* (Convergência de Biodevastação). Logo surgiu outro em Washington DC, para cobrir as manifestações contra o encontro do Banco Mundial e o FMI (Fundo Monetário Internacional) naquela cidade, em 16 de agosto. Logo, o IMC tornou-se referência para os membros dos movimentos “antiglobalização”. Hoje já são mais de 50, espalhados por diversos estados norte-americanos e outros países.

À medida que os protestos "antiglobalização" foram se espalhando, Centros de Mídia Independente foram sendo criados em toda a parte onde os "novos movimentos" eclodiam. Atualmente existem mais de cem Centros de Mídia Independente em mais de trinta países, em todos os continentes. O Centro de Mídia Independente do Brasil nasceu como desdobramento da organização do movimento antiglobalização em São Paulo que havia

promovido um protesto no dia 26 de Setembro de 2000 (S26) quando se reuniram em Praga, o FMI e o Banco Mundial. Em dezembro de 2000, o site do Centro de Mídia Independente do Brasil foi ao ar e, desde então, tem se esforçado para "cobrir" eventos ligados à luta social. O Centro de Mídia Independente é um projeto sem fins comerciais totalmente feito por voluntários.

Cerca de um ano depois que o coletivo de São Paulo se formou, novos grupos começaram a se voluntariar para constituírem coletivos editoriais em suas cidades. Hoje já existem coletivos articulados em diversas cidades, as quais encontram-se listadas abaixo. Cada coletivo desenvolve projetos locais e todos eles, coletivamente, participam da gestão do site. Todos os coletivos se organizam de forma não hierárquica e têm o compromisso de aceitar os princípios e a política editorial. Para se constituir formalmente, cada coletivo precisa de pelo menos cinco voluntários, sendo pelo menos um deles capacitado tecnicamente em informática (ou com disposição de aprender). No entanto, qualquer grupo menor ou indivíduo pode contribuir participando dos diversos projetos.

O Centro de Mídia Independente tem muitos projetos. Em primeiro lugar, há o site que pretende ser, não um projeto exclusivamente ligado à Internet, mas uma ponte entre a alta tecnologia (Internet) e as tecnologias tradicionais de mídia (principalmente rádio e jornal). A idéia é aliar as possibilidades técnicas da Internet à difusão de informações por meios tradicionais. Assim, por exemplo, são armazenados arquivos de áudio no site que são depois veiculados em rádios livres e comunitárias; alguns coletivos da rede CMI Brasil também elaboram boletins de notícias que são enviados para rádios que o utilizam como base para noticiários radiofônicos comunitários. O mesmo procedimento é utilizado na elaboração de jornais tradicionais, como o "Ação Direta", ou jornais-poste como o "CMI na Rua" e "O POSTe". Os Centros de Mídia Independente também produzem periodicamente documentários. Alguns dos vídeos produzidos pela rede CMI Brasil foram "Não começou em Seattle, não vai terminar em Québec" (sobre protestos contra a ALCA em São Paulo), "Anita Garibaldi" (sobre a maior ocupação urbana do Brasil) e "Repórteres populares" (sobre a formação de repórteres em movimentos sociais).

O coletivo de Seattle disponibiliza todo o aparato técnico para a criação de um CMI. Existem links com informações detalhadas (<http://newimc.indymedia.org> e <http://process.indymedia.org>), e depois de lê-las, o interessado deve entrar em contato com os responsáveis técnicos (new-imc@indymedia.org) pedindo instruções. Embora cada CMI local seja uma organização autônoma, existem algumas pequenas regras a serem observadas, como o desenvolvimento de um estatuto e de uma política editorial, para garantir à comunidade dos CMIs a intenção de criar um novo coletivo sustentável. O ideal é que haja pelo menos cinco pessoas, sendo que uma deve ter conhecimentos de informática. A participação, entretanto é aberta a todos, e mesmo grupos menores podem participar, colaborando com algum dos projetos existentes. A estrutura permite que qualquer um disponibilize textos, vídeos, sons e imagens, de maneira a descentralizar a difusão de informações.

O CMI-Brasil diferencia-se dos demais não apenas pela sua proposta de cobertura de movimentos sociais (particularmente os ligados à ação direta e às políticas aos quais se opõem). A intenção de seus organizadores é fazer do *site* uma ponte entre a tecnologia disponibilizada pela Internet e os tradicionais meios de comunicação (jornal, rádio e vídeo). Existem projetos para a criação de jornais-murais e tablóides periódicos, além do intercâmbio de notícias com rádios comunitárias e a retransmissão de programas de rádio via Internet. São tentativas de ampliar a rede de contatos para – quem sabe? – retomar o espaço da esfera pública, usurpado pelas grandes corporações.

Mas como se organizam os integrantes de uma rede que se diz auto-gestionada? Como lidam com as questões de seleção de notícias? Quem é responsável por estas decisões, e por quais processos adquirem essa responsabilidade? A pretensão do presente trabalho é tentar responder a essas perguntas, trazendo luz sobre a aparente contradição entre o processo de edição – que pressupõe escolha e corte de assuntos – em uma “publicação aberta”. Para isso, recorreremos à análise das mensagens que circulam nas redes temáticas de discussão. A eleição deste material para trabalho justifica-se pela facilidade de acesso à diversidade de opiniões e assuntos, desde praticamente o inícios das atividades da

rede, permitindo o acompanhamento da evolução dos temas pesquisados. Outra vantagem do material é conseguir concentrar a multiplicidade de registros em um único meio – qualidade fundamental quando se trata com indivíduos dispersamente localizados ao redor do mundo.

O primeiro capítulo tratará do problema de como lidar com publicação de mensagens que não condizem com os princípios da rede. Recorreremos às discussões desenvolvidas especificamente sobre a maneira de tratar com os ataques de grupos neo-nazistas durante as manifestações contra a reunião da OMC em Praga, em setembro de 2000 (ou o S16, como é conhecido entre os ativistas). O site teve a área de publicação aberta “invadida” por supostos “artigos” de cunho anti-semita. Foi a partir desse episódio que decidiu-se pelo recurso de “esconder artigos”. Com tal recurso, como diferenciar entre a eliminação de material desnecessário e a simples censura? O episódio foi fundamental para o início das discussões sobre a elaboração de uma Política Editorial global que regularizasse os princípios da publicação de notícias e artigos.

No capítulo 2 vamos abordar o episódio de aprovação e cancelamento de um coletivo na rede CMI-Brasil. O evento aconteceu durante os meses de janeiro e fevereiro, com um grupo de voluntários de várias cidades paranaenses, que pretendiam criar o primeiro coletivo estadual brasileiro, o CMI-Paraná. A instauração de um coletivo é um evento importante, já que, diferente da participação individual, ele torna-se um nó difusor, e ganha importância nas resoluções sobre os rumos da rede. Mas o a proposta do coletivo sulista foi abortada com 20 dias de discussões, fruto da incompreensão dos métodos de ação do CMI, de uma certa falta de comunicação e de atitudes individuais claramente autoritárias.

A seguir, no capítulo 3, entra em cena o tratamento que foi dado à uma proposta brasileira, que, embora pudesse soar um tanto quimérica, despertou ânimos e entre os coletivos de vários países e dividiu opiniões: a troca do inglês pelo esperanto nas discussões globais.

O capítulo 4 vai tratar da questão de uma proposta de financiamento oferecida para a fundação Ford, que seria utilizada para ajudar na organização da primeira reunião global do CMI, em 2002. O debate girou em torno da aceitação ou não do dinheiro, devido à sua

origem. As duas principais questões foram: “aceitar o dinheiro de uma fonte ‘suja’ para usá-lo para enfraquecer a estrutura do qual ela faz parte”, ou “negar a ajuda financeira, pois aceitá-la seria comprometer-se com o ‘inimigo’”.

Com a análise desses assuntos, pretendemos levantar alguns pontos sobre os problemas entre liberdade de ação e limites estruturais e editoriais.

Capítulo 1

Estudo de Caso – artigos escondidos: o limite entre editoração e censura

O Centro de Mídia Independente possui um espaço destinado à publicação aberta, situado na coluna da direita na página inicial, onde qualquer pessoa pode postar notícias recentes ou textos teóricos. No Brasil, ele foi batizado de “Últimas Notícias”, e nos coletivos de língua inglesa, de “Newswire”. Estes textos não precisam ser aprovados pelo coletivo teórico (sobre o qual falaremos no capítulo seguinte), mas devem obedecer a certos critérios. A Política Editorial do Centro de Mídia Independente prevê em seus estatutos a retirada de qualquer publicação que 1) seja de cunho racista, sexista ou em qualquer sentido discriminatórias; 2) contenham ofensas pessoais; 3) façam qualquer tipo de propaganda comercial; 4) visem promover algum candidato ou partido político; 5) estejam em oposição aos princípios e valores do CMI Brasil⁵. Os textos que porventura se enquadrarem em alguma dessas categorias, são retiradas da coluna da direita e enviadas para uma página à parte, denominada “coluna de artigos escondidos”.

A decisão de fazer algo a respeito de textos que não condizem com a política editorial começou a ser discutida nas listas no fim de 2000, quando, simultaneamente, mensagens de cunho anti-semita começaram a parecer simultaneamente na página do coletivo de Praga, em função da organização das manifestações contra a reunião da OMC na República Tcheca (S16), e na página central do IMC. Um incômodo geral atingiu os ativistas, preocupados com o uso de seu veículo de expressão e organização por grupos ou indivíduos de extrema direita, ou opiniões racistas e sexistas. Logo o coletivo tecnológico (IMC-tech) começou a ser consultado sobre a possibilidade de remoção dessas mensagens. O assunto acabou se espalhando pelas listas editoriais de várias partes do mundo, já que envolvia questões a respeito das atribuições de uma rede comunicação aberta, censura, autoria, e editoração. Enquanto se discutia o que fazer com as mensagens de caráter ofensivo, o IMC-Praga adiantou-se na elaboração de princípios que configuraram as propostas embrionárias do que

⁵ <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/policy.shtml>

mais tarde viria a ser caracterizado como a Política Editorial adotada pelo Centro de Mídia Independente no mundo todo.

É importante lembrar que, embora haja um consenso, até hoje essas questões sobre “como lidar com o material inadequado” mobilizam a rede, sem que um consenso total tenha sido atingido, pois à medida que a rede espalha-se e torna-se mais visível, aumenta o número de pessoas envolvidas (mesmo sabotadores e colaboradores não familiarizados com a Política Editorial), a quantidade de interpretações a respeito do que é ou não ofensivo.

A solução encontrada para que as discussões sobre as regras editoriais não caíssem em uma espiral de redundância a ponto de levar a rede à disrupção foi a transferência de todo o conteúdo considerado inadequado da página principal para uma página à parte. Outro problema foi criado, no entanto, já que era preciso decidir quem estaria apto para julgar se uma mensagem deveria ou não perder sua visibilidade. Chegou-se a conclusão de que seria necessário estabelecerem-se coletivos editoriais locais, que ficariam encarregados de tomar tais decisões. Os coletivos editoriais possuem listas de discussões próprias, de acesso restrito a alguns membros. Geralmente, como é o caso do CMI-Brasil (sobre o qual recai o foco de interesse do presente trabalho), os integrantes dessa lista são os participantes mais antigos, que ajudaram na criação do coletivo, que, eventualmente, decidem sobre a permissão de acesso à tomada de decisões a outros membros, que foram capazes de adquirir reputação por suas ações e contribuições (sobre esse assunto falaremos mais adiante).

A decisão de “esconder” mensagens e artigos não foi das mais simples. Envolveu muita discussão, gerada a partir da publicação seguida de conteúdos racistas no site. A questão mostrava-se, no entanto, delicada: como impedir a afluência de mensagens de ódio, sem descaracterizar o espaço como um fórum de livre participação? E como coordenar os interesses de publicação aberta com a necessidade de restrição de material? A produção mídia

O Anexo 1 apresenta oito mensagens, postadas entre os dias 11 e 12 de novembro de 2000 na lista de tecnologia (IMC-tech), mas que foram retransmitidas para outras listas ao redor do mundo, que em algum momento contribuíram com opiniões no já citado fórum, ou serviram para fomentar debates nas listas de discussão locais. A seleção que figura neste trabalho deveu-se à capacidade de apresentação dos argumentos mais significativos e consistentes em seu conteúdo, tanto favoráveis quanto contrárias à remoção de mensagens. É interessante notar que, independente da opinião, em todo momento aponta-se para a necessidade da instauração de parâmetros de publicação comuns ao CMI – o que é possível de se observar na última mensagem selecionada, que apresenta uma proposta para o que viria a se tornar a Política Editorial que por ora figura no site. Mas que, é bom lembrar, não é definitiva, e estará sujeita a mudanças, sempre que surja a necessidade.

1.1 Análise das mensagens: seleção, qualidade e anonimato.

A discussão a respeito da seleção de conteúdo é levada pela primeira vez ao coletivo tecnológico (IMC-tech), pois são eles os encarregados da administração e manutenção do site até então (um ano desde a fundação do pioneiro IMC-Seattle, em novembro de 1999). Começa-se a questionar a utilidade de um espaço para a publicação direta, já que o espaço parece ser mais usado como veículo de divulgação de conteúdos racistas, ou de mensagens que não contribuem em nada para a informação da audiência. Conforme afirma jocosamente o colaborador Paul A. Houle (é bom ressaltar que os nomes podem não ser verdadeiros, já que muitos usam pseudônimos para proteger suas identidades), a quase totalidade das mensagens que aparecem na “Newswire”, parecem ser de revisionistas do Holocausto; de copiadores de editoriais do NYT que afirmam que os votos em Ralph Nader favorecerão a Bush⁶; e de “‘revolucionários socialistas’ que querem começar a revolução batendo em outros ‘revolucionários socialistas’”. Apesar do tom, a afirmação é um preâmbulo para lançar

⁶ Ralph Nader é um advogado norte-americano que desde meados dos anos 60 tornou-se um símbolo dos direitos civis e dos consumidores norte-americanos. Nader é responsável pela criação de pelo menos oito leis de proteção ao consumidor, e é um crítico feroz da convergência de poder entre as grandes corporações e do governo norte-americano. Em 2000, ocasião das mensagens citadas, ele lançou-se como candidato independente à presidência dos Estados Unidos, e é visto por seus críticos como um dos responsáveis diretos pela derrota do candidato republicano Al Gore para o atual presidente, George W. Bush.

uma séria questão sobre como o descrédito gerado pelo excesso de notícias inúteis pode ameaçar a existência da rede, levando-a mesmo à extinção. Para que o CMI cumpra seu papel de alternativa à mídia corporativa, explica, é imprescindível que ofereça um conteúdo de qualidade. E que se não houver nenhum tipo de controle, um aumento exponencial de afluxo pode gerar uma “diarréia de palavras” inúteis, afastando as colaborações construtivas. O modelo de publicação aberta, acredita Paul, só funciona para audiências muito pequenas. No momento em que ela se torna numerosa, este expediente torna-se impossível. Ele defende a criação de uma política editorial como forma de manter a rede.

A seguir, podemos perceber outro aspecto importante para o debate sobre a liberdade de publicação: o da autoria. Troy Skeels sugere que, sejam retiradas apenas as mensagens anônimas que contrariem os princípios do CMI; mas que se mantenham as de autores que possam ser contatados, mesmo que contenham conteúdo que não seja apropriado. Ele argumenta que a liberdade de discurso implica principalmente responsabilidade pelo que se diz, e que a única maneira de se manter um canal saudável de comunicação direta é permitindo que qualquer mensagem assinada seja admitida no site, independente do seu conteúdo – mesmo que o autor seja identificado por um nome de guerra, mas que forneça um meio de contato. Esse tipo de atitude garante a credibilidade e fomenta a participação. O conteúdo editorial deveria apenas se responsabilizar as mensagens anônimas que ferissem os princípios de publicação.

A proposta acima gerou dois tipos de discordância: a primeira pregava que a questão do anonimato desviava o assunto do problema principal – o conteúdo de ódio. A segunda defendia o anonimato como forma de proteção contra represálias e investigações por órgãos de repressão oficial⁷. O autor da proposta anterior, Troy, volta à lista para defender seu ponto de vista. A distinção entre a “ofensa anônima” e a “ofensa atribuível” é, segundo ele, uma

⁷ São inúmeros os casos documentados de investigação policial a que o site e muitos de seus colaboradores são submetidos. Na parte inferior da coluna da esquerda há o link “fbi/situação legal” que redireciona para uma página com casos documentados de invasão ao CMI pela polícia federal americana, e relatos de abusos contra a livre expressão. Na mesma coluna, mais acima, há uma área de busca. Uma procura por palavras-chave como “investigação”, “polícia”, por exemplo, também fornece acesso a material sobre o assunto.

maneira a subjetividade de critérios na condução da política editorial. Se um sujeito é capaz de declarar sua identidade na defesa de uma determinada opinião, é porque ele acredita nela, não importa o quanto errado ela deva ser. Ao contrário, sinaliza Troy, uma mensagem anti-semita não identificada, pode muito bem ter sido postada por uma pessoa que não necessariamente apóia essa crença, mas estava apenas interessado em polemizar.

O controle editorial deve ser mínimo e exclusivamente voltado para as mensagens ofensivas anônimas. O banimento puro e simples de qualquer conteúdo de cunho ofensivo pode abrir um perigoso precedente na condução de uma rede horizontal: a centralização do poder nas mãos de uma minoria, através da instituição de uma casta de “iluminados”, com autoridade para decidir o que pode ou não ser publicado. Sobre esse alicerce se apóiam o capitalismo e a mídia corporativa, duas forças contra as quais se batem os ativistas. O CMI, defende Troy, não deve interferir na edição, a menos que haja um motivo muito razoável. Seria preciso dar o benefício da dúvida a quem resolve assumir publicamente uma posição, já que, mesmo equivocada para os parâmetros da publicação, ela oferece a oportunidade de um debate direto, e quem sabe, à mudança de opinião.

1.2 A quem o anonimato defende?

Ainda a respeito do anonimato, muitos o defendem sob o argumento de que ele protege a identidade das pessoas contra represálias por alguma denúncia. No entanto, argumenta Troy, a maior parte das notícias abertas não se caracteriza por situações que ofereçam risco à “vida, a liberdade, ou a busca por felicidade” dos autores. Se este for o caso, é prudente manter a identidade em segredo. Mas como não parece ser esse o caso da maior parte dos artigos abertos publicados, a autoria deveria ser encorajada, como forma de reforçar a credibilidade e convocar para o debate de idéias, que é afinal, um dos objetivos da rede.

Um argumento contrário à prática do anonimato, conforme aponta o autor, parte dos próprios participantes da rede: uma parte considerável das respostas e comentários de repúdio às mensagens de ódio são assinadas (fato que pode ser facilmente verificável). Desta forma,

os que se levantam contra grupos e indivíduos reacionários não expõem-se da mesma maneira, sujeitando-se igualmente à possibilidade de perseguição? Mas a defesa do que consideram ser correto é mais importante do que a possibilidade de perseguição. Se a proposta dos envolvidos com o CMI é criar uma rede de notícias, com o objetivo de “dar voz aos que não tem voz, constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial”, para a “construção de uma sociedade livre e igualitária”; uma das principais iniciativas deveria ser a interação de “pessoas de verdade”, e não entre grupos de revolucionários incontáveis e anônimos. É por isso que, além da comunicação via listas de discussão e conversa através do IRC (Internet Relay Chat, programa gratuito e aberto de conversas em tempo real), os coletivos locais costumam encontrar-se fisicamente a intervalos curtos e regulares, e sempre que possível, aproveitando as manifestações para viajar e conhecer os membros de outros coletivos, a quem só conhecem virtualmente.

Muitos não vêm com bons olhos a prática do anonimato; a não ser, como já foi citado, em situações que redundem em risco de vida para o colaborador. Mas como esse não parece ser o caso na maioria das vezes, a defesa da identificação como prática imprescindível para a sobrevivência do grupo é amplamente difundida. E embora existam aqueles que acreditem que a vantagem numérica daqueles empenhados em manter a multiplicidade dos pontos de vista, é suficiente para suprimir a redundância e o ruído criado por uma minoria empenhada em subverter o conteúdo do fórum livre de discussões. Embora esse tipo de otimismo não seja a regra entre os ativistas, todos parecem concordar que a supressão de um canal livre para manifestações pode levar à ruína da proposta libertária geradora do CMI.

O curioso é que, na defesa da liberdade, surgem propostas contraditórias, como a publicada na IMC-tech novamente por Paul A. Houle. Ele sugere que haja algum tipo de autenticação para as pessoas que desejam publicar na “coluna da direita”. As mensagens identificadas poderiam ser veiculadas imediatamente, as anônimas, apenas depois de uma verificação de seu conteúdo. Antes de mais nada, este tipo de proposta contradiz a própria função inicial do espaço – promover acesso ilimitado e irrestrito à publicação. A política editorial prevê esse tipo de expediente para a coluna central, onde figuram as notícias que são

produzidas pelo coletivo editorial (ou por outros voluntários, que as submetem aos seus integrantes). No entanto, a avaliação prévia acabaria com a função de publicação aberta da coluna da direita, já que as regras seriam as mesmas que vigoram na coluna central.

Paul chega a propor a adoção de uma prática mais associada com as forças de vigilância e repressão oficial, que é o monitoramento tecnológico de quem escolhe o anonimato. A solução indicada seria o uso de um “cookie”⁸ específico pelo servidor do CMI, capaz de identificar o anônimo que publicou alguma mensagem de cunho agressivo, gerando uma mensagem de erro na próxima vez que ele tentasse utilizar o mesmo espaço de postagem. O computador utilizado da primeira vez teria seu acesso à publicação bloqueado permanentemente, independente do usuário. Essa medida seria ineficaz de qualquer jeito. Bastaria o aproveitador buscar outra máquina para continuar “criando ruído na rede”. Por outro lado, se ele tivesse acessado o CMI através de um computador público, o acesso seria bloqueado a todos os outros possíveis usuários que tentassem se conectar pelo mesmo aparelho. Este tipo de prática é muito mais identificado com o perfil de manobras para restringir a comunicação, desenvolvidas por grandes corporações e forças oficiais de repressão, do que por grupos de ativistas libertários. A proposta acabou não sendo levada em consideração.

1.3 Primeiros passos para uma Política Editorial

As publicações de conteúdo anti-semita foram as primeiras a gerar o debate sobre a importância de criar algum tipo de controle, que acabaram originando tanto o recurso dos “artigos escondidos” quanto a Política Editorial. Desde o primeiro momento, elas geraram reações inflamadas em favor de seu banimento, mas também houve quem, mesmo favorável à retirada, preferisse alcançar algum tipo de consenso em torno de uma metodologia, antes de

⁸ Cookies são arquivos de texto que são armazenados nos computadores durante o acesso a qualquer site. Eles contêm informações sobre a data e o site acessado, e servem para reconhecer o usuário quando ele retorna ao endereço que gerou o cookie. Embora muito os considerem inócuos, eles podem ser utilizados de forma clandestina por servidores interessados em obter informações sobre os hábitos de tráfego do usuário. Para informações mais aprofundadas a respeito do assunto em www.cookiecentral.com.

tomar qualquer atitude. E o coletivo de Praga, que durante os preparativos para o S16 sofre uma enxurrada de ataques de grupos neonazistas, foi o primeiro a propor parâmetros para a remoção de mensagens da “coluna da direita”, com o objetivo de esclarecer tanto ao seu coletivo editorial quanto quaisquer voluntários, que tipo de material o grupo não gostaria de ver publicado. Os pontos foram os seguintes:

- Matérias, artigos, fotos, videos, arquivos de áudio ou qualquer outro material difamatório ou caluniador. Isto pode ser definido como caracterizações pejorativas ou distorcidas de indivíduos ou grupos, com o intento de difamá-los ou apresentá-los de forma distorcida e inexata.
- Postagens que não sejam factuais. Para determinar se a comunicação não é factual, duas ou mais pessoas devem concordar que ela contém ou apresenta informações de maneira a conduzir ao engano. A remoção neste casos não deve acontecer segundo posicionamentos ideológicos.
- Postagens de natureza promocional. Anúncios ou qualquer outro tipo de mensagens que se aproveite do público do CMI-Praga para fins outros que não a distribuição de informação.
- Postagens destinadas à opressão. O uso de linguagem, imagens, ou quaisquer outras formas de comunicação voltadas para a propagação de conteúdo homofóbico, sexista, racista, xenofóbico e discriminatório a idosos, com o objetivo de silenciar opiniões, discursos ou grupos, não será tolerado pelo CMI-Praga. Às vezes a linguagem e a forma de expressão pode conter idéias opressoras, mesmo sem a intenção de oprimir (estes são casos mais complicados, em que devemos tentar contatar o autor ou autores, e pedi-los para recriar seu material sem utilizar maneiras de comunicação opressivas).
- Relevância: O site do CMI-Praga foi organizado para cobrir as notícias de Praga, da República Tcheca, assuntos sobre a globalização, sobre o Fundo Monetário Internacional, o banco Mundial, as ações desenvolvidas durante o S16, e outros assuntos relacionados aos movimentos de resistência. Mensagens a respeito da cor dos elefantes no sudeste da Ásia não são relevantes para o CMI-Praga. Mensagens sobre os efeitos da política econômica do FMI nas economias do sudeste asiático e seus efeitos resultantes sobre a cor dos elefante na região, sim.

Capítulo 2

Estudo de caso – A eliminação do CMI-Paraná

Um divisor de águas na formação de novos coletivos foi o processo de formação e dissolução quase simultânea do coletivo do Paraná (CMI-PR). Pode-se rastrear na lista de discussão brasileira a colaboração de voluntários paranaense de forma organizada desde outubro de 2002. Eles articularam-se em um grupo de 11 pessoas, e em 13 de janeiro de 2003 fizeram uma carta de apresentação formal, conforme uma solicitação da Política Editorial do CMI para a aceitação de novos coletivos. O comunicado é uma forma de os membros apresentarem sua proposta de atuação, os projetos locais exteriores à rede (que caracterizam-se como uma continuidade do trabalho na Internet, com o objetivo de difundir ainda mais a informação), e o grau de envolvimento do coletivo com a PE. Embora no geral a carta tenha recebido uma boa aceitação pelos integrantes da rede, alguns pontos específicos foram motivos de ressalvas, que trataremos separadamente, a seguir:

- 1) o grupo declarava-se como “imparcial” na produção de notícias;
- 2) o grupo afirmava o desejo de contribuir para o “desenvolvimento sustentável”, fundamental ao “progresso do país”;
- 3) três integrantes do coletivo eram filiados a partidos políticos.

Em primeiro lugar, foi questionada a menção do conceito de “imparcialidade” na produção midiática do CMI. Entre os ativistas, um ponto primordial de consenso é que “toda a narrativa é subjetiva e parcial”. A imparcialidade é um mito criado pela imprensa corporativa para ocultar seus interesses econômicos e de poder. A independência do CMI não se caracteriza pela busca por uma suposta “pureza dos fatos”, mas justamente o oposto. Pela característica descentralizada do meio em que foi instituído, e por se aproveitar do aparato

tecnológico para permitir que a qualquer pessoa a possibilidade de produzir notícias, o CMI posiciona-se contra a assepsia da mídia convencional, privilegiando em seu lugar o relato único, pessoal e intransferível de quem está presente no momento do fato, contribuindo para o seu desenvolvimento.

A segunda ressalva feita à carta de apresentação dos paranaenses foi o uso de expressões características do vocabulário ideológico da direita. A linguagem é dos pontos mais fortes e sutis de marcação de poder, conforme apontou Foucault em inúmeros trabalhos. A adoção de uma postura ativista, libertária e não-hierárquica exigiria um rompimento com as amarras ideológicas presentes no uso da linguagem. Na expressão “desenvolvimento sustentável” está embutida a aceitação dos parâmetros econômicos, políticos e sociais, estabelecidos pelas instituições do capitalismo neoliberal. O mesmo tipo de carga simbólica está presente quando os futuros integrantes falam de “progresso do país”. Como bem lembra o comentário da voluntária Marília Rodrigues no dia 14 de janeiro (Anexo 4), “progresso é entendido como o avanço em relação à ordem do capitalismo”. O ativismo dos “novos movimentos”, entretanto, extrapola a idéia de fronteiras e países. A idéia de “nação” remete diretamente à herança ideológica do princípio da era moderna, quando o poder temporal das monarquias absolutas substituiu o poder divino da Igreja, e o monarca toma para si o monopólio da violência e do terror, como garantia de proteção contra a ameaça da multidão, representada pela guerra de todos contra todos. A multidão hoje poderia ser caracterizada pelos ativistas dos “novos movimentos”. Como a luta dos ativistas envolve a derrota do capitalismo e o fim da auto-aniquilação do indivíduo pelo martírio em nome do Estado, é natural que as citações tenham causado espécie aos ativistas mais antigos.

2.1 Militância política, ativismo e autoritarismo

Se, no entanto, os dois primeiros itens receberam críticas generalizadas, de tom quase sempre moderado, o mesmo não aconteceu em relação à menção de integrantes de partidos políticos. Isso porque os militantes políticos são, na opinião dos ativistas, comprometidos com uma estrutura hierárquica, em que o pertencimento prevê o abandono da vontade própria

(como no caso da configuração do Estado), em nome da obediência às diretrizes vindas de um grupo de pessoas a quem se atribui uma “competência maior” – a cúpula do partido. Os militantes enquadram-se no conceito de “massa” proposto por Nietzsche, em que “massa não passa de massa de manobra na mão dos poderosos”. A massa, cuja origem também está ligada à formação do estado moderno, representa a ameaça do despotismo à democracia através da revolta coletiva instintiva. No entanto, ela encarna uma revolução equívoca, pois sua irrupção não ultrapassa a lógica moderna do contrato social. Ela opera no o terreno da irracionalidade, onde se faz necessário um cérebro para manipulá-la. A desconfiança dos ativistas vem, segundo um dos ativistas lembra, de uma “artimanha” comum a militantes stalinistas e trokystas, de se infiltrar em grupos para cooptar as lutas para seus interesses políticos. Este ponto em especial gerou uma discussão acirrada entre os membros mais antigos do grupo, sobre a aceitação ou não de partidários. Alguns defendiam que se pode separar militância de ativismo, e que a própria estrutura da rede se encarregaria de eliminar qualquer tipo de viés partidário; enquanto outros achavam que a simples presença deles seria o bastante para colocar a estrutura da rede em risco.

Outro ponto que acabou sendo mencionado nas das discussões, embora com menos ênfase, foi o fato de este ser o primeiro coletivo estadual da rede. Os dez coletivos existentes no Brasil são baseados em cidades. O CMI-Paraná pretendia se constituir numa estrutura dividida entre sete cidades (Curitiba, Londrina, Maringá, Cascavel, Toledo, Foz do Iguaçu e Ponta Grossa). As reuniões municipais “físicas” seriam semanais, os encontros estaduais seriam realizados via IRC na mesma periodicidade, e pelo menos uma vez por mês o coletivo disperso se encontraria em um lugar a ser decidido. Os membros mais antigos da rede alertaram para a dificuldade de se administrar um coletivo sem encontros cara a cara. O processo de tomada de decisões seria, segundo eles, muito mais lento, maçante e difícil. Como apontou Philipe Ribeiro, integrante de longa data do coletivo de São Paulo

uma reunião cara-a-cara resolve mil e um problemas que horas e horas de Internet não o fazem. Isso nós estamos vendo na Rede CMI Brasil, que muitos assuntos, como

partidários x apartidários na Rede CMI Brasil não são discutidos a fundo nem se tira nenhum encaminhamento porque na Internet é muito difícil estabelecer qualquer tipo de diálogo.⁹

Na ocasião da apresentação da carta de intenções, muitos dos colaboradores mais antigos ou mais participativos da rede Brasil encontravam-se envolvidos na da cobertura do Fórum Social Mundial 2003, em Porto Alegre. Estabeleceu-se que a aprovação do novo grupo só seria decidida depois do fim do evento. Entretanto, as críticas apontadas anteriormente e o demorado processo de decisão sobre a entrada do grupo transformaram o que deveriam ser conversas sobre a adequação aos princípios de uma organização de imprensa libertária, em reação violenta. Em pouco mais de 20 dias, os paranaenses começaram a se sentir preteridos, já que não recebiam uma resposta definitiva. Algumas pessoas ligadas ao futuro CMI-Pr começaram a publicar mensagens na lista de discussão nacional, insinuando que teriam seu pedido de ingresso à rede vetado. Apesar dos esforços gerais na lista para tentar não polemizar, explicando que as ressalvas faziam parte do processo normal de adequação às idéias veiculadas à rede, dois eventos contribuíram de forma definitiva para a derrocada do coletivo: uma mensagem de Miguel, do grupo de vídeo do CMI-Rio, que se manifestou frontalmente contra a criação do CMI paranaense naquele momento. A outra foi uma acusação feita por um suposto membro da rede de que eles não seriam aceitos. Este personagem, que jamais foi identificado, se solidarizava com os futuros preteridos, e os aconselhava a participarem como uma organização autônoma à rede Brasil, nos moldes do CMIs de Chiapas e Tijuana.

Depois dessa mensagem, no dia seis de fevereiro onze componentes do grupo do Paraná anunciam publicamente na lista brasileira seu desligamento formal, declarando-se injustiçados, e disparando acusações violentas contra a estrutura do CMI, que acusam de sectarista e burocrática disfarçada de “política de consenso”.

Não vamos agüentar declarações, acusações, bloqueios, sem qualquer fundamento, somente para poder fazer parte de uma rede com um fundo global. Queremos

⁹ Ver a primeira mensagem do Anexo 4.

uma mídia independente? Sejamos independentes! Nós não temos estrutura, nem patrocínio, para bancar um prédio e computadores, temos pouca experiência, mas temos muita vontade de mostrar os fatos às pessoas exatamente como eles acontecem. Não gritamos contra o capital e logo depois aceitamos que alguém, em nosso nome, peça dinheiro a burguesia. Podemos promover nossos próprios avanços, na área técnica ou editorial, apesar de termos 'hormônios a mais', como foi dito. Apesar de sermos ingênuos – aliás, devemos ser mesmo, para acreditar por tanto tempo que uma estrutura como a do Cmi-Brasil possa ter algum futuro na melhoria das comunidades e gastarmos nosso tempo com isso. Nossos sinceros agradecimentos, àqueles que nos ajudaram, nos alertaram, e trabalharam em prol dos verdadeiros princípios da Indymedia, que tanto se contradizem quando interpretados por algumas pessoas que se acham donas da verdade.

A reação foi repentina e inesperada. Um dos consensos a respeito do ocorrido foi que o Paraná se apressou demais em formar o coletivo, quando o certo deveria ser a participação mais efetiva no fortalecimento da rede. Antes de ostentar a “grife” Centro de Mídia Independente, o ideal seria colaborar individualmente ou em grupo com produção de notícias ou criando projetos locais, para ampliar a compreensão dos métodos de trabalho, formas de atuação. A formação de um nó autônomo, de um coletivo, deveria ser deixada para um segundo momento, depois do amadurecimento das práticas constituintes. Os erros cometidos na carta de apresentação foram frutos dessa falta de informação. Defendeu-se a adoção de um “período de testes”, onde os candidatos a coletivo passariam por uma avaliação sobre suas intenções, já que apenas uma carta de aprovação é muito pouco para definir o grau de entendimento das implicações de se pertencer a uma rede autônoma de produção de notícias.

A desistência em massa levou os integrantes da rede Brasil a uma auto-crítica a respeito da forma como a comunicação foi conduzida na lista de discussão nacional. Aqui cabe uma pequena explicação: todos os coletivos possuem listas regionais, onde são tratados todos os temas relativos à organização e às decisões locais. Depois de esgotadas as possibilidades e de todos os interessados terem opinado é que as resoluções – ou impasses – devem ser transmitidos à lista nacional, de preferência sob a forma de resolução do coletivo (e não individualmente). Outro mecanismo é levar as discussões para reuniões via IRC,

agendadas com todos os coletivos. Essas medidas evitam a redundância e o excesso de mensagens causadas por comunicações isoladas – e, conseqüentemente, o enfraquecimento da rede. A formação de um novo coletivo foi anunciada quando praticamente toda a estrutura nacional estava voltada para a montagem de uma central de produção e transmissão de multimídia diretamente do Fórum Social Mundial, Porto Alegre. A urgência do tempo e o grande número de problemas de logística ao redor do evento (conseguir dinheiro com o coletivo financeiro internacional, encontrar um prédio para acomodar o aparato do CMI “móvel” e voluntários, credenciamento de imprensa, etc.) levou a uma sobrecarga de assuntos na lista Brasil. Em vez de discutirem localmente os problemas com a carta de apresentação do grupo do Paraná, para então levarem o parecer final, com todas as considerações e ressalvas, em bloco, as pessoas começaram a se manifestar individualmente, sem ponderação. A maneira como o participante do Rio “bloqueou” o acesso foi intempestiva e autoritária. Talvez sua postura só não tenha recebido críticas mais incisivas por ser ele um membro presente desde a formação da rede, e bastante atuante. Isto nos leva ao problema da reputabilidade apontado por Rheingold. A atitude do ativista em questão foi arbitrária e precipitou a queda de uma parte da rede. Qualquer outra pessoa na mesma situação estaria talvez passível de sofrer um boicote ou impedimento, mas como ele tinha acumulado bastante capital simbólico por suas colaborações anteriores, pôde desfrutar do benefício da dúvida. O máximo que lhe aconteceu foi ser alvo de alguns comentários tímidos.

2.2 Auto-Crítica e ruído na rede

Este foi o episódio que melhor ilustrou a fragilidade do equilíbrio de uma rede que se pretende auto-gestionada. É preciso que todos os indivíduos que a compõem estejam conscientes dos processos narrativos que regem os princípios do grupo, e em comunicação constante, para reforçar os laços de contato e manter um certo padrão de comportamento, através de um certo grau de controle, que impeça irrupções individuais que venham a perturbar o funcionamento da rede (é importante ressaltar que o controle aqui referido não é sinônimo de coerção, mas de reforço através do exemplo). Quando teve a oportunidade de manifestar-se individualmente, falando em seu próprio nome, e não representando o grupo a

que pertence, algumas vezes ele expressou opiniões que são totalmente contrárias aos princípios da rede. Primeiro na questão do bloqueio sumário. No email, ele afirma ser naquele momento “radicalmente contra a criação do novo coletivo, por achar que o processo precisa ser melhor discutido. No entanto, ele age como um déspota e usurpa a capacidade de decisão do grupo ao declarar que “se tiverem falando em aprovar esse coletivo já, eu bloqueio”. Algumas mensagens depois, ao explicar os motivos pelos quais se pronunciou contrário à aprovação, ele toca na controvérsia sobre a presença de filiados a partidos políticos no CMI. E pergunta: “Então qualquer um entra pra rede CMI-Brasil? Não”. Esse tipo de declaração entra em contradição com a política editorial, que afirma que “pretende dar voz aos que não têm voz” e que oferece uma estrutura que permite “que qualquer um disponibilize textos, vídeos, sons e imagens tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações”.

Capítulo 3

Esperanto – A utopia falada

O Esperanto foi criado pelo oculista polonês Ludovic Zamenhof em 1887, num esforço para estabelecer um idioma universal, neutro e independente, visando a igualdade nas comunicações internacionais, e a proteção das línguas minoritárias do colonialismo cultural. A estrutura foi montada sobre o vocabulário das principais línguas européias (à exceção dos sons particulares dos idiomas), com 16 regras gramaticais fixas e um sistema de prefixos e sufixos. Em 1905, Zamenhof apresenta sua criação ao mundo, através do livro “Fundamento de Esperanto”. No mesmo ano, realiza-se um congresso em Paris, com quase mil pessoas. Apesar da rápida disseminação, o Esperanto foi combatido por Hitler, que o via como “uma arma do judaísmo internacional”, e por Stalin, para quem a língua foi considerada um “cosmopolitismo burguês”; razão que estendeu o banimento ao movimento operário comunista e aos sindicatos ligados a ele. Somente depois da guerra a língua volta a ser reconhecida por seu valor para a educação, ciência e cultura¹⁰.

Movidos por princípios igualitários, pelo sabor de utopia, e pela necessidade de uma maior eficácia na comunicação nas listas globais (<http://lists.indymedia.org/#Global>), muitos dos jovens ativistas do CMI ressuscitaram o Esperanto. Devido à origem norte-americana do movimento, e a expansão dos primeiros coletivos naquele país, acabou-se por instituir o inglês como língua oficial para as discussões pela Internet. Mesmo quando os coletivos começaram a expandir-se pela Europa, onde o ensino de inglês faz parte da formação dos estudantes, não houve grandes problemas. Mas assim que o movimento de mídia alternativa proposto pelo CMI passou a espalhar-se pela América Latina e outros países da Ásia, resistências pontuais começaram a aparecer. Segundo registro, o questionamento do inglês como língua oficial para as questões internas surgiu através de três membros do pioneiro

¹⁰ As diversas referências sobre a origem e estrutura do esperanto foram retiradas da página virtual da Liga Brasileira de Esperanto (<http://www.esperanto.org.br>) e do Kultura Centro de esperanto de Campinas (<http://www.aleph.com.br/kce/oquee.htm>).

coletivo de São Paulo¹¹, sendo logo depois discutida no Rio de Janeiro no encontro semanal “ao vivo” realizado pelo grupo em 5 de agosto de 2001. O coletivo carioca propôs a utilização da algaravia como alternativa. No dia seguinte, a discussão ganhou a lista nacional (*cmi-brasil*), e logo tomou conta da rede mundial – fato que não seria difícil de imaginar, se levarmos em consideração que, na ocasião, mais da metade dos 142 coletivos espalhados pelos cinco continentes já estava em funcionamento, que publicavam majoritariamente em quatro idiomas locais (inglês, espanhol, português e italiano). Pior do que a possibilidade de ruído, nesse caso, é a disrupção da rede pelo impedimento da língua.

A discussão em torno da adoção do Esperanto como idioma global da rede é interessante porque levanta aspectos sobre aspectos de pertencimento a um grupo. Os laços que mantêm comunidades virtuais são extremamente precários, e o uso de um idioma que colocasse todos em patamar de igualdade poderia marcar de forma mais evidente o engajamento dos ativistas; igualando-se à participação como instrumento determinante para a aquisição de capital simbólico e prestígio na rede. O empenho pessoal no aprendizado abriria a qualquer um a possibilidade de adquirir um passaporte para o Olimpo das decisões internacionais, sem que a língua fosse um obstáculo – principalmente para latinos, para quem o acesso ao inglês não é simples. Se em teoria, a idéia funciona bem, na prática, o processo é mais complexo, conforme veremos a seguir. De forma bem crua, o que se propôs foi trocar uma língua que alguns falam, por outra que ninguém fala. Para os norte-americanos, abrir mão da língua natal é impensável, principalmente em se tratando de uma iniciativa deles próprios, como é o caso do CMI – mesmo que a inspiração tenha partido dos ideais de guerrilheiros mexicanos. Para ingleses, e demais nações a Europa Ocidental, a proposta também deve parecer um tanto surrealista (com exceção, talvez, da França, graças à sua histórica rixa com o idioma saxônico). O problema principal da adoção do Esperanto é o hermetismo. Curtis Vaughan¹² lança uma questão retórica muito pertinente ao debate: pode o problema da comunicação ser resolvido simplesmente pela indução do Esperanto? Ele lembra que a iniciativa norte-americana de se criar um inglês mais acadêmico na metade do

¹¹ Segundo informação relatada na lista por Pablo Ortellado no dia 11 de agosto de 2001 (ver Anexo 3).

¹² Ver no Anexo 3 a mensagem “Apoio a proposta [sic] do Esperanto do CMI Russia postada por Pablo Ortellado, em 10/08/2001. Ele responde aos argumentos de Curtis, contidos no corpo de sua mensagem.

século 20, sofreu do mesmo problema. Optou-se pela utilização de uma linguagem extremamente técnica, que apesar de mais científica e precisa, só falava para os próprios pares; ficava restrita à esfera dos experts, e não contribuía para o aprimoramento da sociedade.

No caso do Brasil, o mesmo problema foi abordado logo no início das discussões, e por um dos entusiastas. Apesar da concordância de que “romper com inglês (...) é ótimo”, Miguel lembra que a medida poderia afastar os novatos, pois “elas só poderiam participar das discussões depois de aprender [o Esperanto]”. Ele ainda levanta o problema do tempo de aprendizado, e, mesmo sendo a favor da proposta, se diz sem tempo para tal empreendimento. E assim dividiram-se as opiniões sobre a adoção do Esperanto; do lado dos entusiastas, houve quem aproveitasse para reacender o velho revanchismo contra os EUA – como se um país pudesse encarnar sozinho o mal capitalista, o imperialismo e a opressão. Um grupo mais “conciliador”, encara o Esperanto não como forma de protesto, mas como possibilidade de ampliar a participação e o acesso às decisões (principalmente para os latinos), além de servir como código, para a proteção da comunicação interna. No entanto, quem se posiciona contra o Esperanto argumenta que lutar contra o inglês é perda de tempo, e que se o objetivo da rede é expandir a comunicação, não vai ser uma língua ressuscitada (que não deu certo em seu tempo) que vai dar conta do problema. Esse tipo de crítica aparece logo no início do debate, e vai caracterizar o pólo divergente. Se “a idéia é se comunicar”, escreve Beto Macedo, “o melhor é simplificar”. No dia seguinte, a primeira manifestação favorável ao Esperanto, encerra uma postura radical e um tanto equivocada. Embora afirme que a idéia não é eliminar o inglês, ele define como incoerente a postura de quem de dia participa de uma manifestação contra o McDonald’s e de noite paga para estudar inglês no IBEU, além de ir “aperfeiçoar o idioma” na Inglaterra. Aqui manifesta-se a face obscurantista do ativismo, que confunde pluralismo com entreguismo, e, em nome de uma pureza de ideais, mostra-se mais favorável a um isolamento do que à integração e à mistura de referências. A impressão é que se tem é a de que alguns dos participantes mais antigos estão embebidos nas tradições e práticas stalinistas de militância partidária, em que o diferente deve ser expurgado. Embora não fique claro pelas mensagens selecionadas neste

trabalho, o acompanhamento das listas de discussão permite observar os ativistas fazendo referências às suas experiências anteriores em política partidária. A impressão que se tem é a de que antigos cacoetes hierárquicos – como é comum entre as organizações políticas de esquerda – se repetem, tornando difícil de se criar paradigmas de comunicação, organização e comunicação libertários.

Curiosamente, são as pessoas que estão chegando ao CMI que parecem apresentar uma maior abertura de idéias. Além do supracitado exemplo de Beto Macedo, no dia 9 de agosto, uma mensagem enviada por Heloize, que traça um paralelo interessante entre o caráter plural do CMI com o movimento antropofágico da geração de 1922. Mesmo se mostrando favorável à implementação gradual do Esperanto, ela salienta que interessante seria “deglutir a língua anglo-saxã” como forma de subverter “ferramentas veiculares da comunicação contemporânea”. A afirmativa está totalmente de acordo com a proposta dos novos movimentos, nos quais a proposta da mídia independente virtual se insere. Como destaca Nicolau Sevcenko no prefácio do livro de José Chrispiniano, a “Revolução da Microeletrônica” pariu na tecnosfera uma geração que não apenas conhece, mas interage e inventa novas conectividades. Sem se posicionarem como arautos ou detratores dessas novas ferramentas, eles

podem articulá-la como um potencial para o desenvolvimento pessoal, comunitário e coletivo. E no processo, naturalmente, compreenderam como transformar esses recursos informacionais e comunicativos em poderosas ferramentas para a mobilização, o esclarecimento e a crítica política.¹³

É freqüente encontrar, no discurso favorável ao Esperanto, argumentos de que uma ordem política igualitária só será possível com o uso de um idioma que não seja “étnico ou nacional”; que o uso do inglês reforça o “imperialismo cultural norte-americano”; e até que o idioma não seria adequado para a comunicação global porque “não foi capaz de resolver o problema da comunicação mundial”. Essas afirmações encerram uma série de contradições e

¹³ p.12, in *A Guerrilha surreal* (Conrad Editora do Brasil, 2002),

incoerências. Primeiro, atribuir a um idioma o poder de eliminar preconceitos e ideologias, levando os falantes a uma igualdade de condições de se expressar, eliminando os preconceitos e ideologias, é fruto de uma crença transcendental de que a humanidade caminha invariavelmente para seu progresso, aperfeiçoamento e emancipação – como defendiam Kant, Hegel, e posteriormente, Marx.

Presumir que o uso de um idioma, qualquer um, seria o bastante para estabilizar as relações internacionais, é o equívoco contido na afirmação acima, que cobra da língua inglesa a resolução para os conflitos mundiais. Seria como acreditar no princípio da inevitabilidade da dominação; seria um retorno a Pax Romana – a conformidade com a ordem romana como forma de trazer paz e justiça a todos. Foi através deste expediente que o Império Romano conseguiu dominar o mundo por 250 anos, e séculos depois os teóricos do neoliberalismo como Daniel Bell e, posteriormente, Francis Fukuyama, utilizaram para justificar a supremacia do império capitalista norte-americano; o primeiro pregando o fim das alternativas ao capitalismo industrial com o “fim da ideologia”; e o segundo – a partir da queda do muro de Berlim – “o fim da história”, quando o mercado internacional criaria uma era de tranquilidade, estabilização e ausência de conflitos¹⁴.

Também é importante pensar como se desenvolveria na prática o processo de implantação do Esperanto. Os participantes do coletivo paulista conseguiram um espaço físico e pessoas com disponibilidade de ensinar o idioma gratuitamente; foram encontrados cursos on-line que também disponibilizam conteúdo de graça. Segundo as mensagens trocadas na rede, ativistas de Portugal, França e Espanha se mostraram interessados na proposta de adotarem o idioma como alternativa ao inglês. Mas o empenho pessoal é o ponto crucial para o sucesso da empreitada. Como foi destacado em um dos emails, mais do que impor ou aprovar a proposta, é preciso conseguir a adesão. Como já foi dito, Miguel, um dos participantes mais ativos do coletivo carioca, se disse sem tempo para engajar no estudo da

¹⁴ Para mais informações a este respeito da visão, ver o livro *Cyber-Marx*, de Nick Dyer-Witheford (University of Illinois Press, 1999). O segundo capítulo, “Revolutions”, desenha um panorama histórico da utilização de conceitos como “pós-industrialismo” e “revolução da informação como justificativas para legitimar o capitalismo.

língua, mesmo sendo favorável ao uso. A postura certamente se repetirá com muitos outros. Se um dos diferenciais de uma rede horizontal como o CMI está justamente no fato de que a contribuição individual ocorre na medida das possibilidades de cada um, e as alianças são circunstâncias, móveis e mutantes, em vez de constantes uniformes, a imposição posturas ou tarefas seria um retrocesso aos tempos da antiga militância partidária, botando em risco a organicidade das paixões que perspassam os novos movimentos. Como apontou Henrique Antoun, a crítica de Sartre no prefácio da *Crítica da Razão Dialética* à visão da militância marxista de doutrinar o militante a ter como único objetivo de vida a realização da revolução. Os desejos e aspirações pessoais pasavam a ser considerados caprichos pequeno-burgueses incompatíveis com o triunfo do proletariado.

A atitude militante acaba por transformar o desejo libertário da revolução no pesadelo totalitário do stalinismo. O ativismo recusa a militância para construir uma vida ativa ao mesmo tempo pública e secreta através dos sistemas hipermídia, inventando modos de viver no novo meio que reúnam realização individual e atividade comunitária como expressão de um mesmo combate político.¹⁵

Por último, a adoção do Esperanto criaria o que eu chamo de uma “hierarquização benévola”. As listas de discussões seriam acessadas apenas por uma elite de falantes, que teriam praticamente acesso irrestrito à tomada de decisões. A disseminação das informações sofreria os mesmos problemas de tradução que enfrenta hoje, com o agravante de que hoje, mesmo que não se entenda o inglês, pode-se acompanhar os processos através das várias de listas latinas. Mas no caso do Esperanto, qualquer um sem domínio completo da nova algaravia estaria excluído. Para mascarar a arbitrariedade, seria forjada a desculpa benevolente do empenho pessoal. Como prega a lógica do evolucionismo neoliberal, apenas os mais aptos estariam preparados para participar, aos preguiçosos que não se esforçarem para aprender corretamente a nova forma de expressão restaria o ostracismo. Esse tipo de atitude remete também à divisão do trabalho capitalista, que instituiu a figura dos

¹⁵ “Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia”. In <http://www.eco.ufrj.br/ciberidea/equipe/pdf/antoun/novamidiafamecos.pdf>

especialistas, com domínio absoluto sobre sua arte ou ofício, em detrimento de uma massa ignorante. Em vez de fazer com que a informação circule entre todos os membros de uma comunidade, o capitalismo industrial mitifica o profissional como detentor de um saber transcendente. Essa postura vai frontalmente de encontro aos princípios que fomentaram a criação do CMI – retirar o monopólio da notícia das mãos da grande mídia capitalista, transferir o poder de divulgar idéias e notícias para que qualquer um seja capaz de se manifestar e inventar modos novos e independentes de participação.

Capítulo 4

Doação da Fundação Ford

A proposta de uma doação da Fundação Ford ao Centro de Mídia Independente norte-americano apareceu pela primeira vez na lista de finanças em setembro de 2002, durante a

conferência *Reclaim the Media! A Community Media Convergence 2002*, que aconteceu em Seattle, entre os dias 11 e 15 daquele mês. O evento reunia diversos jornalistas, ativistas e organizações comunitárias, engajados na produção e distribuição de mídia não comercial, autônoma e comunitária¹⁶. Sheri Herndon, uma das organizadoras, é apresentada a Becky, representante do departamento de políticas de mídia e eletrônica da Fundação Ford. Ao conversar com oito membros do IMC, ela surpreendeu pelo interesse e o apoio dado à formação de estruturas descentralizadas, e ofereceu-se, para, em nome de sua entidade representativa, fazer uma doação de U\$ 50 mil. Depois de ouvir os relatos do grupo, ficou decidido que, melhor do que utilizar o dinheiro para uma conferência global, seria criar um fundo de viagens, de maneira a proporcionar reuniões “reais”, já que esse se apresentava como o maior desafio para a organização e o desenvolvimento da rede. Os fundos iriam para o coletivo Urbana-IMC, e seria distribuído para os demais coletivos à medida em que a necessidade dos encontros se tornasse necessária, sendo elas locais, nacionais ou mesmo continentais.

No entanto, quando a proposta foi encaminhada às listas para formalizar a decisão, surgiu um dilema, levantado por Sebastian Hacher, ativista do CMI-Argentina. Ele se posicionava contra a doação da Fundação norte-americana, e seu argumento baseava-se em dois pontos: um artigo do sociólogo James Petras, que acusa a FF de colaborar com a CIA durante a Guerra Fria, especialmente no fomento à ditaduras latino-americanas a partir dos anos 50 e 60¹⁷; e no depoimento do historiador “ativista radical” Osvaldo Bayer, ligado ao Movimento das Mães da Praça de Maio, para quem aceitar o dinheiro seria “um insulto à memória das ‘comadres’ desaparecidas”. A partir dessa polarização, emergirão questões como “receber uma doação de uma fonte aparentemente corrompida pode ou não comprometer o desenvolvimento de uma rede autônoma?”; “deve-se recusar doações de fontes das quais se discorda das atividades e da visão de mundo?”; “até que ponto se pode reverter a origem corrompida de uma doação, através de ações que fomentem a liberdade e a democracia?” A resposta parece ser óbvia – deve-se aceitar o dinheiro, desde que se

¹⁶ Para maiores informações sobre o coletivo Reclaim the Media, na webpage www.reclaimthemedias.org.

¹⁷ “The Ford Foundation and the CIA: A documented case of philanthropic collaboration with the Secret Police”. In <http://www.rebellion.org/petras/english/ford010102.htm>.

mantenha a autonomia das decisões sobre o destino do dinheiro, e fique marcada uma posição de independência do CMI em relação a qualquer doador, seja uma instituição ou pessoa física.

A princípio, apesar da primeira recusa do coletivo argentino, a maioria dos ativistas se mostra favorável ao dinheiro, desde que se respeitem os limites estabelecidos pelo CMI. Parece claro que o mais importante no momento é enfrentar o desafio de reforçar a estrutura da rede, tornando mais democrático o processo decisório, do que propriamente marcar uma posição política contra a FF, que “em quatro meses estará esquecida”. Alguns ativistas apontam que a questão sobre a pureza da fonte de dinheiro não é tão importante, mesmo porque, como foi dito na lista, o gerenciamento de fundações e instituições de fomento é muito complexo, e elas acabam sendo pressionadas pelo poder a participar, em certa medida, do jogo perverso da dominação, em troca de um bem maior. E mesmo que, na raiz, a política de ação de uma instituição seja problemática, iniciativas individuais podem criar direcionamentos progressistas. Pablo Ortellado, do Brasil sustenta essa opinião, indicando que a FF financiou diversos intelectuais de esquerda que haviam sido arbitrariamente demitidos das universidades públicas, nos anos 70.

Mas a situação chega a um ponto crítico quando o coletivo argentino escreve e envia uma mensagem gigantesca, explicando ponto a ponto o papel nefasto atribuído à FF, não se restringe apenas às ligações passadas com a CIA e as ditaduras latinas, mas estende-se até aquele momento, em que o país vive a pior crise de sua história. A intenção é mostrar quais são as “verdadeiras intenções” por trás do interesse da FF pelo CMI, indicando o suposto *modus operandi* da instituição para enfraquecer qualquer tipo de organizações que não se alinhem diretamente à “política imperialista dos EUA”. Segundo os argentinos, uma das estratégias utilizadas pela fundação para manter o controle é isolar os setores sociais mais radicais, através de financiamentos e ajudas econômicas aos setores mais moderados e menos polêmicos. No caso das instituições educacionais, as exigências de produtividade, profissionalização acadêmica e elevação no padrão direcionam o trabalho científico para os pressupostos e valores estabelecidos pela política neoliberal. Para eles, a intenção da FF de

colaborar com CMI deve-se à percepção do rápido crescimento dos movimentos antiglobalização, estimulados, sobretudo, pelos avanços tecnológicos que possibilitaram o surgimento de aparatos de publicação aberta, e permitiram a criação de redes horizontais e descentralizadas. A expansão alcançada pelo CMI em um primeiro momento, tem levado a uma mudança do eixo de crescimento, fortalecendo a rede em áreas de conflito iminente, como Chiapas, Palestina, Bolívia e Equador, entre outros. Mas a preocupação é que, com a injeção de dinheiro, o CMI seja cooptado e acabe por se transformar em uma rede inofensiva, como Sebastian afirma que aconteceu com o Greenpeace na Argentina – virou um escritório de marketing, mas preocupado com lobbies do que com ações diretas e lutas genuínas. A própria intenção de a doação ser voltada para financiar viagens, e não para a compra de equipamentos ou pagamento de pessoal, é apontado como uma tentativa de direcionar o uso do dinheiro.

Mas, sob o manto dos fatos apresentados (genéricos e de objetividade questionável, é bom que se diga), o CMI Argentina conseguiu barrar a proposta transformando a discussão em um tango – sofrido e dramático. Segundo os ativistas, receber esse dinheiro seria uma desonra (“quem recebe subsídio dessa fundação é apontado como traidor), acarretando na “morte” do coletivo portenho (“não seria correto sacrificá-lo no altar das corporações”). Ao se negar a receber mesmo “um tostão dessas mãos que estão sujas com o sangue de nossos camaradas”, foi adiada uma importante oportunidade em direção à exploração de novas possibilidades na comunicação em rede. Utilizando um discurso que misturava sentimentalismo e fatos genéricos mal-apurados, a questão foi polarizada entre dinheiro e solidariedade. Embora não sejam contra a política de doações, e mesmo “necessitando delas com toda a urgência”, eles têm em vista a importância (“por demais transcendental”) do CMI para a reunião dos movimentos naquele país; e por isso mesmo, “não seria direito arriscá-la por uns trinta dólares”.

Diante da possibilidade real de colapso do coletivo portenho, e da própria ameaça disrupção da rede, o julgamento mudou radicalmente, e a maior parte das opiniões foi contra a aceitação da subvenção. A maioria das mensagens reitera a solidariedade à opinião

“traumatizada” dos argentinos, acrescentando que não vale a pena “envenenar a rede” por causa de uma doação. Mais importante é manter sempre os canais de comunicação abertos ao diálogo, e que prevaleça a liberdade de expressão, o livre debate de idéias e o respeito pela opinião alheia.

No entanto, questões importantes foram levantadas, mas acabaram ficando em aberto – como sobre o peso que um coletivo local pode ter para barrar uma decisão global, da qual ele nem estaria diretamente envolvido em um primeiro momento. O dinheiro oferecido pela FF possibilitaria dois anos de viagens para encontros entre os coletivos (de acordo com os cálculos de Sheri). O CMI-Argentina poderia ser – ou não –, em algum momento, um dos beneficiados, como muitos outros, dependendo das circunstâncias. Mas em nenhum momento, a argumentação local poderia se sobrepor à vontade global, principalmente quando se trata de uma decisão que afeta a rede como um todo. O curioso é que, na última mensagem selecionada, Sheri cita um encontro que, por casualidade, teve com James Petras, no auge do debate. Ela conta como ele foi persuasivo na explanação de seus argumentos contra o recebimento da doação da FF; porém, salienta que ele afirma que se os fundos fossem para os CMIs baseados nos EUA, e não para a América Latina, ele não teria sido contrário ao seu recebimento. Ou seja, o próprio autor do artigo utilizado como fonte da controvérsia diz que não vê mal absoluto na Fundação. E já que como o dinheiro ficaria concentrado no Urbana-IMC (localizado em Seattle), a decisão não poderia ser aceita sem uma maior participação dos outros interessados.

O grande desafio das comunidades ativistas autônomas será criar processos democráticos de decisão para as redes de laços precários e instáveis, onde cada nó desenvolva uma dupla consciência, de todos os outros nós, e ao mesmo tempo, da totalidade da topologia. Assim vai ser dado o primeiro passo em direção ao fim das distorções nas comunicações, como foi observado neste capítulo.

Conclusão

O advento da Internet permitiu o surgimento de um tipo de paradigma de comunicação e gestão diretamente ligada a estruturas horizontais, descentralizadas e colaborativas. O acesso à produção de conteúdos acabou por desenvolver um sistema de máquinas sociais que

emerge de maneira imprevisível e, graças à sua natureza dinâmica, capaz de absorver o novo. A lógica dos computadores pode então compartilhar da mesma essência que rege a vida, no que ela tem de múltipla e "anárquica". Diante dessas características, surge o problema de como proceder ao estudo de um objeto múltiplo? Como aplicar um método a algo que não apresenta modelo, que é puro fluxo e transição, que só pode ser apreendido quando deixa de ter vitalidade? No ensaio *Towards an Ontological Definition of the Multitude*, Negri observa que as análises modernas da exploração são postas em questão quando o modelo da subjetividade sobre a produção. Ele indica que talvez estejamos vivendo o limiar de uma nova época, em que os critérios e dispositivos de análise ainda estão para ser propostos.¹⁸

A emergência dos “novos movimentos” como consequência da alta conectividade inaugurada pelo processo de apropriação dos meios de comunicação e marca a possibilidade do retorno da multiplicidade de discursos – cada um com demandas absolutamente próprias, movendo-se em busca de autonomia, para fora da esfera de atuação do Estado. Se por um lado, muitos não têm tradição de militância, por outro, esse viço vai ser fundamental para estabelecer uma revisão autocrítica dos processos de resistência ao capitalismo.

Um artigo assinado pelo grupo *Reclaim the Streets* conclama todos a "abandonar o ativismo"¹⁹. A figura do ativista como um *expert* da mudança social é fruto da divisão moderna de trabalho, que separa os saberes específicos, transformando o conhecimento em mercadoria e não em bem comum repartido por toda a sociedade. O especialista exerce sua

¹⁸ Negri - "Note here that the "modern" conception of exploitation (as described by Marx) is functional to a notion of production the agents of which are individuals. It is only so long as there are individuals who work that labour is measurable by the law of value. Even the concept of mass (as an indefinite multiple of individuals) is a concept of measure, or, rather, has been construed in the political economy of labour for this purpose. In this sense the mass is the correlative of capital as much as the people is that of sovereignty we need to add here that it is not by chance that the concept of the people is a measure, especially in the refined Keynesian and welfares version of political economy.

On the other hand, the exploitation of the multitude is incommensurable, in other words, it is a power that is confronted with singularities that are out of measure and with a cooperation that is beyond measure.

If the historical shift is defined as epochal (ontologically so), then the criteria or dispositifs of measure valid for an epoch will radically be put under question. We are living through this shift, and it is not certain whether new criteria and dispositifs of measure are being proposed."

¹⁹ O artigo *Give up activism*, repercutindo a ocupação do centro financeiro de Londres por ocasião da reunião do G-8 em junho de 1999, foi publicado no livro *Reflections o J18*, assinado por Andrew X, do *Reclaim the Streets*. Ver Ludd (2002), pp. 30-44.

função em benefício das outras, que desta forma renunciam às suas responsabilidades.

A luta contra o capital, identifica o artigo, exige uma mudança qualitativa na forma de agir. Se antes o engajamento na causa revolucionária tornava-se o único horizonte possível na vida do militante, hoje esse comportamento é combatido. Segundo Antoun (2001), a entrega total à causa revolucionária acaba transformando o desejo libertário em despotismo. Como afirma o autor do artigo, "uma verdadeira revolução envolverá a quebra de todos os papéis e funções preconcebidos e a destruição de todo o especialismo – a recuperação de nossas vidas".

Talvez ainda não seja possível definir os contornos da nova face da luta – a própria mobilidade da multidão torna-se um obstáculo, já que seus meios só possam ser apreendidos quando já tiverem sido abandonados. A experiência do Centro de Mídia Independente, é apenas mais uma experiência, um filamentos do rizoma. No entanto, traçar a cartografia de seus movimentos (com seus avanços, retrocessos, desvios e atalhos), pode nos oferecer pistas valiosas sobre a construção de uma nova subjetividade. Ainda é difícil prever em que direção ela irá apontar, se gerará frutos libertários ou murchará sob pressões autoritárias, mas os empenhados na construção do novo não têm medo de arriscar.

Bibliografia

ABBATE, Janet. *Inventing the internet*, London: MIT Press, 2000.

ADORNO, & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, 2ª ed.

- ANTOUN, Henrique. *Comunidades virtuais, ativismo e combate pela informação*, in Lugar Comum, Rio de Janeiro, CNPq/NEPCOM – ECO-UFRJ, #15-16, 2002.
- BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco, *Dicionário de Política*, v.1 e v.2, Brasília: Editora UNB, 1994.
- CHRISPINIANO, José, *A guerrilha surreal*, São Paulo: Ed. Conrad, 2002.
- COCCO, Giuseppe e HOPSTEIN, Graciela. *As multidões e o império*, Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Ed. Contraponto.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*, v.1 e v.5, São Paulo: Editora 34, 2002.
- DYER-WITHEFORD, Nick. *Cyber-Marx: Cycles and Circuits of Struggle in High-Technology Capitalism*, Chicago: Illinois Press, 1999.
- ENSEMBLE, Critical Art. *Distúrbio eletrônico*, Rio de Janeiro: Ed. Conrad, 2001.
- HABERMAS, Jurgen. (1986). *Mudança Estrutural na Esfera Pública*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- KRISIS, Grupo. *Manifesto contra o trabalho*. São Paulo: Conrad Editora, 2002
- LAZZARATO, Mauricio e NEGRI, Antonio. *O trabalho imaterial*, Ed. DP&A, Rio de Janeiro 2001.
- LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*, Rio de Janeiro: 34 Letras, (1993).
- LUDD, Ned (org.). *Urgência das ruas – Black Bloc, Reclaim the streets e os dias de ação global*, São Paulo, Ed. Conrad, 2002.
- MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: The extensions of man*. New York: McGraw-Hill, 1964.
- NEGRI, Antonio. *Towards an Ontological Definition of the Multitude*, (<http://slash.autonomeia.org/print.pl?sid=02/11/13/100202>)
- RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso*, Makron Books, São Paulo, 2001.

RHEINGOLD, Howard. *Smart Mobs: The Next Social Revolution*. New York: Perseus Books, 2002.

ANEXO 1 – ARTIGOS ESCONDIDOS

[IMC-Tech] Have you considering prohibiting text-only posts?

Paul A. Houle [paul at honeylocust.com](mailto:paul@honeylocust.com)

Sat, 11 Nov 2000 13:13:43 -0500

Really, I think the IMC should stop taking text articles. Frankly, it seems like 95% of the text articles are posted by:

- * Holocaust deniers;
- * People who copy New York Times editorials about why a vote for Nader is a vote for Bush;
- * "Revolutionary socialists" who want to start the revolution by beating up other "revolutionary socialists";

and other morons that have nothing positive to contribute. Unless the IMC imposes some kind of editing on text content (or just stops taking it) it will not exist one year from now.

Why? Back in the early 1990's we found that progressive activists online were harassed by right wing groups who made a point to disrupt discussions in any public venues with a left-wing bent. As the struggle gets more intense in the coming months, these people, who get paid to do their dirty work, will focus on the IMC and make sure that it becomes useless, discredited, and finally nonexistent.

I understand the anarchist viewpoint that everyone should be able to post content. It works fine when a web site is small and has a very small audience. When a web site gets larger and has to appeal to a wider audience, it's no longer practical.

Think of it this way. The IMC wants to grow to be large enough to pose a credible threat to the existing mass media. If the volume of text messages on the IMC were to grow by a factor of ten, the average visitor would be facing a veritable diarrhea of words which would be entirely impossible to read. If we want to attract a large audience of people to RETURN to our site, we need to provide high-quality content.

It's a matter of the considering the interests of our readers as well as our writers.

If we are going to take text articles, I think we should have them all screened by a dedicated editorial staff. There is excellent evidence that systems of reviewing on a mass basis DO NOT WORK. If anything, they encourage bland, inoffensive, content-free content. Creative contributors generally end up pissing certain people off and getting bad reviews, where people who sound like they know what they are talking about and say vapid things get good reviews.

[IMC-Tech] Re: [IMC-Seattle] HOLOCAUST Denial published on IMC SITE!!!

Troy Skeels [troys at eskimo.com](http://troys.at.eskimo.com)
Sun, 19 Nov 2000 22:40:00 -0800 (PST)

On Sat, 11 Nov 2000, Craig Hymson wrote:

> This is incredible. We need to prevent this from happening again!!! I would like this article removed. I am not content with merely posting responses. Everyone who has not seen it should go to the main Indymedia site and read...and then we can ask ourselves how we can prevent our site from being a tool for White-Supremacist, Anti-Jewish, Holocaust Revisionists.

The beginning of a proposal to blunt the Indymedia Newswire's effectiveness as a tool for White-Supremacists and other reactionary forces...

Posting to the IMC newswire, being quick and anonymous with the potential for a large audience is certainly going to be attractive for racists, nazis and other non-progressive types.

The post in question at least disguises itself in an article format. There are plenty of other offensively dumb things that get on the newswire that are just random comments, not comments attached to an already present article.

One way to preserve the IMCs commitment to free speech while maintaining an anonymous-hate free site, would be to remove anonymous articles that get complaints for being contrary to the IMCs values. Free speech I think implies taking responsibility for ones speech (absent concerns for personal safety from repressive powers). IndyMedia has no responsibility to protect or respect anonymous hate.

Speech that is authored by a contactable person should be left on the site, even if it gets complaints, as Indymedias free speech commitment should include whatever people say that they are willing to take responsibility for.

In the interests of quality control, anonymous posts that pretend to be news or don't contain information content should be removed whether they get complaints or not.

The coalescing Editorial Team could of course be empowered to act on their own sense of offense, in regard to anonymous posts contrary to the IMC values. That way, they wouldn't necessarily have to wait for someone else to complain.

The shorter the time between these anonymous posts getting put up and taken down, the less attractive they will be to post in the first place.

Guidelines explaining Indymedias committment re: free speech and anonymous hate speech could be included in the submission form.

A bit farther afield, I think Indymedia should encourage media makers to provide a real name or nomme de guerre and contact info when they post a news item. A news story coming from an identifiable source is always more credible than by an anonymous author. Occasionally people need to hide their identity to prevent official or para-official reprisals, but most of the time, that's not an issue.

Part of the grassroots media revolution is helping people to not be afraid to stand up and speak if they have something to say. To join with the many other rebel voices, and to take credit for what they and say. Especially when what they say is presented as news.

-troy skeels

[IMC-Tech] Re: [IMC-Seattle] HOLOCAUST Denial published on IMC SITE!!!

Troy Skeels [troys at eskimo.com](mailto:troys@eskimo.com)

Mon, 20 Nov 2000 23:01:06 -0800 (PST)

As I imagined, my distinction between anonymous and attributed offensive posts to the newswire elicited disagreement. One objection was that anonymity is a secondary issue, and hate speech and offensive stuff was the real issue. Others think that anonymity is important for safety reasons. My overlong attempt to address these objections is as follows.

(Note, if you don't want to read this whole rant, please see at least the bit at the bottom captured off the newswire, as an indication of the seriousness of this situation).

>(Rant follows)

>*I don't think the anonymity issue is a secondary issue. Anonymous open posting opportunities on the internet are common targets of racist garbage and other kinds of garbage.*

The reason why I proposed a distinction between "anonymous" offensive posts and "attributable" offensive posts was to reduce the subjectivity in the editorial process. I hesitate to censor an article or statement that a real person is willing to take credit for, no matter whether I or another finds it offensive. Indymedia's commitment to free speech seems to demand at least that much. But a racist anonymous post cannot be responded to.

Chances are, the anonymous nazi doesn't really believe what they are saying, which is why they won't own up to it. Without a real person willing to stand behind the words, there is no opportunity for dialogue. Real people are entitled to freely say what they believe, period. Anonymous junk mail from cyberspace does not deserve the same protection.

An "offensive" post, with a real, contactable author, indicates that the author might actually believe what they are saying. They might be actively seeking "truth," but have received bad

information and encountered bad influences along the way. Having a real person on the other end of the post provides an opportunity for dialogue and education absent from the anonymous post. If someone is willing to take credit for what they say, chances are, they are open to dialogue about it (there are, inevitably, exceptions to every generalization).

It has been suggested to me that all "offensive", arguably "racist" garbage be summarily removed by the enlightened, open minded editorial team, whether it has an identifiable author or not. I strongly disagree. When touching on issues as emotionally charged and propagandistically clouded as racism and perceptions of racism, the hair splitting and internal Indymedia arguments that would arise under such a policy opens a door Indymedia ought not walk through. Indymedia should not censor any speech if there is a reasonable way not to.

But giving free reign to anonymous authors who are taking advantage of the forum for their own purposes is not reasonable. Also, the Newswire should not be an unmediated open forum where people can just post any kind of anonymous crap that comes into their heads. It's a Newswire, and as such, its readers deserve a modicum of quality control.

The clearest standard I can think of is to give the benefit of the doubt to those willing to take responsibility for their words while requiring anonymous authors to bear the burden of such doubt.

If an anonymous author adheres to the Indymedia values and the minimal content requirements of Indymedia, then they have met the doubt standard and there's no problem.

While I agree that those with safety and security concerns should remain anonymous, I don't think we should make a cult out of anonymity. The vast majority of posts to the Indymedia Global Site do not include situations where the author's life, liberty or pursuit of happiness is at risk because of what they are saying. If it is, they should be anonymous. If it isn't, they should be encouraged to think about the value of attaching a real person to their voice. If they want to be anonymous just because, that's ok too. But a news post or opinion piece from a real person is generally more valuable than one just manifesting unclaimed out of the void. (Though manifestos, as a genre, are often effective when penned anonymously. - there are exceptions to every generalization).

I would point out that, while the people that post hate speech to the newswire invariably do so anonymously, those who challenge that speech in the comment space, more often than not identify themselves, give a contact address. Who is Indymedia protecting with the offer of blanket anonymity? Why do those who respond feel like their response is more credible if they claim ownership? Those responding to hate groups would seem to be putting themselves at personal risk by doing so. Yet they think the truth is worth the risk. Indymedia really needs to ask itself just who this anonymity is protecting.

Why does Indymedia make it easy not just for racists but for provocateurs? For those who want to swamp the site with so much anonymous garbage that prospective readers soon decide it is not worth their trouble? (see bottom for real time example).

Yes, I know the police monitor the Indymedia sites. We shouldn't make more out of that than there is. It probably doesn't give the best impression of the movement if they think everyone talking about it is afraid to use their real name. Most of the stuff posted is way outside any law enforcement jurisdiction, and if they're reading somebody's honest opinion, who does it hurt?

In some countries, activists really are in fear of their safety, yet, they are, often as not, quite vocal and don't hesitate to take credit for their speech and actions. They go into hiding after they are in danger. They don't start out the revolution by hiding (And don't try to use the Zapatista example against me. Marcos might wear a mask and use an assumed name, but his communiqués are readily authenticated by the Zapatista's support network among civil society, who, of course, are contactable. And Marcos has a real army chasing him, not some army he has imagined). In the USA, we tend to imagine we are in much more danger than we really are.

Occasionally someone will give a first hand account of an action that makes it prudent for them to keep their identity a secret. When someone is reporting on some action that they have witnessed, their personal risk is really quite low.

I recall during the WTO, anonymous people dropping off an anonymous article that they said was so hot, they couldn't risk sticking around the IMC long enough to answer questions on the off chance the police might come busting in any second. We didn't publish this article in the Blind Spot, not because it was so freaking dangerous, but because it was so vague and sloppily constructed that it wasn't worth anything. Not to Blind Spot, nor to the police. It might have been worth something to Blind Spot, and the greater movement had the "media makers," not been so concerned with illusory personal safety issues and more concerned with "speaking truth to power," with sticking around long enough to provide some background and clarification. The authors didn't know any better simply because it is widely assumed that speaking the truth is dangerous. It can be, but we shouldn't let romanticism or imagination get out of hand. The people who make the indymedia sites run have obviously decided that the benefit is worth the risk. The people who have gone public promoting and engaging in direct action have decided that it is worth the risk. Shouldn't the rest of us at least seriously consider it?

It seems to me that this movement, if it is about nothing else, is about having a real live person at the other end of a transaction. Whether it is a financial or media transaction, whether the people at either end of the transaction agree or disagree, the important part is that real people are interacting. Not anonymous, unaccountable corporations, nor anonymous unaccountable racists, nor anonymous, unaccountable security forces, nor anonymous, unaccountable "revolutionaries", but living, breathing, opinionated, unruly, risk taking, troublemaking, beautiful, people.

I dont know. Maybe Im wrong. Maybe since I might be wrong, or sound stupid, I should post this anonymously. Can I afford to take the risk of assuming ownership of what I say? Sounds dangerous.

WARNING:

The following is an example of how Indymedia, at this moment, is presenting itself to the world and the resulting response from an innocent reader.

The following was at the TOP of the newswire around 8:30 PM on Monday, November 20.

The Truth About the Talmud
by Not a Jew 8:19pm Mon Nov 20 '00

Shall we really take a look at Jewish Beliefs? This is what is being taught at government expence in "Yeshivahs" in Israel. This really only the tip of the iceberg. How do they Kill/ Why do they Kill? Its right here for you to see. The reason Jews go to Israel is to put this into practice they are "Torah Jews".

THE TRUTH ABOUT TALMUD

we used the Babylonian Talmud in our quotes.

Talmudic Doctrine: Non-Jews are not Human

The Talmud specifically defines all who are not Jews as non-human animals, and specifically dehumanizes gentiles as not being descendants of Adam. We will now list some of the Talmud passages which relate to this topic:

*"The Jews are called human beings, but the non-Jews are not humans. They are beasts."
Talmud: Baba mezia, 114b*

*"The Akum (non-Jew) is like a dog. Yes, the scripture teaches to honor the the dog more than the non-Jew."
Ereget Raschi Erod. 22 30*

[Troy Again] This goes on (and on) for quite a bit longer than I cared to read or copy, but you probably get the point.

This anonymous yahoo, signing himself Not a Jew, ends with an offer to testify, but of course, he's not even willing to give his real name.

Especially please see the comment response following. I think it indicates that however this problem is resolved, it be actively addressed sooner than later.

-Thanks for the trouble
Troy Skeels
troys@eskimo.com

I will testify....
by Not a Jew 8:21pm Mon Nov 20 '00

I will testify in any court in the entire world that this is taught to Jews in Israel. That this is what they believe. That they put this into practice. This is why they do what they do!

COMMENT

fostering hate
by Jamie Murray 8:53pm Mon Nov 20 '00
machturtle@earthlink.net

I have only recently discovered your website through my friend Stephen Dunifer (you know who he is). I clicked on *this* story (Jews and the Talmud) and was totally shocked and disgusted by your hate-mongering and anti-Jewish propaganda. I would guess that a majority of your readers and the people that participate in many of the social justice movements throughout the country are of Jewish descent. Granted, these old texts are full of phobias and twisted perceptions as are most old religious doctrines. But why not delve into some of the Christian religious books or specifically Muslim texts as they are just as bad? I can see you are of the mindset that everything that is happening in Israel/Palestine is perpetuated against the poor Palestinians and the Israelis are the murderers. Yeah that's why Jews strap bombs to their bodies and drive into an open market. Or blow up a plane full of innocent people.

Look, both sides are wrong in this and I believe the territory should be equally shared as both parties have a right to be there. But don't run off at the mouth like Pat Buchanan's secret diaries. And you certainly don't serve people of color who are having their own worst paranoias being played on with this shit. Gimme a break, man.

[IMC-Tech] Re: [IMC-Seattle] HOLOCAUST Denial published on IMC SITE!!!

Paul A. Houle [paul at honeylocust.com](mailto:paul@honeylocust.com)

Tue, 21 Nov 2000 16:12:31 -0500

> If the IMC is going to scale

If the IMC is going to survive, at some point I think it's going to need to authenticate at least some users. For one thing, this would be necessary for users to be able to edit their own posts.

If a user is willing to provide a valid email address (I have a software that can check this), we can allow their posts to go straight on the newswire.

We could still allow anonymous posts, but have them delayed so that we get a chance to look at them and approve them.

This opens up a can of worms, however, because, if we're choosing what things to post and what things not to post, we'll be taking more responsibility and could be hit with more legal liability for our content.

On the other hand, long experience shows that messaging systems that allow anonymous, unedited posts do not survive. When you have a small community that is contributing, that is one thing. When it grows past a certain point you are going to get users that will become disruptive, and eventually make the community unusable.

There are some other sneaky tricks you could use to slow down the holoclown. If you compiled in "mod_usertrack" and activated it, Apache would stick a unique cookie on every browser that connects to the site. You could record the cookie when people post.

When the holoclown comes back, you could have a table of cookies from problem users -- when he tries to post, he gets an error message like PHP couldn't make a database connection to Postgres.

As long as he always uses the same computer to post, and he doesn't know how to play with cookies, this would put an end to the problem.

[IMC-Tech] Have you considering prohibiting text-only posts?

BUFFALO IMC [buffaloimc at hotmail.com](mailto:buffaloimc@hotmail.com)

Sat, 11 Nov 2000 23:07:20 GMT

Buffalo-IMC consensus follows:

Greetings from Buffalo NY and the IMC here:

1) After speaking to the majority of our members and regulars, we feel that we should not change what has worked for the majority because of the sins of the few.

2) By denying a forum, albeit one that can be manipulated a bit, then we empower the "dark" side. Indymedia is big enough and strong enough to handle all sides of the spectrum. A little right wing, corporate B.S. won't kill us, on the contrary, we exude strength by accepting from all points of the compass.

3) Finally, our strength is in the fact that this diversity will overpower the ignorance and the content that is "suspect". Let the holocaust deniers and spin doctors choke on the overwhelming majority that seek and repeat the truth. Our strength is in our numbers. We can survive the poison pens of the few that attempt to subvert our content.

4) Sorry for the long post. Just a note of confidence from chilly (and proud of it) Buffalo.

In Solidarity,
John
Buffalo-IMC Volunteer

[Imc-brasil] [Fwd: [IMC-Tech] diversification of IMC]

Pietro Corazza Ferrari pietrom@colband.com.br
Domingo Novembro 12 15:23:48 PST 2000

Pessoal,

Estou mandando uns emails que rolaram na lista imc-tech do imc global. Esse primeiro é um comentário de um dos voluntários a uma proposta do coletivo de Seattle que foi muito bem rebatida pelo imc de Buffalo. Acho que deveríamos discuti-la e mandar uma resposta como o imc-brasil, ao invés de eu ficar mandando as minhas opiniões pessoais, ou ficar falando em nome de todos.

Shawn Ewald wrote:

> *Hi All,*

> *I think that "Buffalo-IMC" has an excellent point. What would make more sense would be to allow people to filter stories by issue or topic. That is, provide a topic field in the upload form and provide a "Filter by topic" feature on the websites.*

> *Furthermore, what is more important, to me at least, and probably others, for Indymedia to be working on are the following:*

> 1) Work to make more real-world IMC's -- IMC's that have physical locations.
> 2) Develop training programs at these IMC's so that more people can learn to do media.
> 3) Re-establish indymedia as a network with each IMC having TOTAL autonomy, but affiliating and cooperating with the other IMC's in the network -- as opposed to the talk of an IMC-Global organization that's apparently been happening on imc-process.

> Another thing, and please don't take this the wrong way -- I do not mean to be antagonistic, I just wish to be clear...

> While I find some of the ideas that the Seattle IMC comes up with and shares with the rest of us interesting and useful, any decisions that are made by the Seattle IMC for itself are basically irrelevant to me and anyone else not in Seattle. I do not view Seattle IMC as a decision-making body for the rest of the Indymedia network, and I don't think it should be.

> Finally, and in light of "Buffalo-IMC's" comments, I think that Indymedia should focus on being a supplement to existing media projects NOT a replacement including projects existing within the IMC network, and, again, I think that Indymedia should be working to
> nurture greater autonomy accross the network.

[IMC-Tech] ANOTHER PROPOSAL: RE: More Jew Hating on Site

craig hymson [chymson at hotmail.com](mailto:chymson@hotmail.com)

Sun, 21 Nov 2000 01:07:30 GMT

Hey we have a great thing going here. It seems the ball is rolling now. I have just been treated to another anti-Jewish article, one that calls the holocaust the "Holohoax".

First of all, at the very least, before we come to global consensus on editorial policy, I PROPOSE THAT THIS LATEST PIECE OF SHIT AS WELL AS THE PREVIOUS ONE, BE REMOVED FROM THE NEWS WIRE PORTION OF THE SITE. THESE ARE OPINIONS NOT NEWS. I WOULD LIKE IT DONE IMMEDIATELY. I WOULD LIKE TO KNOW WHO HAS THE POWER AND ABILITY TO DO IT.

Sadly, the article hides it's anti-jewish vomit within the context of asking for reparations for Palestine. So, really it is hurting both Jewish and Palestinian people.

That is sad.

Craig

[Imc-brasil] [Fwd: [IMC-Tech] ANOTHER PROPOSAL: RE: More Jew Hating on Site]

Pietro Corazza Ferrari pietrom@colband.com.br

Domingo Novembro 21 15:15:07 PST 2000

Neste email há uma proposta de como enfrentar um grande problema de ter um site aberto possibilitando que qualquer um escreva nele. Alguns nazis estão aproveitando o imc para publicar "artigos" negando o holocausto e usando a questão palestina para atacar ambos judeus e palestinos de uma forma sutil, porém muito racista.

arthur foelsche wrote:

> *While I agree with Craig that we need to be careful to about what kinds of things are allowed to be posted, I feel that we can not begin to pull stories as a rule until we have at least a *rough* consensus on a methodology that allows us to determine what kinds of posts justify removal.*

> *I have suggested that the prague editorial guidelines be adopted by indymedia.(attached below). This proposal was met by very little response. The few replies that I did receive could be loosely categorized as:*

> *1) good start. needs some work but points in a good direction;*

> *2) while well intended, some of these points are very hard to implement, and will be problematic;*

> *3) to quote directly from voodoo (sorry... hope you don't mind :)*

> > *"Wow... this sounds pretty fourth reich, if you ask me "We're for free speech... as long as its not any of the things we don't want people talking about." That turns IMC into just another version of the corporate media with different agenda and less money. What is a post intended to oppress? Does the simple use of 'oppressive language' qualify a post as being oppressive? Oppressive to who? As a matter of fact, _how_ can a simple post _possibly_ 'silence opinions, speech, or groups'? Based on the specific language described, it sounds like an excuse to enforce liberal PC goodthink bullshit".*

> *So the idea has been quiet for some time. Then, an advertisement post came up. I suggested that under the following guidelines that it be removed:*

> > http://www.indymedia.org/display.php3?article_id=7956

> > *Wondering what people think about removing it? Seems like it should be pulled on the grounds that it:*

> > *1) has no content*

> > 2) is intending to us the indymedia traffic "sell" a product

> > 3) is an advertisement

>

> There seemed to be general agreement that these were good guidelines to follow. So i propose the interim guidelines as a starting point for a conversation for an editorial

> policy on www.indymedia:

>

> 1) has no content

> 2) is intending to us the indymedia traffic "sell" a product

> 3) is an advertisement

> 4) Infactual posts: To determine whether something is infactual, two or more people must agree that the post contains information or presents information in a manner intended to mislead. Removal on these grounds must not be due to ideological positions. (see voodoo's comment to this below)

> 5) article has no comments on it.

> #4 would provide grounds to remove the articles in question. To my knowledge, imc-uk uses policy #5. I think that it's important that if our readership beats us too it that we allow a post to stand.

> I also think that these guidelines are contingent on implementing a ratings system which should happen soon. imc-tech is working on this system and we are pretty close.

> Again, i am proposing these guidelines so that we have a place from which a conversation can start.

> please, lets make this a conversation and hopefully a fruitful one!

> arthur

> Voodoo's remarks on "infactuality" :)

> > Instead of removing posts which are considered 'infactual', I always thought it was better to mark such posts as infactual. Maybe some sort of warning label. Instead of removing the lies, expose the lies. This makes the person(s) who 'busts' the liar more accountable. Provide the contradiction to the lie as a link along with the lie. Eliminating it can allow it to surface later; branding it with the truth cripples it.

> *rough draft of prague editorial guidelines*

> *This proposal outlines guidelines for removing stories from the IMC-Praha website. These are meant make a clear policy to allow both the editorial group as well as the users of the site what type of material that IMC-Praha wants and does not want on its website.*

> *This is a working document and can be changed by the IMC-Praha community.*

> * *Stories, articles, photos, videos, audio pieces, or other content which is libelous or slanderous. This is defined as pejorative or distorted characterizations of individuals or groups with an intent to defame or present an individual or group in an inaccurate way.*

> * *Infactual posts. To determine whether something is infactual, two or more people must agree that the post contains information or presents information in a manner intended to mislead. Removal on these grounds must not be due to ideological positions.*

> * *Posts which are promotional in nature. Advertising,, promotional posts,posts designed to utilize IMC-Praha's audience form means other than information distribution.*

> * *Posts intending to oppress. Using language, imagery, or with other forms of communication with not limited to: homophobic, sexist, hetro-sexist, racist, ageist, xenophobic intending to silence opinions, speech, or groups will not be tolerated on the IMC-Praha site. Sometimes language or communication may contain oppressive ideas without an intent to oppress.*

> *These are more difficult cases in which we may try to contact the author or author's and ask them to recreate their piece without the use of forms of communication that could be found oppressive.*

> * *Relevancy. The IMC-Praha site has been set up to cover news from Praha, the Czech Republic, globalization issues, the International Monetary Fund, the World Bank, the S26 actions, and other news relating to resistance movements. Posts about the color of elephants in South East Asia are not relevant to IMC-Praha. Posts about the effects of IMF economic policy on the economies of countries in South East Asia and the resulting effects on elephants in South East Asia are.*

ANEXO 2 – CMI-PARANÁ

[Cmi-brasil]Comentando a Carta de Apresentação - CMI-Paraná

Philippe Ribeiro [philipe em indymedia.org](http://philipe.em.indymedia.org)

Segunda Janeiro 13 20:50:49 PST 2003

Vou ser pontual nas argumentações, a fim de contribuir pra o crescimento da Rede CMI Brasil sem cometer os mesmos erros que alguns coletivos ligados a rede indymedia já cometeram ou que ainda hoje cometem e dão dor de cabeça a toda a rede.

Philippe Ribeiro

((i)) Fortaleza

“O CMI-Paraná nasce com o propósito de difundir os princípios de liberdade de expressão e democracia em nossa sociedade. Um coletivo voltado a atender a necessidade que temos de um veículo de comunicação imparcial [1], democrático e com uma visão extremamente voltada ao desenvolvimento sócio-cultural. A pós-modernidade nos transporta a uma era em que a comunicação se torna o grande centro de todo o processo de evolução cultural e social da humanidade.

Tendo em vista defender nossa sociedade que, muitas vezes, tem sua visão obscurecida pelas artimanhas que o capitalismo empreende através de seus veículos de comunicação, de forma a sustentar suas relações de dominações, o CMI-Paraná surge como uma nova alternativa a todo e qualquer cidadão que queira abandonar qualquer prática que o faça sentir apenas um instrumento na mão do sistema e partir para uma era em que o conhecimento, a informação e o desenvolvimento sustentável [2] são princípios fundamentais ao futuro e progresso do país.”

[1] *Eu não acredito na imparcialidade. O CMI não é imparcial. Ninguém é imparcial! Nós somos parciais de acordos com os nossos princípios, ou seja, sem hierarquia, descentralizado, em busca de uma sociedade mais justa e que preserve o meio ambiente.*

[2] *Mesmo que os voluntários que são ligados a partidos políticos digam que não vão usar o CMI como bucha de canhão para sugar todas as lutas dos trabalhadores, já se vê o discurso deles embutido dentro da carta de apresentação do pretense coletivo. Não é ser sectário, é enxergar as coisas no início antes que o problema seja gerado e não tenha mais volta, vide CMI Bolívia.*

“Organização:

“O CMI-Paraná seria composto em seu início por sete grupos municipais nas cidades de Curitiba, Londrina, Maringá, Cascavel, Toledo, Foz do Iguaçu e Ponta Grossa. Trabalhando em iniciativas conjuntas em nível estadual, poderíamos levar a proposta de conscientização popular e real informação às comunidades de forma a abranger um raio muito maior de pessoas. E o mais importante, descentralizando o acesso a mídia independente das capitais [3], propiciando assim a participação e a conscientização das comunidades em municípios menores do interior do Estado que, por não serem palco do mesmo número de eventos, debates, e manifestações políticas das capitais acabam por serem alvo muito mais fácil nas mãos de uma elite burguesa que acaba manipulando a população local, dentre outros meios, através da mídia, impedindo a proliferação de qualquer ação de origem popular.”

[3] *Acho muito importante esse fato.*

“Nossa organização, como os demais coletivos, deve ser não hierárquica [4], apartidária [5], com autonomia local, com base na democracia direta onde cada um participa na escolha das decisões que são tomadas por consenso entre os voluntários. Entretanto, três de nossos voluntários, são ligados a partidos políticos [6]. Estes voluntários, conforme decisão tomada entre os mesmos e os demais voluntários, se comprometem a não expor seu posicionamento em relação a qualquer partido político em nome do CMI [7]. Da mesma forma, os demais voluntários, assumem o compromisso de não usar o Centro de Mídia Independente como meio de divulgar ideologias. O Coletivo CMI-Paraná deixa claro seu intuito de prover informação condizente com a realidade e sempre de forma imparcial[1], buscando conscientizar e auxiliar as comunidades para que as mesmas formem seu próprio ponto de vista e busquem soluções em conjunto, em nenhum momento, veicular quaisquer informações que possam apresentar qualquer ideologia ou partido político[8] como único agente solucionador das mazelas sociais que tanto nos afligem no Brasil.”

[4] *Espero...*

[5] *Com gente de partido dentro do coletivo? Me desculpe, mas não acredito em Papai Noel. Se não consciente, mas pelo menos inconscientemente, terá uma veia partidária, sim, isso é questão de tempo!*

[6] *Meus pêsames...*

[7] *Sem querer ser chato, mas eu não consigo ver, por exemplo, um coronel do exército brasileiro num coletivo não hierarquizado, da mesma forma que não consigo entender como uma pessoa que está submetida, por algum motivo, a um partido político, que é HIERARQUIZADO, CENTRALIZADO, ANTI-DEMOCRÁTICO, USURPADOR DAS LUTAS E CONQUISTAS, PRÓ-ESTADO, PRÓ-PROPRIEDADE e PRÓ-MERCADO, está no CMI Brasil que é um projeto de mídia alternativa e INDEPENDENTE que combate tudo isso. Eu realmente não entendo e, sem querer ser chato, chamo isso de "entrismo", que é uma artimanha que os trotskystas (e stalinistas) fazem para entrar nas lutas e cooptar tudo para seus interesses partidários.*

[8] *Partidos políticos não têm vez no CMI e eu, enquanto indivíduo, acho que partidários também não devem ter vez!*

“Devido à distância entre as cidades envolvidas, decidimos ter reuniões municipais semanais em locais públicos, para que seja possível a participação de quem quer que seja, após as mesmas, reuniões semanais a nível estadual através da Internet (utilizando o servidor de irc do CMI, no canal #pr). Além de nos comprometermos a nos esforçarmos para que tenhamos no mínimo uma reunião mensal do coletivo paranaense[9] em um lugar a ser discutido, onde esteja o mais próximo possível a disponibilidade dos voluntários e cause menores custos aos mesmos.”

[9] *Uma reunião cara-a-cara resolve mil e um problemas que horas e horas de Internet não o fazem. Isso nós estamos vendo na Rede CMI Brasil, que muitos assuntos, como partidários x apartidários na Rede CMI Brasil não são discutidos a fundo nem se tira nenhum encaminhamento porque na Internet é muito difícil estabelecer qualquer tipo de diálogo.*

“Equipamento:

Alguns voluntários possuem equipamentos que poderiam ser usados nas reportagens do CMI.

- 1 Câmera Fotográfica Digital
- 1 Filmadora Digital
- 2 Scanners

Projetos:

- Envolvimento com movimentos sociais[10]

Estaremos discutindo formas de estabelecer um contato com os movimentos populares que atuam na capital e nas cidades do interior do Estado, tentando promover encontros onde se possam discutir entre outros assuntos, os meios de mídia táctica no Paraná.”

[10] *Cuidado pra não entrar nas arapucas dos projetos que os partidos políticos jogam no meio social se dizendo "apartidários".*

“- Rádio [11]

Pretendemos no futuro manter uma rádio pela Internet, e como próximo passo, tentar uma associação com alguma rádio comunitária, veiculando notícias do CMI Paraná e da Rede CMI Brasil. No momento, entramos em contato com uma rádio ligada a ecologia em Cascavel.”

[11] *Bom projeto, muito bom envolver-se com rádios comunitárias!*

“- Jornal Impresso e Oficinas Populares[12]

Temos a intenção de organizarmos um jornal impresso do CMI a ser distribuído nas cidades onde estão presentes os voluntários. No momento, possuímos um voluntário que já trabalha

na confecção de outro jornal impresso. Na cidade de Curitiba, os voluntários já contam com um espaço no DCE-UFPR que pode ser usado para fazer jornais, murais, impressos, fanzines, atividades culturais e outros, além de promover oficinas de repórteres populares.”

[12] *Cuidado com Diretórios Centrais de Estudantes, a maioria financia o PC do B e o PT com o dinheiro das carteirinhas de estudante.*

“- CMI nas Escolas[13]

“Alguns de nossos voluntários em Curitiba estão participando da formação da ONG Liberart. Destinada a alavancar atividades culturais na cidade, a ONG prevê desde teatro de bonecos até palestras sobre educação ambiental, mostra de vídeos, fotografias, entre outros. Um dos projetos em especial, contempla a criação de um "jornal mirim", jornal mural e home-page, para tentar inserir as crianças e adolescentes dentro da mídia independente em parceria com as escolas. Neste sentido, seria uma ótima oportunidade para divulgarmos o Centro de Mídia Independente aos alunos e desenvolver desde cedo o interesse pela comunicação e senso crítico dos mesmos.”

[13] *Excelente projeto!*

Espero estar contribuindo para uma rede comprometida com seus princípios e que estes sejam cumpridos, pois uma bela folha de papel escrito pode ser apenas uma bela folha de papel...

Parafraseando o André, de Sampa, eu não tenho preconceito com os partidários, eu tenho é conceito mesmo, e por mim eles não participariam de nenhum projeto horizontal e não hierarquizado.

Um abraço,

Philippe Ribeiro
(i) Fortaleza

[Cmi-brasil] Carta_de_Apresentação_-_CMI-Paraná

Marília Rodrigues [lesmarilia em yahoo.com.br](mailto:lesmarilia@yahoo.com.br)

Terça Janeiro 14 17:07:45 PST 2003

Gostaria de já colocar algumas opiniões, mas levarei a carta para a reunião do coletivo Goiânia de hoje pra que todos vejam.

Sobre a imparcialidade: acho que nem é uma coisa de acreditar ou não, como colocou o philipe: imparcialidade NÃO existe. Todo dizer é carregado da ideologia daquele que diz, e no CMI, as idéias por traz dos enfoques são bem claras e estão descritas em nossos

Princípios. Não é a imparcialidade o diferencial do projeto, mas a clareza sobre a parcialidade.

Sobre a questão dos partidários: como Phil disse, é uma questão extremamente complexa que já discutimos, mas que não sai disso. Paraná, ainda não há uma posição do CMI-Brasil sobre isso, essa questão deve ser pauta da nossa reunião nacional em PoA.

Mas, minha opinião (essa é uma questão que ainda me deixa dúvidas, mas penso HOJE que): não há como manter distantes dos partidários as idéias de seus partidos, elas sempre estarão presentes nas discussões. Apesar disso, acho que a estrutura do CMI não permite que elas guiem o coletivo. A organização dos partidos é uma merda, mas existem muitas idéias boas que estão tb nos partidos, elas não deixam de ser boas por isso. Existem dissidentes dentro dos partidos (essas três pessoas fazem parte dessa ala?). É, sim, uma questão complicada, que requer cuidado, vigília e bom senso de vocês, mas acho que a filiação de um indivíduo não necessariamente exclui a possibilidade de identificação como projeto, aceitação dos princípios da rede e trabalho sério e honesto dentro do coletivo. Posso estar sendo ingênua, mas prefiro não ser sectarista.

"... o CMI-Paraná surge como uma nova alternativa a todo e qualquer cidadão que queira abandonar QUALQUER prática que o faça sentir apenas um instrumento na mão do sistema* e partir para uma era em que o conhecimento, a informação e o desenvolvimento sustentável são princípios fundamentais ao futuro e progresso do país**... "

Não acho que qualquer coletivo do CMI possa ser tanto...hehe...Entendi a intenção, mas acho bem complicado dizer isso assim...Só alguns exemplos:

* há praticas que nós, apenas com trabalho de mídia, não somos capazes de combater nem abandonar...

**progresso é entendido como o avanço em relação à ordem do capitalismo, mesmo que não seja essa a idéia, a palavra dá essa conotoção. Os avanços pretendidos por este projeto extrapolam fronteiras de países, extrapolam o sentido de luta nacional...

Bons projetos! Sobretudo o trabalho com crianças, fundamental! Mas e essa ONG? Ser independente, não é só em relação a partidos...acho que esse trabalho é possível desde que fique bem claro que o CMI não faz parte da ONG e vice versa. e coloco as mesmas preocupações que em relação aos partidos, mesmo que seja uma ONG "legal, de pessoas legais". Os interesses dela não devem ser os mesmos do CMI...

Bom, essa é a carta de apresentação de VOCÊS, então, essa são modificações sugeridas para a redação da carta, como a gente faz com features. São pontos que, na minha opinião devem ser discutidos por vocês, assim como tudo o que o Philipe escreveu. Se eu tiver me equivocado me corrijam. Mas deu pra sacar que vocês estão buscando articulação e prática no projeto. O fato de vocês serem um coletivo-estado, experiência inédita, implica muitos

desafios. Com certeza haverá muitos tropeços, vocês terão que encontrar uma boa forma de trabalho. Uma coisa: quantas pessoas tem em cada cidade? vocês têm nomes? hehe

Abraço, Filipe, logo mandamos a opinião do nosso coletivo. Marília

[Cmi-brasil]Re: [Cmi-brasil] CMI Paraná --BARRADO--

Felipe Corrêa fel_cor@hotmail.com

Quarta Fevereiro 5 14:03:03 PST 2003

Oi Jordano, creio haver alguma confusão por aqui. Vou esclarecer para que nada fique mal entendido.

Primeiramente não entendi o porquê desse seu título na mensagem. Você acompanhou os e-mails aqui da lista? Se acompanhou, deve ter visto que em momento nenhum o CMI Paraná foi "barrado". O que surgiu foram comentários e sugestões acerca da carta de vocês e de sua proposta de organização e por isso surgiram algumas polêmicas.

O que aconteceu foi que um trecho da carta de apresentação de vocês, quando mencionaram "imparcialidade" na produção de informação, foi citado como ingênuo, porque parece que existe um consenso aqui na rede que não existe imparcialidade na produção de informação. Isso é coisa que os professores ensinam na faculdade de jornalismo, mas foi só isso. Ninguém quis ofender.

Sobre a forma de organização, o que foi levantado é que julgamos ser muito difícil a organização de um coletivo com reuniões basicamente pelo IRC (pois as reuniões semanais de vocês aconteceriam pelo IRC). Pela nossa experiência essas reuniões são muito complicadas e por isso alguns acharam inviável esse formato de organização.

É importante salientar que o que estamos tentando fazer aqui é sugerir uma metodologia de organização com base na nossa experiência, que pode ser aceita ou não pelo coletivo de vocês.

Uma pergunta: o que você quis dizer com "algo intrínseco surge para perturbar a democrática amizade socializada de suas intenções"? Sinceramente, eu não entendi.

Concordo com você que deve haver uma expansão da comunicação, mas creio que não tem sentido você ofender as pessoas que questionaram o modelo organizacional proposto pelo coletivo de vocês. Ninguém disse que a comunicação de vocês é idiota ou errada. Não sei de onde você tirou isso.

Uma coisa é certa: se o coletivo do Paraná quer integrar a rede do CMI, deve saber que nos diferenciamos de veículos autoritários e hierárquicos principalmente porque as discussões e os processos de tomada de decisão que temos, são de muita relevância. Por isso não acho que vocês devam ficar ofendidos com as opiniões que aparecem durante as discussões. Só assim poderemos chegar a um consenso.

Saúde

Felipe - Coletivo São Paulo

[Cmi-brasil]Re: [Cmi-brasil] CMI Paraná --BARRADO--

Pablo Ortellado [paort em uol.com.br](mailto:paort@uol.com.br)
Quarta Fevereiro 5 15:46:08 PST 2003

Não quero alongar demais essa discussão, mas, apenas como esclarecimento, o CMI-Paraná não foi barrado, nem definitivamente, nem parcialmente.

Quero lembrar também, para eles, como para nós, que os comentários sobre a carta do CMI Paraná, são apenas opiniões. Acho que nada na carta viola os princípios da rede e se as pessoas levantaram pontos, o coletivo do Paraná avalia e adota ou ignora, como bem entender. É o caso, por exemplo, do fato de se organizar por estado. Muitos de nós, baseados em experiências pessoais, achamos que isso vai ser muito difícil de viabilizar. No entanto, acho que se vocês querem assim, devem fazê-lo (desde que, evidentemente, dentro dos princípios e valores do CMI).

Só isso. Espero que a adesão "oficial" de vocês se realize logo.

Abraço,
Pablo

[Cmi-brasil] parana

miguel em riseup.net [miguel em riseup.net](mailto:miguel@riseup.net)
Quarta Fevereiro 5 16:13:34 PST 2003

Tô voltando de férias, ainda não tive tempo de ler os e-mails direito, e já escreverei melhor sobre o assunto. Essa mensagem aqui é só pra dizer que sou radicalmente contra a criação do CMI Paraná, nesse momento. Acho que a discussão ainda tem que continuar. Já apresentei meus pontos de vista na reunião que tivemos no Fórum e assim que tiver tempo reapresento aqui.

Mas se tiverem falando em aprovar esse coletivo já, eu bloqueio.

Miguel

[Cmi-brasil]CMI Paraná --BARRADO--

tinku filipe em indymedia.org

Quarta Fevereiro 5 19:55:34 PST 2003

Bom, não era para ter gerado mais essa discussão, mas o que aconteceu foi o seguinte:

Um voluntário do CMI (não quero citar nome, se a pessoa quiser ela mesma fala) que esteve no FSM me enviou um email em solidariedade ao CMI-Pr, neste email dizia que existem realmente pessoas dispostas a, como a pessoa mesmo disse "puxar nosso tapete". Enfim, encaminhei o email ao pessoal do CMI-Pr para vermos o que fazer, não pretendia levar a discussão à lista sem ter certeza de nada, mas o Jordano quis enviar sua resposta a lista (e tem todo o direito). Bom, eu particularmente, gostaria que o CMI-Pr fosse parte do CMI-Brasil.

Assim como sinto às vezes que as discussões se alongam demais 'misteriosamente', e poucos a levam para seus coletivos, vi também todo o apoio que a grande maioria dos voluntários do CMI-Br tem dado a nós, procurando nos ajudar em todo o que podem e trabalhar conosco. Bom, essa pessoa que me enviou o email sugeriu que se o CMI-Pr fosse barrado (daí o Assunto no email), nós iniciássemos um processo para um CMI independente da rede Brasil, como atuam os CMIs Chiapas e Tijuana em relação ao CMI México, inclusive com sites diferentes.

Realmente, não sei que passo dar daqui para frente, mas peço a essas pessoas que não acreditam no nosso trabalho, que se manifestem logo (se é que existem). Assim poderíamos tentar de outra forma. Gostaria de sugerir aos coletivos que discutissem nossa situação em suas reuniões, e discutissem também se gostariam de trabalhar junto de nós ou preferem a idéia de um outro site do CMI-Pr. É realmente triste isso.

filipe-pr

[Cmi-brasil]Fw: [CMI-Paraná]: [cmi-paraná]

tinku filipe em indymedia.org

Quinta Fevereiro 6 03:32:20 PST 2003

Caros voluntários do CMI

Cansamos de lenga-lenga, história para boi dormir, ou o que seja.

Não é possível agüentar por muito tempo o sectarismo de alguns, a burocracia, que alguns transformam em "política de consenso". Não vamos agüentar declarações, acusações, bloqueios, sem qualquer fundamento, somente para poder fazer parte de uma rede com um fundo global. Queremos uma mídia independente? Sejam independentes!

Nós não temos estrutura, nem patrocínio, para bancar um prédio e computadores, temos pouca experiência, mas temos muita vontade de mostrar os fatos às pessoas exatamente como eles acontecem.

Não gritamos contra o capital e logo depois aceitamos que alguém, em nosso nome, peça dinheiro a burguesia. Podemos promover nossos próprios avanços, na área técnica ou editorial, apesar de termos 'hormônios a mais', como foi dito. Apesar de sermos ingênuos – aliás, devemos ser mesmo, para acreditar por tanto tempo que uma estrutura como a do Cmi-Brasil possa ter algum futuro na melhoria das comunidades e gastarmos nosso tempo com isso. Nossos sinceros agradecimentos, àqueles que nos ajudaram, nos alertaram, e trabalharam em prol dos verdadeiros princípios da Indymedia, que tanto se contradizem quando interpretados por algumas pessoas que se acham donas da verdade.

Ex-voluntários do coletivo Pr:

Rafael Cáceres

Filipe Ferreira

Jordano Gonzatto

Luis Giasson

Marcela Amaral

André

Alexandre

Simone Petri

Thaise Stein

Larissa Justo

Flávio Garcia da Silva

[Cmi-brasil] porque sou contra a criação imediata do cmi parana

miguel em riseup.net [miguel em riseup.net](http://miguel.em.riseup.net)

Quinta Fevereiro 6 05:34:54 PST 2003

Pessoal,

Não pude escrever ontem, aí vai.

Desde que li a carta de apresentação do CMI-Paraná, achei que ela tinha muitos problemas. Estava em Porto Alegre e não tinha tempo de acompanhar a discussão. Pra não entrar

atravessando, não me pronunciei. Sabia que o coletivo não seria aprovado até o fórum, e deixei pra dizer lá o que pensava. Só mandei aquele bloqueio, porque tinha gente falando em aprovar já. Atravessei? Me desculpem. Vamos ao que interessa.

A carta do CMI-Paraná tem muitos problemas. Infelizmente não tenho ela aqui, mas sei de cabeça alguns pontos dos quais não gosto.

Imparcialidade

Muitos já falaram sobre isso. Acho que não preciso argumentar muito. Imparcialidade não existe. Uma de nossas lutas é mostrar isso. Toda narração é subjetiva e tendenciosa. Qualquer texto, filme, jornal, site é parcial. Nós assumimos de que lado estamos, essa é a diferença. Alguns atribuíram essa defesa da imparcialidade a ingenuidade por parte do grupo que está formando o coletivo. Poderia ser uma explicação. Mas juntando isso aos outros problemas que vejo, me parece que existe um equívoco e que os voluntários que querem fazer o coletivo Paraná ainda não entenderam bem o que é o CMI.

Outra coisa que me assustou na carta foi o uso da expressão “progresso da nação”. Peraí. O que querem dizer com progresso? Nação? Vocês são nacionalistas? Não vou nem me estender sobre isso, se houver resposta falo mais. Mais uma perguntinha. Alguém falou em lutar por uma sociedade pós-moderna. O que quiseram dizer com isso?

Mas o que foi mais esquisito não estava na carta. Uma vez no chat, alguém com o nick "no time for love" ficou defendendo aspectos positivos do capitalismo. Bom, respeito qualquer opinião, mesmo que seja uma tolice. Mas alguém que tem uma visão pró-capitalista e quer entrar pro CMI, não está apenas sendo ingênuo, está no lugar errado mesmo. Foi uma atitude pessoal que não poderia comprometer todo o coletivo, mas que demonstra que tem gente do coletivo que não tem a menor idéia do que é o CMI. É isso e uma fragilidade do coletivo. Será que é só uma pessoa? Será que tem mais gente assim no grupo? Esse tipo de coisa só a prática e o tempo podem responder.

Aliás, acho que essa forma que inventamos dos coletivos fazerem uma carta de apresentação é legal, mas muito limitada. Ter o discurso aprovado, para entrar num grupo é fácil. É só falar o que querem que você diga. Podendo reformular baseado nas críticas que te fazem fica mais fácil ainda. Não sou contra a existência da carta de apresentação. Mas acho o período de "teste" fundamental.

É impossível reprovar a criação de um coletivo só pela carta de princípios. Ninguém vai ser idiota e dizer "oi, eu sou da UJS e vim aparelhar o CMI". Então qualquer um entra pra rede CMI-Brasil? Não. As pessoas têm que se aproximar, conhecer melhor o projeto, conhecer nossos métodos de trabalho, objetivos, problemas e então resolverem se querem formar um coletivo ou não. Ninguém tem que fazer um coletivo pra ajudar o CMI. O site é de publicação aberta, e as informações que estão lá são distribuídas em copyleft. Quem quiser ajudar o site ou redistribuir material dele, pode fazê-lo à vontade. Quem quiser conhecer a forma como trabalhamos (acho essa uma das partes mais interessantes do que fazemos) e

ajudar nisso, pode se inscrever nas listas de e mail e entrar na sala de bate papo. Para nada disso precisa ser um coletivo.

Um coletivo é mais um nó autônomo em nossa rede. Depois de criado, ele tem autonomia para fazer o que quer (inclusive tenho uma proposta sobre isso, mas vai em outra mensagem, que essa já vai ficar enorme). Participa das decisões e pode inclusive apresentar bloqueios. Se os nós que já existem não determinam critérios para a criação de novos nós, rapidamente a rede será descaracterizada.

É muito importante crescer. Mas com consistência. Acho ótimo que existam muitos coletivos. Mas não a qualquer custo e muito menos com pressa. Aliás, não entendo essa pressa toda. Querem ajudar? Ajudem. Querem criar projetos pra divulgar o CMI? Criem. Por que é tão importante ser um coletivo já?

Vocês se demonstraram muito impacientes. Construir o CMI é um processo lento, delicado e às vezes chato (no irc e sempre chato). Vocês ainda nem conhecem bem a nossa maneira de trabalhar e já estão propondo algo completamente novo. A criação de um CMI estado. Acho que todos da rede CMI-Brasil concordam que isso seria muito difícil. Principalmente porque dependeria quase que exclusivamente de reuniões no irc. Elas são muito chatas e pouco funcionais. Têm o seu valor, mas não consigo deixar de pensar que um coletivo que se baseasse completamente nisso teria muitos problemas.

Bom, essa mensagem está enorme e um pouco confusa. Mas acho que explica um pouco meus pontos de vista. Sei que haverá respostas, e provavelmente, dúvidas também. O que não tiver ficado claro eu vou esclarecendo depois. Como já provoquei bastante confusão, acho melhor mandar essa explicação logo em vez de ficar arrumando ela toda.

Se o coletivo Paraná realmente desistir de começar, por causa das minhas opiniões, só estarão mostrando que a melhor coisa foi não ter um CMI Paraná.

miguel

[Cmi-brasil] porque sou contra a criacao imediata do cmi parana

André [dedecob em bol.com.br](mailto:dedecob@bol.com.br)

Quinta Fevereiro 6 12:26:42 PST 2003

Miguel,

Mas existe esse período de "teste". Não sei se foi o pessoal do Paraná que fez, mas tem um feature no site sobre o MST do Paraná, e as coisas não são fáceis de se sair produzindo (é só você ver o Rio, como já esteve paradão)... Concordo com você que não é preciso ter CMI-Paraná para as pessoas produzirem, mas as coisas vão sendo feitas na medida do possível, e

ter o "nome" CMI-Paraná é uma mão na roda, se não fosse, nós todos poderíamos abrir mão dos nossos coletivos-cidades...

Quanto às reuniões do irc do CMI, é verdade, elas não parecem muito produtivas. E, fazendo uma pobre profecia, acho que o que poderia acontecer se o CMI-Paraná se consolidasse, é que as cidades acabariam se tornando coletivos próprios e não mais o CMI-Paraná, pela difícil organização de reuniões pela Internet. Mas enfim, é uma hipótese que pode não se confirmar... De qualquer maneira, penso que a organização por cidades seria mais funcional, o que não impediria de ter uma relação entre as cidades.

Tem um monte de coisa pra comentar, mas sobre o seu último parágrafo: discordo totalmente. Se o coletivo Paraná realmente desistir de começar (não só por causa das suas opiniões), por causa de todo o processo um pouco atrapalhado da rede que foi, não podemos jogar toda a culpa neles, temos que ter um pouco de responsabilidade vendo que o processo foi mesmo esquisito e que precisamos melhorar nossa forma de aprovar novos coletivos na rede.

Só pra retomar: é verdade que é muito importante o tal período de "teste". Acho inclusive que é muito mais importante do que ficar discutindo uma carta. Então, acho que devemos pros próximos novos coletivos, dar muito mais ênfase a esse período. Vivendo e aprendendo (existe frase mais escrota que essa? heheh)

Valeu,
André, voluntário do cmi-rio

Data: Fri, 7 Feb 2003 13:33:04 -0200

De: Luis <luis@indymedia.org> (guardar endereço)

Responder para: imc-brasil@lists.indymedia.org

Para: 'IMC-brasil' <imc-brasil@lists.indymedia.org>

**Assunto: [Cmi-brasil] reunião_nacional_(domingo)_e
_sugestão_para_conter_o_no._de_e-mails_na_lista**

Eu discordo de fazer uma reunião para discutir o caso do CMI Paraná por agora. Desde que eles abandonaram o processo de adesão à rede não foi feita nenhuma proposta sobre como evitar que isso aconteça no futuro. E acho que não é segredo para ninguém que reuniões pelo IRC não são os melhores lugares para se elaborar propostas. Nunca foram. Eu nunca bloquearia uma reunião, mas não devo participar, caso ela aconteça.

Na minha opinião, vamos esperar até que propostas sejam feitas para que então possamos discuti-las localmente e levar nossas opiniões _como coletivos_ para uma reunião no IRC (Eu tenho uma proposta a fazer, vou tentar elaborá-la durante o fim de semana).

Creio que estamos esquecendo do nosso processo de tomada de decisão e estamos nos atendo a opiniões pessoais nas listas. Às vezes isso pode ser construtivo para as discussões, mas não

nos ajuda a tomar decisões. Não interessa quantos e-mails nós recebamos aqui na lista dizendo 'Eu concordo com isso e com aquilo', nós nunca poderemos tomar nenhuma decisão sem ter uma opinião do coletivo.

Já entrando um pouco no que o Pablo colocou sobre estarmos recebendo e-mails demais, eu tenho uma sugestão para todos que estão participando da lista. Se você quer dar a sua opinião pessoal sobre algum assunto, mas sabe que isso AINDA terá que ser discutido numa reunião local, por favor, espere até essa reunião local acontecer e dê sua opinião lá. Se a sua opinião for consenso entre o coletivo, então o coletivo terá que enviar um único e-mail para a lista informando sobre o que foi discutido e sobre a opinião de vocês. Se a sua opinião não for consenso entre o coletivo, então você deve discutir a questão com o seu coletivo local até vocês chegarem a um consenso, seja ele qual for. Se no final você não estiver completamente de acordo com o consenso do seu coletivo e acha que a sua opinião pode ajudar na discussão, então, aí sim, envie uma msg para a lista (após o coletivo ter dado sua opinião) dizendo o que você acha a respeito. (Na minha opinião, esse último caso deve ser uma exceção, pois as discussões devem ser esgotadas localmente e não nas listas.)

Bom, é isso. Perdão pelo e-mail extenso e não precisam responder esse e-mail dizendo que concordam, apenas se tiverem algo a acrescentar.

Abraços,
Luis.

PS.: Desculpem a frieza/chatice, mas se a lista continuar assim dificilmente eu vou poder acompanhá-la. E não gostaria de ter que sair da lista devido ao fluxo de e-mails.

PPS.: Apenas mais uma sugestão. Se você concorda que uma reunião é indispensável, por favor, não responda esse e-mail dizendo isso. Acho que só precisamos que alguém marque um horário e daí quem se interessar aparece no #brasil nesse horário.

From: Vitor Reis

To: imc-brasil@lists.indymedia.org

Sent: Thursday, February 06, 2003 1:17 PM

Subject: Re: [Cmi-brasil] REUNIAO NACIONAL

Então gente, eu acho que a rede não perdeu um coletivo não. Pera aí. Acho que tentaram agilizar um processo que é por si muito demorado e delicado. Eu entendi perfeitamente o que o Miguel falou no primeiro e-mail, e entendo muito melhor agora que acabei de ler o segundo e-mail dele.

Eu mesmo, logo que mandaram um "ah, então é consenso que eles podem fazer o coletivo, é?" Falei que não era. Temos pontos a resolver. Mas que isso não impede deles trabalharem. Acho que com Salvador vai ser diferente porque, pelo o que parece, eles já estão trabalhando, estando na rede ou não. E isso é o fundamental. Acho que o problema foi o CMI-Paraná esperar o nome de CMI para trabalhar. Além do que ele se mostra desorganizado, não é a toa que os únicos do Paraná que estavam no FSM falaram que não tinha sido nem consenso em

Curitiba eles formarem uma rede Paraná. Isso tudo é muito complicado, e acho que se eles saíram, temos que ver que foi porque tiveram pressa. A culpa não foi da rede Brasil e realmente acho que não erramos em nada.

Quanto ao pessoal de Salvador, tenho certeza que vão continuar como estavam, sem maiores problemas.

Abraços, Vitor
CMI-Rio

From: Daniel Lima
To: imc-brasil@lists.indymedia.org
Sent: Thursday, February 06, 2003 6:32 PM
Subject: Re: [Cmi-brasil] REUNIAO NACIONAL

Vitor, perdemos um coletivo sim, talvez vários...Pois eram várias cidades. Eu também entendi o que o Miguel disse no primeiro e-mail, mas nem todo mundo entendeu, coisa mais do que normal nas discussões pela net, e não só o Filipe do Paraná que interpretou errado, foi mó galera. Tomara que isso não se repita com o de Salvador ou futuros coletivos q possam (e irmão) surgir. Acho INDISPENSÁVEL uma reunião para discutir o caso do Paraná e como agir com novos coletivos, falar q não houve erro nenhum da parte da lista Brasil isso eu considero ingenuidade (só p/ botar fogo no circo..hehe), pode não ter ocorrido má intenção mas erros ocorreram sim isso é um caso MTO GRAVE para a rede CMI-Brasil e acho que tem que ser discutido com urgência o mais rápido possível, por mim pode ser esse domingo só peço que seja mais de noite lá pelas 8 ou 9 da noite.

Abraços,
Daniel CMI-RIO

Data: Sat, 8 Feb 2003 06:51:01 -0800 (PST)
De: ferry Ben <la_toyax@yahoo.com> (guardar endereço)
Responder para: imc-brasil@lists.indymedia.org
Para: imc-brasil@lists.indymedia.org
Assunto: Re: [Cmi-brasil] reunião nacional (domingo) e sugestão para conter o no. de e-mails na lista

Olá,
Eu concordo com o que o Luiz escreveu, mas gostaria de colocar aqui a minha opinião pessoal já que desde que começou o processo do CMI-Paraná eu não abri a boca para falar nada...O que não significa que não esteja acompanhando. Vou colocar aqui uma visão geral do que eu estou percebendo que vem acontecendo dentro do CMI-Brasil.

Acho que nos já discutimos bastante isso, tanto nas listas quanto cara-a-cara (no FSM). Mas infelizmente ainda estamos longe de separar alguns sentimentos pessoais das discussões que ocorrem dentro da rede Brasil, e isso, pelo o que eu tenho notado às vezes, chega a ficar em tons um pouco agressivos. Não sei, mas eu pelo menos senti isso no email do Miguel sobre o CMI-Paraná. Não acho que a melhor maneira de voltar a uma discussão (como o Miguel estava voltando) é chegando praticamente "bloqueando" esta. Um bloqueio é uma coisa muito forte e deve ser colocado em casos onde não exista mais uma discussão, o que não me parece ser o caso do CMI-Paraná. Onde a discussão ainda permanece (querendo ou não).

Acho que isso leva um pouco o que o Pablo escreveu, sobre a quantidade de emails nas listas e a falta de democracia que isto esta gerando. Como já discutimos antes sobre sermos um pouco mais sensíveis no que escrevemos tentando não agredir as outras pessoas da lista etc. Acho que agora seria um ótimo momento para pensarmos numa maneira mais eficaz de estarmos utilizando esta lista. Talvez se concentrarmos as opiniões pessoais dentro das discussões locais, as quais são feitas cara-a-cara e dificulta os maus entendidos. Deixando as listas para o envio das conclusões destas discussões...Porque para mim isso iria abrir um pouco mais as discussões, porque o que iria chegar na lista-brasil seria a opinião de um coletivo como todo e não de alguns indivíduos.

Eu tenho certeza absoluta que ninguém aqui tem intenção de passar por cima de nenhum processo democrático de discussão...Isso eu tenho certeza que não existe. Mas o que acaba acontecendo é que como um vício você acaba respondendo como indivíduo, e a discussão caminha...E às vezes ela anda tão rápido que o que acaba contando foi a sua opinião como individuo e não como um coletivo.

Acho que estamos num momento ótimo para pararmos e prestarmos mais atenção neste detalhe e começar a propor algumas mudanças na utilização das listas de emails...O que vocês acham?

ciao
toya

ANEXO 3 – ESPERANTO

[cmi-brasil]Re: Imc-brasil digest, Vol 1 #220 - 8 msgs

Beto Macedo [betomacedo em inx.com.br](mailto:betomacedo@inx.com.br)

Terça Agosto 7 20:51:51 PDT 2001

Oi,

Sou o Beto, o tal que o Miguel citou que tb trabalha com video. Conheci o IMC há pouco, e gostei muito. A verdade é que ando ligado nesse movimento desde os acontecimentos de Seattle, e quando acompanhei atentamente a reunião do G8 em Gênova não imaginei que a coisa tinha tomado uma proporção tão grande. Ótimo... Pra mim, isso tudo significa a volta de um idealismo que faltava desde que a direita liberal tomou conta e se arvorava a dizer que tinham achado a resposta definitiva. Ridículo... Bem, a gente vai se conhecendo, não vou ficar falando mais.

Quanto à questão do esperanto, eu sinceramente acho uma forçação de barra. Já que o mundo todo fala inglês (estabeleceu-se isso), qual o problema ? A idéia é se comunicar. E se for esperanto, vai levar muito tempo até que o mundo todo aprenda. E ao que me parece, o CMI existe para ser lido por todos, para difundir uma informação que a princípio não interessa à grande mídia. Na minha opinião, o melhor é simplificar. Fecho totalmente com o que o Miguel escreveu.

Miguel, estou à disposição para trabalhar com video. Dependendo do que for, eu mesmo posso dar uma traduzida (minha irmã é tradutora juramentada, de repente dá pra eu ir fazendo e depois submeer a ela).

Valeu.

Beto

> **Date:** Mon, 06 Aug 2001 19:38:32 -0300

> **From:** Miguel Viveiros de Castro <[cambaria em ig.com.br](mailto:cambaria@ig.com.br)>

> **To:** <[imc-brasil em lists.indymedia.org](mailto:imc-brasil@lists.indymedia.org)>

> **Subject:** [cmi-brasil]opinioes sobre a reuniao

> **Reply-To:** [imc-brasil em lists.indymedia.org](mailto:imc-brasil@lists.indymedia.org)>

sobre a reuniao:

esperanto - concordo completamente com a intenção. romper com o inglês como lingua universal é ótimo. mas acho que quase ninguém sabe esperanto e seria necessario tempo para aprender, o que no meu caso não é possível. acho que seria legal insistir com o pessoal

de fora em obter a opiniao deles e explicar a importancia disso, antes de fazer a acao direta. nao descarto a ideia, mas se pudermos evitar o desgaste é melhor. acho ainda que ha que se pensar que isso afasta as pessoas novas que não sabem esperanto, elas so poderiam participar das discussoes depois de aprender. é uma merda dizer isso mas muitos ja sabem ingles (somos dominados culturalmente, isso é uma merda, mas tb uma realidade).

sala - concordo e acho otimo que o cmi use uma sala no novo espaço. li algumas coisas de pessoas preocupadas com segurança, a preocupação é valida, mas nao podemos ser um grupo fechado e paranoico. temos que aprender com grupos como o ya basta, que usa a total divulgação de seus atos como forma de se preteger. não estamos fazendo nada ilegal.>

legalização - nos daqui do rio não simpatizamos com a ideia de se tornar ong. o nome traz a cabeça uma monte de iniciativas Pilantropicas. Temos que arranjar um meio de levantar grana (no caso do que faço, os gastos com fitas digitais estão insustentaveis), mas eu gostaria muito que fosse outro.

temos que discutir mais, mas se esta decisao for mesmo tomada, posso ajudar na parte burocratica. meu irmao abriu uma ong na area de preservacao ambiental e sabe como sao os tramites legais.

radios - muito boas as ideias, aqui no rio ja temos contatos com algumas, e se o projeto andar acredito que teriamos voluntarios para fazer mais contatos. uma das radios daqui ja quis ate que fizéssemos um programa diário do cmi. não foi possivel por falta de gente é claro.

estao sao algumas opinioes. tenho que ir agora. so mais uma pergunta, o que/quem é groucho?

abraços,

miguel

Message: 4

Date: Mon, 06 Aug 2001 19:38:31 -0300

From: Miguel Viveiros de Castro <cambaria em ig.com.br>

To: <imc-brasil em lists.indymedia.org>

Subject: [cmi-brasil]informes do rio

Reply-To: imc-brasil em lists.indymedia.org

oi pessoal,

antes de mais nada foi mal, mas nao deu pra participar da reuniao ontem. passei o dia ajudando numa atividade de educação ambiental para crianças e passar o dia inteiro com

quinze monstrinhos de 6 anos andando pela floresta, cavernas, etc, não é mole não. futuramente mais um video do cmi.

quando cheguei em casa, capotei e so acordei hoje, sem nenhuma chance para o despertador na hora da reuniao. vamos aos informes.

estamos começando a aglutinar um pouco mais de gente aqui no rio. ja há mais de quinze pessoas interessadas em ajudar nos projetos. é claro que umas com mais envolvimento e outras menos, mas isso não é problema, é assim mesmo. ja tivemos duas reunioes e temos outra marcada para daqui a duas semanas. o pessoal deve começar a aparecer aqui na lista. (pessoal do rio que estiver lendo isso, SE MANIFESTEM, SE APRESENTEM, DEEM SUAS OPINIOES).

estamos começando a tentar dividir as pessoas por tipo de trabalho e ter alguem de referencia para quem chega e quer saber o que esta acontecendo. É muito importante explicar que essa pessoa não manda, nem é mais importante que ninguem, é so uma referencia para quem quer saber o que esta acontecendo, quem quer ajudar, etc. a qualquer momento pode ser trocada.

o responsavel pela parte de video sou eu e o responsavel pela parte mais de texto é o jacare, atualmente eles estao planejando um jornal mural (com noticias tiradas do site) para ser colado nas faculdades no inicio do semestre e em todos os outros lugares que for possivel. imagino que estas mesmas pessoas serao as que colaborarao com o acao direta (queremos muito participar da confexao dos proximos numeros) e outros projetos nessa área de publicacoes escritas.

quanto a parte de video, acabei a edição do video sobre o acampamento Anita Garibaldi. mandei uma copia para sp pelo pessoal que esteve aqui. quem quiser uma copia é o mesmo esquema do video do a20. a duração deste vídeo é de 10 minutos e os dois podem ser enviados na mesma fita. infelizmente a versao mais completa do a20 esta atrasada, nao tenho tido tempo e é muito trabalho, mas aguardem que vem coisa boa por ai.

alem disso tenho boas noticias, dois dos novos voluntarios são profissionais da area de video e um outro é jornalista. teremos reforços para os próximos trabalhos. alem disso devemos ter alguem responsavel pela parte das traducoes, o cara esta sem acesso a internet esta semana, mas deve entrar na lista jaja. Falei para ele se informar da lista de tradutores e se inteirar do que esta rolando.

a proposito preciso urgentemente de ajuda nesta area. nao sei se ainda da tempo, mas uma amiga minha quer levar o video sobre a ocupação para a europa, mas precisaria de tradução. ela esta indo na sexta, dia 10. temos um voluntario para legendar, mas precisamos de outro para transcrever o texto (ouvindo da fita de video), teria que ser aqui do rio, e outra pessoa para traduzir para o ingles. sera que ha gente que se habilita para fazer o trabalho? tem que ser tipo muuuito rapido, quem pudesse trancrever, fazer isso amanha, passar para alguem traduzir ainda amanha e o outro legendaria na quinta. sera que é possivel?

abraços,
miguel

obs . vou mandar outro e-mail comentando o log da reuniao. vai separado para ficar demarcado que sao opinioes pessoais.

Date: Mon, 6 Aug 2001 17:39:18 -0700 (PDT)
> **From: ferry Ben <la_toyax@yahoo.com>**
> **Subject: Re: [cmi-brasil]opinioes sobre a reuniao**
> **To: [imc-brasil em lists.indymedia.org](mailto:imc-brasil@lists.indymedia.org)**
> **Reply-To: [imc-brasil em lists.indymedia.org](mailto:imc-brasil@lists.indymedia.org)**

ola pessoas,
sobre o lance do esperanto, eu concordo com o pessoal do rio sobre nos esperarmos as respostas das pessoas da lista global, pra falar a verdade algumas jah comecaram a aparecer e hj ainda eu vou mandar para vcs traduzidas ok? dai a gente discuti em cima disso...

sala - acho q um dos pontos(eu ainda tenho q ler o log da reuniao..mas vou colocar a minha opiniao assim mesmo e prometo le-lo o mais rapido possivel..)de se ter um espaco eh para as pessoas irem e publicarem os seus artigos no site...para nos ensinarmos como utilizar o site etc...dar acesso as pessoas q nao tem comp...o espaco nao iria funcionar somente para as pessoas da imc mas sim para qualquer um que queira publicar um artigo etc no site...da mesma maneira q o site eh um site de publicacao aberta o espaco deveria ser um espaco aberto..e como o rio disse, nos nao estamos fazendo nada ilegal e nao deveriamos ter medo disso....

legalização - eu nao concordo em tornar a imc em uma ong...mas concordo em criar uma paralela somente para facilitar o processo de doacoes...eu conversei com o pessoal da imc-philly e eles fazem isso e outras imcs tb o fazem ...e desta maneira nos nao estaríamos ligando a imc diretamente com nada burocratico...

radios... bem eu nao preciso dizer o q eu acho do projeto de radio...soh queria colocar q alem do site existe um projeto paralelo onde nos teriamos (tipo um jornal semanal)gravado numa fita k7 e passariamos ele para as radios q nao tem acesso a internet e elas poderiam utilizar o mesmo processo para mandar os seus shows para serem digitalizados e colocados no site

um abraço

toya

[cmi-brasil]Re: Imc-brasil digest, Vol 1 #220 - 8 msgs

Johano [johano em uol.com.br](mailto:johano@uol.com.br)

Quarta Agosto 8 01:38:03 PDT 2001

Beto escreveu:

>Quanto à questão do esperanto, eu sinceramente acho uma forçação de barra. Já que o mundo todo fala inglês (estabeleceu-se isso), qual o problema ?

"Todo o mundo" não fala inglês. Eu não falo. Acho incoerente fazer uma manifestação diante do Mac'Donalds contra o imperialismo à tarde, à noite ir no Centro Cultural Brasil- Unidos para aprender inglês (pagando uma grana violenta) e nas férias fazer uma viagem para Inglaterra para "aperfeiçoar o idioma".

>A idéia é se comunicar. E se for esperanto, vai levar muito tempo até que o mundo todo aprenda. E ao que me parece, o CMI existe para ser lido por todos, para difundir uma informação que a princípio não interessa à grande mídia. Na minha opinião, o melhor é simplificar. Fecho totalmente com o que o Miguel escreveu.

Vai demorar muito mais tempo para "todo mundo" aprender falar bem o inglês. Na realidade não queremos eliminar o inglês e por o esperanto no lugar. A idéia, é que o esperanto seja "uma das" línguas oficiais do CMI.

um abraço,
Johano

[cmi-brasil]Re: Imc-brasil digest, Vol 1 #223 - 5 msgs

bianta em zipmail.com.br [bianta em zipmail.com.br](mailto:bianta@zipmail.com.br)

Quarta Agosto 8 16:34:59 PDT 2001

Bom, eh interessante aprendermos outras linguas, mas como o francês um dia foi lingua "universal", podemos tentar, mas haja paciencia, e no caso, podemos aprender a falar esperanto sim, e podemos usar isso como uma arma para que nem todos precisem saber o que escrevemos...

Tb sou nova na lista e queria me apresentar. Meu nome eh Bianca e meu e-mail eh [bianca em zipmail.com.br](mailto:bianca_em_zipmail.com.br)

[cmi-brasil]Re: Imc-brasil digest, Vol 1 #220 - 8 msgs

Johano [johano em uol.com.br](mailto:johano_em_uol.com.br)

Quinta Agosto 9 01:53:47 PDT 2001

Luiz escreveu:

> *Segue abaixo um link de um curso online de esperanto*

> <http://marsjomm.vila.bol.com.br/home/esperanto/cursos/index.html>

Há um melhor ainda em: <http://www.cursodeesperanto.com.br/pt/download.html>

Joao

Re: [cmi-brasil]Só a antropofagia nos une

Pablo Ortellado [paort em uol.com.br](mailto:paort_em_uol.com.br)

Sexta Agosto 10 00:58:11 PDT 2001

Heloize,

Cada reunião do CMI na verdade é feita num lugar. Talvez a gente passe a fazer as reuniões do CMI aqui em SP no Instituto Libertário, ainda não sabemos. Em todo caso, sempre avisamos com uma (espero) boa antecedencia e todos, todos mesmos são muito bem vindos.

Quanto ao Esperanto, a proposta é ele ser adotado no prazo de um ano e meio... Para isso funcionar, mais do que os outros CMIs aceitarem formalmente a idéia, eles terão que se dedicar a estudar a língua. Vamos ver se a coisa vai pegar. Parece que os CMIs da Europa gostaram da idéia: o CMI França e o Portugal (atual A zine) já demonstraram muito entusiasmo.

Ah, aproveito a oportunidade de te convidar e a todos os outros para aparecerem no SESC Pompéia no sábado as 11 horas para o encontro/ confraternização.

Abraco,
Pablo

At 10:05 9/8/2001 -0700, you wrote:

>Sobre o esperanto, o CMI e outros que tais...

>Amigos,

permitam-me alguns minutos da atencao de voces. Meu nome e Heloize e ha algum tempo venho observando as atividades do Centro atraves da lista. Nao participei de nenhuma reuniao realizada aos domingos, porque nao tenho condicoes tecnicas. Sobre as reunioes presenciais tambem, pelas informacoes trocadas aqui nunca consegui entender muito bem onde se reuinem as pessoas envolvidas com o CMI SP. Na verdade, lembro-me de alguma coisa que mencionava o predio de Filosofia da USP e quanto ao RJ o Largo do Machado. De qualquer maneira, o que quero dizer: gosto do trabalho realizado e ate gostaria de conhecer melhor como ele e desenvolvido.

Contudo, sinto falta do fator presencial da coisa. ja troquei algumas msgs com Toya e peguei inclusive o e-mail do Pablo, com quem, porem, nao conversei ainda. pode ser um comeco. Hoje, acho que encerro minha fase de observadora. quero entao, dar alguns pitacos na questao do esperanto. Somos brasileiros, e se voltarmos os olhos um tiquinzim para o que disse um dos nossos pensadores, veremos que somos sobretudo, antropofagicos.

Alias, "So a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente."...

Assim como os brasileiros (ou pelo menos segundo a proposta daqueles jovenzinhos de 1922), o CMI tambem e antropofagico. Neste forum acompanho as diferentes opinioes, os posicionamentos dos compas, os olhares observadores de outros que, como eu, permanecem "no sistema", sem deixar que o olhar critico e o pensamento consciente e reflexivo fiquem cegos, surdos ou sem atitude.

O CMI e lindo por causa disso. Pega as ferramentas veiculares da comunicacao contemporanea, mete a boca no trombone e mostra o outro lado da noticia. Se a antropofagia eh receita dessa coisa toda, porque não deglutir a lingua anglo-saxa, rodar a baiana e fazer como Jackson do Pandeiro...misturar chiclete com banana?

Acho legal essa coisa de desenvolvermos o lance do esperanto, mas acho que podemos fazer isso aos pouquinhos, desenvolvendo projetos que integrem essa proposta de uma forma transversal, integrada e interessante.

Para terminar, nao porque nao tenha nada mais para falar, mas pq acho que a msg ta longa demais, quero fazer um comentario sobre "ir para Londres para aperfeicoar o ingles..."

Claro que a gente nao viaja so por causa disso, ne? Pelo menos eu nao... Eu sou mais eh apaixonada pelo ser-humano mesmo. Pelas caras diferentes de cada povo, pelas maneiras diferentes de se enxergar o mundo e por tudo de bom que cada cultura tem a oferecer. O resto eh lixo que a gente tem de botar para reutilizar ou reciclar...

*Eh isso aih. Contem comigo :)
Helo*

[cmi-brasil]Fwd: Apoio a proposta do Esperanto do CMI Russia

Pablo Ortellado [paort em uol.com.br](mailto:paort@uol.com.br)

Sexta Agosto 10 16:54:20 PDT 2001

>To: Pablo Ortellado [<paort em uol.com.br>](mailto:paort@uol.com.br)

>Subject: Re: [IMC-RU] Re: [Www-sp] RE: IMC-BRASIL PROPOSAL TO DO

>From: Aleksandra [<avakova em mailbox.orst.edu>](mailto:avakova@mailbox.orst.edu)

>I would like to express my agreement with Pablo. I see Esperanto as a perfect chance, a golden opportunity for all of IMCers to communicate in a language that few people know. Not to alienate ourselves, no! But to communicate with each other with no fear, knowing that our messages are not filtered and not used perhaps, against us. Also, yes I've studied English/American for a long long time, and this is not my first language, but I do want to learn others and this will be a great chance for it as well.

EKselar8

> > In Response to Vaughan:

> > I'm really sad to hear this kind of "practical" argument. "The failing of Esperanto is the fact that very few people know it." Well, I don't really think Esperanto failed -- at all. Take a look at its history. It was developed in the late 19th century and very little spoken in its first years (until probably the 10s or 20s). By that time, Esperanto started to spread specially among youth and workers (it was taught in worker's clubs and unions). But it didn't go further. Why? It was persecuted in Germany and later in the conquered territories because it was considered part of "internationalist Jewish culture". It was also rejected by communist parties (and the unions associated with it) and persecuted in Russia, since Stalin considered it "bourgeois cosmopolitanism". Later, after war, there was a proposition that Esperanto should be adopted in the League of Nations (later United Nations), but the new anglophone powers rejected it. In face of the rejection of all powers, movements and institutions I find a victory that today 3 million (very reasonable underestimate) people speak Esperanto.

Besides that, let me be frank. I think adopting Esperanto is not primarily a matter of practicality (even tough I think it is THE most practical solution). It's a matter of political choices.

No matter what, adopting English is imperialism. Do you think it's utopian that people study Esperanto to participate in a global radical network? So what about destroying capitalism -- which I assume is the long term goal of people working with/ for Indymedia? If people can't

change their own personal imperialist practices in their own organization, should I take seriously their aspirations to radically transform society?

As for your suggestion that people study a second or third language. I honestly want to invite you to come to South America. Meet people here and learn their reality. From our IMC network in Brazil only 3 speak English (and that's because 2 of them have lived in the US for some time). In Argentina situation is even worse. Do you know how long a Spanish or Portuguese speaking person has to study in order to read and write reasonably in English? It takes 3 to 4 years of hard study and it's expensive -- very expensive. With Esperanto, people could learn the basics in 4-6 MONTHS and would learn it for free.

Instead of thinking how the adoption of Esperanto could ruin IMC why don't you think how the adoption of Esperanto by IMC and the anti-corporate-globalization movement can promote the idea of non-imperialist internationalism and the real understanding between cultures?

*Best,
Pablo
CMI Brasil*

At 11:03 7/8/2001 -0700, Vaughan, Curtis wrote:

> > >In response to the Brazilian proposal:

> > >I do not wish to address the issue concerning the decision-making processes within IMC in this letter, but more the issue of adopting Esperanto as the language for communications within IMC.

Also, I do not wish to belittle their concerns. These are issues that have plagued international organizations. As pointed out by the Brazilian group, a problem that is endemic to any international organization is that of language. Although Esperanto was developed with the goal of overcoming this barrier without providing preference to any one particular language, the failing of Esperanto is the fact that very few people know it. Thus the problem in making it the common language of any organization is that you end up with a language that is used only by those who are already a part of the organization, thereby effectively keeping all other potential members ostracized from the organization. It is much like the problem that faced English-speaking academia in the mid 20th century: the use of the English language in a very academic style, which could only be read and understood by one's fellow peers. It was finally realized that although the language they were using was very precise, they were not reaching anyone and, therefore, they were not changing much of anything within their sphere of expertise.

Can the problem of communications be overcome by simply inducting members into Esperanto? Unfortunately, it is doubtful as no other organization has. Being multi-lingual, I find it very satisfying that I can go to Russian and French-language sites and read whatever

information there is of interest. I would, therefore, encourage people to take up second, third and additional languages. The more each individual can do to facilitate communications between groups by learning other languages, the better. By historical example, I don't believe Esperanto will prove to be the solution. Theoretically, yes. Practically, no.

*In solidarity,
Curtis Vaughan*

[cmi-brasil]Esperanto

ferry Ben la_toyax@yahoo.com
Sábado Agosto 11 16:38:09 PDT 2001

ola vanessa,

nos nao pretendemos adotar o esperanto como uma forma de protesto a lingua imperialista. Jah faz cerca de um ano que a rede internacional CMI vem discutindo e analisando propostas para construir um processo para tomar decisoes dentro da rede. Varias dificuldades jah foram vencidas outras ainda sao um grande problema, como a questao da lingua. Neste momento todas as discusoes no CMI global sao feitas em ingles(lista de emails, reunioes globais no irc etc). Isto dificulta muito o acompanhamento das discussoes feito pelos CMI's que nao tem o ingles como uma primeira linlgua.(por causa do grande trafico de emails ateh mesmo a traducao destas discusoes se tornou impossivel).

O esperanto eh uma proposta onde todos estariam discutindo na mesma lingua, e de uma maneira justa(pois nao somente algumas pessoas terao que aprende-lo mas sim todos)esta lingua nao sera nativa para ninguem. Alem de ser uma lingua rapida para aprender..isto facilitaria o trafico dos emails, a participacao de mais pessoas nas discusoes globais, a criacao de um processo para tomar decisoes etc. bem, desculpa pela explicacao resumida qualquer duvida pergunte ok?

toya

--- Sick <[sick em antisocial.com](mailto:sick@antisocial.com)> wrote:

> *Ola todos, meu nome eh Vanessa e sou nova na lista. Tenho acompanhado os emails nas ultimas semanas e fiquei curiosa sobre o lance do Esperanto.*

Eu naum sei se entendi direito, mas a coisa eh que vcs querem trocar a lingua universal pelo esperanto, ao inves do ingles?Mas como isso funcionaria? Vc propoem que as pessoas aprendam a lingua morta em protesto ao imperialismo americano?

Bom, se alguien puder me esclarer ficarei grata

*atenciosamente
vanessa nicolav*

[cmi-brasil]Esperanto

Pablo Ortellado [paort em uol.com.br](mailto:paort@uol.com.br)
Sábado Agosto 11 21:16:28 PDT 2001

Vanessa,

O CMI é atualmente uma rede mundial presente em dezenas de países e com uma serie de questoes para decidir que dizem respeito a ela (rede mundial). Sao coisas como quais novos CMIs serao aceitos, que medidas legais vamos tomar quando a rede CMI é ameaçada (como aconteceu com o processo do FBI), como vamos articular coberturas mundiais, como gerir o site global (www.indymedia.org), etc. Começou uma discussão uns meses atrás sobre como essas decisões devem ser feitas. No momento estamos estruturando forums e estabelecendo formas de decisao mantendo nossa forma de organização baseada na descentralização e na democracia direta. Um dos pontos levantados (levantados pela Toya, pelo Pietro e por mim, como pessoas do CMI Brasil ativas na rede global) foi que uma das questões que impedem uma participação mais ativa de CMIs de fora dos EUA é a língua (existem outros fatores, como o acesso desigual a recursos, etc., mas essa é outra conversa). Todas as decisões e debates que acontecem nas dezenas de listas de discussão e nos encontros virtuais do IRC são feitas em inglês, o que impossibilita uma boa quantidade de pessoas, principalmente dos países do terceiro mundo de participar. Aqui mesmo no Brasil, um grande numero de pessoas que tem vontade e disponibilidade de participar da rede global nao sabe ingles, ou pelo menos, nao sabe ingles bem o suficiente para ler a grande quantidade de informacao que uma tal participacao exige. Em funcao disso, nos (os tres que eu citei) propusamos para a rede global que fosse adotado o Esperanto como lingua de comunicacao internacional do CMI. Porque o Esperanto. O Esperanto é uma lingua artificial inventada no final do século XIX buscando promover a compreensao internacional sem o estigma do imperialismo cultural. Como ela não é nacional, ela nao traz consigo todo o fardo imperialista que tem o ingles, que é lingua "universal" apenas porque é a lingua falada na nação mais poderosa economicamente e militarmente.

Além disso, o Esperanto é uma lingua imensamente mais simples que qualquer lingua nacional. Ela é totalmente regular (tem apenas 16 regras gramaticais basicas -- sem

excessões) e é fonética (le-se como se escreve). Em geral, aprende-se o básico do Esperanto em 4 a 6 meses, estudando uma hora, duas vezes por semana. Em média, também, em um ano, uma pessoa adquire fluência com a língua. Na maioria das grandes e médias cidades há clubes e associações que ensinam Esperanto, normalmente de graça ou a preços simbólicos (enquanto o ensino de Inglês demora pelo menos 3 anos para aprender o básico e o custo do aprendizado é elevadíssimo). Bem, a proposta que fizemos não é que os conteúdos (as páginas ou jornais) do CMI sejam em

Esperanto, apenas que a comunicação interna da rede seja em Esperanto, tornando acessível a participação de todos. Com o uso do Esperanto, os membros do CMI do 3º mundo poderão participar mais (aprendendo o Esperanto de graça) e ao mesmo estariam combatendo o imperialismo cultural do uso do inglês. Enfim, apenas para completar, o Esperanto não visa substituir as línguas nacionais. As reuniões do CMI Brasil e as páginas do CMI Brasil serão em português, apenas a comunicação internacional na rede global será feita nessa língua. O Esperanto não é uma língua morta. Ele é falado hoje por pelo menos 4 milhões de pessoas, o que é praticamente uma vitória do movimento esperantista internacional, já que ele foi boicotado de forma

generalizada durante o século XX. Quando ele começou a se difundir, nos anos 10 e 20, principalmente no movimento operário e entre a juventude, ele foi perseguido pelo fascismo (que acusava o Esperanto de ser uma arma do judaísmo internacional) e depois pelo estalinismo (que considerava o Esperanto cosmopolitismo burguês"). Com a condenação do estalinismo, o Esperanto passou a ser boicotado no movimento operário pelos partidos comunistas e pelos sindicatos ligados a eles. Depois da guerra, houve uma proposta de adesão do Esperanto pela Liga das Nações (futura ONU), mas as novas potências anglofonas (EUA e Inglaterra) bloquearam a proposta. Apesar de tudo isso, milhões de pessoas falam hoje Esperanto. E espero, sinceramente, que não só o CMI, mas todo o movimento anti-capitalista, um movimento que, depois de muitos anos, é realmente um movimento articulado internacionalmente, retome a ideia do Esperanto. Seria uma facilidade para todos e uma vitória do projeto de uma sociedade anti-imperialista e internacionalista.

Desculpe se falei demais.

Abraco,
Pablo

[cmi-brasil]ICAL/esperanto

Dea P. Soares [deasoares em hotmail.com](mailto:deasoares@hotmail.com)

Terça Agosto 14 19:57:29 PDT 2001

Oi Pessoal

Alguém sabe qual o endereço do ICAL? A inauguração será nesta sexta mesmo ou já foi?

Quanto à adoção do esperanto, dou meu total apoio, acho que a proposta deveria ser lançada como sendo do próprio cmi-Brasil e não apenas da Toya do Pietro e do Pablo (pelo que eu entendi do log da reunião). Aliás, poderíamos fazer contato com outros cmis que não têm o inglês como primeira língua para que a idéia tenha mais força e respaldo (ou isso já foi feito?). Falando nisso houve alguma outra resposta, concordando ou discordando, além da do francês?

Bem, disponho-me a aprender a língua, e agradeço aos que mandaram endereço dos cursos. Se, afinal de contas, lutamos por um mundo justo e democrático, por que não começar pela própria forma de comunicação entre nós mesmos? Sem dúvida vale a pena esse esforço pessoal.

[]'s
Déa

[cmi-brasil]lista de traducaio para o esperanto

Johano johano em uol.com.br

Quarta Agosto 15 01:56:27 PDT 2001

Toya escreveu:

>a lista de email [www-esperanto jah esta pronta..](http://www-esperanto.jah esta pronta..)

Valeu, Toya. Aproveito para convidar as pessoas que quiserem fazer parte da lista de traducaio para o esperanto , para se cadastrarem na pagina: <http://lists.indymedia.org/mailman/listinfo/www-esperanto> que certamente também contará com a participacao de ativistas do Centro de Mídia Independente de outros países.

A pagina em esperanto do Centro de Midia Independente também esta sendo visitada por falantes do esperanto de várias partes do mundo: <http://www.midiaindependente.org/index.php3?lang=eo>

Um abraco

Johano (Joao)

[cmi-brasil]Quanto ao esperanto...

Pablo Ortellado paort em uol.com.br

Quarta Agosto 15 22:43:40 PDT 2001

Uma das atividades programadas no ICAL é justamente o curso de Esperanto. Acho que vai ser muito legal. Provavelmente o curso vai ser uma vez por semana, aos sábados ou domingos.

Pablo

At 02:22 15/8/2001 -0300, you wrote:

Ola a todos,

ë muito boa esta ideia do esperanto, no momento não manjo nada de esperanto, mas pretendo aprender, gostaria dedeixar uma dica... que tal se vocês reservassem uma sala na ICAL so para ensinar esperanto?

E so uma duvida, a inauguracao do ICAL é dia 17/08?sexta?

Obrigado, Nod

[cmi-brasil]Curso de Esperanto

Pablo Ortellado [paort em uol.com.br](mailto:paort@uol.com.br)

Quarta Setembro 12 00:14:16 PDT 2001

O Centro de Mídia Independente está organizando um curso de Esperanto. As aulas vão ser semanais e vão acontecer no ICAL (Pça Américo Jacomino, 89 - ao lado do metro Vila Madalena), todos os Domingos as 13:00 (em ponto). O curso é gratuito e busca difundir essa lingua universal anti-imperialista.

A primeira aula acontece nesse Domingo, dia 16.

[Cmi-brasil] Re: [Esperanto]

Pablo Ortellado [paort em uol.com.br](mailto:paort@uol.com.br)

Quinta Outubro 2 11:31:32 PDT 2003

Carol,

O CMI Brasil já fez essa proposta para a rede global há quase 3 anos e foi alvo de piada dos americanos (mas não só - os argentinos, que na época não tinham ninguém que falava inglês também ironizaram) que acharam que não é razoável adotar uma língua tão excêntrica. Eles, evidentemente, não tinham nenhum outro argumento contra o esperanto e a favor do inglês

que não manter as coisas como estão, que são mais fáceis (para eles, claro), mesmo que isso reforçasse o imperialismo cultural do estado norte-americano. É realmente muito cômodo (para eles) e injusto.

Pablo

At 02:35 2/10/2003 -0300, you wrote:

>Eu acho que poderíamos, no futuro, adotar o Esperanto para as discussões globais, de repente difundir essa idéia seria interessante, ela é um língua internacional e neutra porque pertence a todos os povos e proporciona a comunicação entre pessoas de todo o mundo, sem qualquer tendência de hegemonia cultural, política, religiosa e econômica. É muito fácil aprender pois a internet disponibiliza vários cursos de esperanto. Por que eu particularmente não sou adepta ao inglês, por vários motivos, e tem muita gente tb que não tolera..

Abraços

Carol

> > > putz, esse é o maior problema das listas globais. elas funcionam em ingles, e as vezes tambem em espanhol. eu ate acho que temos que forçar a barra e diminuir o uso do ingles nas listas. mas esse é um longo processo...

voce ate pode tentar participar mandando mensagens em espanhol, mas não costuma funcionar muito. nisso os gringos sao MUITO eua-centricos.
miguel

> > > Paíque wrote:

Ei miguel... tem que saber falar inglês?

hehehe

se não tiver eu me proponho, mas mesmo assim não queria ficar só lá.
abraços de cor e negros beijos.. paíque

> > >>Citando miguel :

o global esta aberto a participacao de quem quiser, como os outros cmis. alias, de toda essa discussao do eua-centrismo, a melhor conclusao é de que poderiamos ter mais gente participando e sugerindo coisas no global.

o melhor jeito de diminuir o eua-centrismo é aumentando a participação. quem se habilita?

miguel

[Cmi-brasil] Re: [Esperanto]

Joao [esperanto em directnet.com.br](http://esperanto.em.directnet.com.br)

Quinta Outubro 2 21:22:47 PDT 2003

Ao se usar um idioma nacional como o inglês para comunicação mundial estamos logicamente colocando os falantes nativos do inglês em situação de superioridade em relação aos falantes de outras línguas. A atual política lingüística que privilegia o idioma inglês, na prática também privilegia a economia dos países anglófonos.

Uma nova ordem política mundial mais justa e igualitária só será possível com o uso de um idioma que não seja étnico ou nacional. O Esperanto se encaixa neste perfil.

O que deve ser motivo de ironia não é o esperanto, mas a atual Torre de Babel num mundo onde o uso de um idioma como o inglês não resolveu o problema da comunicação mundial e a confusão reinante coloca as pessoas em situação embaraçosa ou ridícula. Costumo dizer que não adianta boicotar o Mac Donalds à tarde, e à noite torrar o nosso dinheiro pagando mensalidades no Centro Cultural Brasil-Estados Unidos.

João

ANEXO 4

Financiamento pela Fundação Ford

From: Sheri Herndon <sheri@indymedia.org>>Subject: (was URGENT) Ford Foundation Funds - additional comments

Date: Thu, 12 Sep 2002 15:58:40 -0700

Cc: Shane Korytko <shane@indymedia.org>, editorialarg@lists.indymedia.org, cmi-argentina@lists.indymedia.org, blicero@indymedia.org, gekked@blackflag.org, lisa@akpress.org, bossa@hehe.com, gradozero@inventati.org

>hi everyone,

i am in the middle of conference organizing (www.reclaimthemedial.org) and don't have the time to accurately summarize the conversation that has been going on about this topic. so i'm going to include all the critical emails.

i appreciate all the issues that have been raised and the question of taking money from foundations isn't something i think any of us take too lightly. and the basic criteria for those of us raising money for local imcs, projects or the network has been from the beginning that we *only* take funds without any strings attached.

this is a huge issue and there will be differences in tactics and strategies with regard to raising money. i also think it is important to say that it isn't just about the ford foundation. All foundation money is 'tainted' in one way or another because this is how corporations deal with their guilt or funnel their excess cash. not all foundations have as bad of a history as the ford foundation, however.

some background information:

several of us have been pursuing funding for a global conference because many people feel it is important. a list was set up for that called encuentros. through tamara ford (unrelated to the ford foundation), i was introduced to becky from the ford foundation. she is very active in womens issues and when i started the imc-womens list, she joined at tamara's urging. so we started talking. she had just started working with the media policy and technology section at the ford foundation. in may she came to seattle for the cpsr conference and met with 8 of us from indymedia - jonathan lawson, susan gleason, evan, shane, dan merkle, chris burnett, myself and someone else i can't remember. we were all quite impressed with her and how she appeared to be very supportive of our decentralized

>structure, our values, and our commitment to local autonomy. to most of us, she "got it". ask any of those people for their opinion of that meeting.

we had initially been discussing possible funding for a global conference but after meeting with her in may, it was clear that that was too much for us to handle on many levels. she suggested after listening to all of us share our stories of indymedia, that she get us travel funds so that we could have more face to face meetings, since that seemed to be a critical issue facing our ongoing organizing and network development.

this fund would be essentially given to the urbana imc. they would be responsible for disbursing it to local imcs who then agree to host/organize a regional gathering. from that point, those locals could decide how to give the money to people for travel support. this is not a fund being given to the indymedia network, but rather to a local imc to help us have coordinated regional gatherings (regional might also include continental where it seemed appropriate).

i want to make sure that people understand and sebastian, i want to be clear, that this fund is not for a global meeting. it is a fund to support regional meetings.

james petras who wrote the article sebastian refers to below is in town this weekend to visit his daughter and my friend anthippy; I told sebastian that i would be meeting with him to discuss this more. and now i will share the entire thread on this topic since all of it >seems relevant:

dri or gaba, could you possibly translate this thread?

love
sheri

BEGIN THREAD

1. sebastian posted a link to james petras article and i responded:

<<http://www.rebellion.org/petras/english/ford010102.htm>>

it basically raises concerns and establishes some valid documentation (or so it seems) linking the ford foundation to cia activities. What is especially of concern is that this could be more recent history. so a question that quickly comes to mind and that has been out there >for some time is:

** do we take money from anyone (foundation, ngo, government agency, individual) that has been tainted and use it for good? or do we refuse to take money from sources where we disagree with how they "earned" the money or their organization's current activities?

for me the issue is more about taking money without any strings attached. so we can do what we will with the money. perhaps we can even redeem the evil that the foundation or organization or agency has done. just possibly. to me a central criteria from the beginning of my involvement with indymedia and with raising money has been no strings attached. no foundation or person tells us what we can or cannot do with our money.

let's just say, in a worse case scenario, that everyone that james petras writes in his article is true about the ford foundation, the present foundation, not one that existed in the 50's. and let's say that we take money from them to use as we will to fund regional gatherings to help us have more face to face conversations and strategy discussions, are we helping the ford foundation? or are we perhaps helping undo some of the wrong that they have wreaked on the planet?

my very personal belief in all this is that (1) we only take money without any strings (2) we do not rely on any foundation so we can always say no thank you we don't need you at any time (3) we do not encourage any reliance on any funder (foundation or individual) and (4) we use money we are given to continue the vision of indymedia.

i know that there are others who think we should never take money from a foundation (regardless of whether they are good or not according to some kind of ethical standards).

i think having criteria for how we take money from anywhere is important. i think we have done this in the past for the most part. and we have certainly always used the money in the way that was for the good of the network..

money is a challenging thing, i think we all recognize it. we have to deal with it. i'm not convinced that the best way is to say nope we will have nothing to do with the ford foundation money. i would rather see us take money from the worst people on the planet and do something good with it. this to me is powerful in and of itself. because whether we accept money from the ford foundation or not, our work is about changing the world to be different than the world they would like. and perhaps a great irony is that they will fund us to help undermine their way of doing things.

2. tamara ford's comments (she was active back two years ago with the encuentros project and nab in sf; a number of people in indymedia know and respect her):

As for Ford, I skimmed the link that you sent later, and believe me, I understand your dilemma. It's not an easy one to answer because we're dealing with the difficulties of process, as well as those of providing north/south solidarity. I think the article raises valid points, not just about Ford specifically, but around foundations in general...remember when the Bay Guardian ran that whole series during the Media and Democracy Congress? Look for it online at sfbg.com, searching for "Foundation"

It's all rotten... the whole pie. The whole area studies field (I worked in Latin American studies at UT) has always had ties with the CIA, IMF, UN, etc. And, as some have claimed, Universities themselves are violent institutions.

What I can say is that that article makes no detailed claims for Ford in recent years and that the cultural/educational/media division head is an African American woman who seems very

concerned with supporting anti-globalization activists. So, even though the institution is problematic at the root levels, the people I know of there are trying to do progressive work... and I think they brought in Becky because they saw her being concerned about those on the margins... not the academic/elite.

The argentine reaction is understandable and not new to us at all... the problem is that we don't have much "clean" money we can draw from and we want to help build capacity, while being short of resources ourselves. It was very difficult for me working on this last grant and I think it's always an uphill battle. But I think that you're getting travel funds is an example of the opposite of right-wing alliances and an opening of a space for activists to make and write their own history. While some may be rightfully leery of "opening themselves up". The public-ation of ideas and interactions has always been a goal of the indymedia movement.

I suppose an option is to offer Ford travel funds and try to provide other support or options for those who want to refuse specific funds. Have you asked them if they know of foundations that they would approve of?

Global Fund for Women, (San Fran -based) might be a source... but again their initiatives are limited.

You might look at the website and see what groups are funded currently/recently by Ford. I know Globalvision (Danny Schecter), and FAIR are among them. They also founded and carried UT-LANIC <<http://lanic.utexas.edu>> for six years... it's the largest index of public/academic info from Latin America on the web.

3. thatcher's comments:

All money is dirty. The only thing we can do is to try to get money for Indymedia that is at least one step removed from the dirty part. The Ford money is one step away. The support of US propaganda by Ford is not unique to Ford--most US universities, profesors, journalists, media organizations, Non-governmental organizations, local governments, corporations, and foundations have participated in supporting US propaganda and dictaorships. The US Government can and does impede the work of human rights organizations and human rights reporting. So in order to make any achievments at all, these organizations sometimes work with the CIA on propaganda (for instance) in exchange for the right to fund a human rights organization without interference. There are two points: 1) the support from groups like Ford of US policy is not always voluntary; and 2) sometimes organizations must make compromises in order to achieve greater good. The point is not to justify what Ford did, but rather to understand organizations like Ford are complex organizations, not necessarilly all good, and not necessarilly all evil.

The conclusion: these organizations need to be dealt with on a case by case basis. Ford also supports organizations that fight the very things you say Ford supports. Ford supports FAIR and Physicans for Human Rights, two organizations that regularly do more political damage to the US government than all the political damage mentioned in the essay about CIA propaganda publications put together. The grant proposal for Indymedia comes with no

strings attached. Once this money becomes Indymedia's, the money becomes "clean." We can never change what Ford did in the past, but we can use this money now regardless of Ford.

Wealthy donors who simply gave money to Indymedia, but do not have a dirty name like Ford, are actually more likely to want to manipulate Indymedia, and more likely to have strings attached. Thus, of all the donor sources for Indymedia, Ford is one of the best because of the lack of strings and the open public process for obtaining the money. If we depend on money from IMC participants, then Indymedia becomes elitist and controlled by the richer and more ambiguous members of the movement--that money is not under public scrutiny the way the Ford money is.

We do not have a very democratic decision making process now. This grant should make a big difference in our ability to make decision collectively and democratically. To decide against this money now not only vetoes an important move toward democratizing the network, but it does it in an undemocratic way. If this money is still a problem, then once the decision making process is in place, we can collectively and democratically decide to not use money like this in the future. What is our top priority? Is it creating democratic decision making or is it making a political point to Ford? Which option saves more lives? Is it an effective Indymedia that could change government policy and provide voice to the voiceless, or is it a political point that no one will remember in 4 months?

If the CIA truly had control over the Ford foundation now, Indymedia would not get any money.

Thatcher

4. sebastian's comments regarding my meeting with petras:

Please, ask him about the Madres de Plaza de Mayo Ford Foundations concerns, that's the most important thing in argentina. I think he is noticed about the case here, because he signed his article (almost the spanish version) "dedicated to Madres de Plaza de Mayo". Yesterday we stramed an interview live with Osvaldo Bayer, one of the most important radical historian and writer in argentina (the Madres de Plaza de Mayo cafe is called "Osvaldo Bayer") and he told us that for they to get money from the FF is "an insult to the memory of our missing comadres". i hope Petras know why it's a common thing to say it here.

5. sascha's email in response to sebastian's earlier comments:

i wanted to raise a couple issues that i hope will clarify the discussion application process while helping us move forward. i think that public discussion and dissemination of the history of the ford foundation are extremely important. i think that anyone who would receive travel grant funding should have access to the information we are looking over about CIA connections; and i think that it is imperative that each IMC decide for themselves whether to accept or reject funds from this grant.

equally important is that we realize that this grant will be overseen by the encuentros working group (or whatever group is set up to do this) under the auspices of the UCIMC. we have a deadline of september 15, 2002 and a responsibility to get the grant in by that date. i say this not to diminish the concerns people have raised, but rather to make explicit that discussion about this grant will need to happen in parallel with efforts to apply for it.

in the end, i expect that some IMCs may refuse funding, while others will accept funding. what is important is that those who refuse funding be respected for their decision, and that those that accept funding not be disrespected for their decision. most importantly, it is imperative that ford attaches no strings to their funding decision, and from my understanding of things, this is our arrangement with them thus far.

6. pablo's comments to petras article:

I read James Petras' article and it seem highly speculative regarding the more recent past. It seems more strange to me since in Brazil, Ford Foundation financed many leftist intellectuals who were fired from public universities in the 70s for being "subversives". I

>have a couple of friends who lived for years out of Ford Foundations' scholarships. I don't thinkf FF is wonderful, but I see no evidence its worse than any other foundation... and it doesnt have strings attached -- does it?

7. sheri's response:

there are no strings attached. we get the money. we write up an annual report. we do with it what we will with transparency for all of us, with input from all imcs how to set up regional meetings and how to coordinate things. those of us who are writing the grant have written into it (as you will have read in the past proposals) that it would be a more coordinated series of regional gatherings rather than isolated gatherings between different collections of imcs. in this way we can discuss similar/same topics, europe can hear from south america and continue the discussion in their own region....while focussing on critical network issues. that is why i personally am writing this grant. to help us build more of a "network >consciousness". we of course will have local autonomy. we do with the money what we will.

i will be talking to james petras tomorrow or saturday while he is ironically in town visiting his daughter and my friend. so we will continue that discussion.

END THREAD

Date: Fri, 13 Sep 2002 17:51:07 -0700

**To: Sebastian Hacher <sebastian@indymedia.org>, sascha@ucimc.org,
imc-latina@lists.indymedia.org, imc-brasil@lists.indymedia.org,
IMC-Finance <imc-finance@indymedia.org>,
Micah Anderson <micah@riseup.net>,**

IMC-Process <IMC-Process@indymedia.org>
From: Sheri Herndon <sheri@indymedia.org>
Subject: [Cmi-brasil] Ford & Indymedia (part 2) - many questions for us as a network
Reply-To: imc-brasil@lists.indymedia.org

* apologies for cross-posting *
* could someone please post a translation please *

hello friends,

many of you have heard pieces of this conversation and some of you are hearing about this for the first time. sebastian just posted something to imc finance which i have not had a chance to read but will as soon as i can. i am in the middle of a conference we've organized here in seattle called reclaim the media (www.reclaimthemedial.org) and i will be making this short. more details and dialogue to follow.

after spending several hours talking to micah on the phone last night who has been talking on irc with our friends in argentina imc and getting more information to help us figure out what is going on, it is clear that we have a serious problem and that taking funds from the ford foundation might jeopardize the work of imc argentina and some would go so far as to say it would jeopardize the network as a whole.

so we must seriously figure this out. is it as easy as just saying okay no we won't take these funds? perhaps. i am open to that, but perhaps there are other issues here that we can learn from as we move forward and figure out things together as a network.

while the simple goal of the grant to ford was to fund regional indymedia face to face gatherings (without any strings or conditions), the deeper long term goal of even having these meetings is to build network solidarity and to strengthen our connections are a network. becky from ford has basically given us a yes to funding a 2 year travel fund to be used at our discretion for \$50,000 to be funnelled through urbana imc.

after learning more about the concerns raised by our brothers and sisters in argentina about the ford foundation's role in their country (not only in the far past in support of the dictatorship, but also more recent history), it is clear that taking funds from the ford foundation would not achieve our goal of building network solidarity and thus we must question this decision and choice.

this is critical. balancing the decentralized nature of the network and local working group/local imc autonomy with the greater network is always going to be a dance, sometimes delicate, sometimes confusing, sometimes a challenge.

so while for many people, taking funds from this foundation and using them to do exactly what we want and to help us fund meetings across the network is not a problem, it is for imc-argentina and others. what is at stake?

questions we need to figure out:

- * is our only option to refuse a travel fund from ford foundation?
- * what are the activities and how well documented are these activities that ford foundation has supposedly engaged in? it is still unclear to many of us. however, what is quite clear is that many people in argentina believe that ford foundation has funded people and groups that have been ultimately responsible for killing people. and not just during the dictatorship, but more recently. perhaps we need to do some more investigation on this and find out what exactly is the relationship?
- * is there a way to take the funds so that the imc in argentina and the communities they work with will be satisfied?
- * as a decentralized network with local autonomy, how do we make decisions about taking money from different places, such as foundations? is it as easy as coming to consensus that yes we do, or no we never do? or is there a balancing point?
- * can we develop a healthy process through which we can resolve this issue so that we have a win-win situation?

i know that the people who have been working on raising funds for regional/continental/international encuentros have a clear goal that it is for helping the network to grow in terms of solidarity, awareness and coordination and communication. if we take funds from somewhere (regardless of who they are) that would work against this goal, then we are working against that fundamental goal and we thus must reconsider our strategy.

but many movements and radical organizations have taken funds from foundations and continued to do good work. this is not new for movements and some groups have opted to refuse funds from foundations and others have chosen to do so without any strings. what do we as indymedia network want to do? what can we do as local imcs raising money for projects outside of our local sphere? how to balance these issues?

so, i have asked many questions. i do not have an attachment to this money from ford or to pushing it through. however, i hope that as a precedent we will consider how to work through a process like this so that in the future we can balance all the needs of the network. perhaps ford is just the worse foundation out there. perhaps we just cross ford off the list? but can any local imc ever approach the ford foundation without it jeopardizing the entire network?

i do not want to do anything that would jeopardize the argentina imc or have their critical work in their community jeopardized. they feel that taking this money from ford would do that. we must listen to this and be in solidarity with them.....their work in argentina and to

the rest of the world is invaluable....we all know this. we want to make choices as a network that support our collective work.

alot of information now has been presented to everyone, we have alot of things to discuss,

love & solidarity
sheri

[Imc-Finance] Ford and Indymedia
Sabastian Hacher sebastian at riseup.net
Fri Sep 13 18:57:03 2002

This is a letter that reflects Indymedia Argentina's collective debate, in relation with the news that the global network was discussing a subsidy of the Ford Foundation to finance regional meetings of Indymedia. We also have being debating about if it's good to recive money from that foundation. Because of the urgency of the things (today we find out that the 15th of September the formal request), we are asking to all the indymedia's of the world to read it and to give their opinions about it. Please add your comments and your solidarity with copy to argentina@indymedia.org, so that all the collectives (Alto Valle, Buenos Aires, Rosario) read it.

This letter is also signed by MTD Lanus, one of the community piqueteros organizations that we work with.

-the opinion of the activists in argentina

We received with surprise and concern the news that an idea of carrying out an indymedia's international meeting financed by the Ford Foundation was been discussed.

In our country, the Ford Foundation is a reason of permanent polemic, and in most of the movements, the one that receives a subsidy of that Foundation is pointed out with a finger like a traitor. For indymedia argentina, to accept a subsidy of that foundation would be in the first place a suicide; if everybody here would know it, the place that nowadays indymedia haves here, based on a year and half of lot's of effort, would be quickly trowed to the garbage. And with enough reasons. We believe that argentina indymedia is a tool that is being used by many movements and that is playing a very important rol in the last years. It woluldn't be correct to sacrifice it in the altar of the corporations.

Here the name Ford is automatically asocieted to the last militar dictatorship (2); all the operatives of the army to kidnap, to torture and to murder 30.000 people were carried out in Ford Falcon's donated directly from United States. Today, when crossing in the street with one or those typical green Ford Falcon's, you associates it with the darkness of those times.

Many comrades told us that the Ford Foundation is independent of the Ford company, which can be true, but is not enough for the thousands of persons that kwnow about the history of

both. Here, they are known like part of the same thing, and it's a fact that they both have been sharing the same strategy of supporting the imperialistic politics of the United States, mainly about what concerns to the impunity for the genocides of the last military dictatorship.

We believe that it is not necessary to clarify here again that the Foundation was created by Henry Ford, a Nazi that was even recognized by Hitler like one of his inspiring ones. And to repeat what James Petras has denounced many times, the Foundation has a narrow relationship with the CIA. They have financed hundred of projects of the agency, some of them dedicated to study the situation of the social movements in the third world, and others - the majority - directly to get involved with the politics of those movements.

Since the early 80's, when the military dictatorship was over, an important part of the politics of the Ford Foundation in our country were about trying to weaken the human rights movements that were openly in opposition to the impunity of the army. In fact, they used the same strategy that they used with the black movement in United States. (see part 2)

We, as the organizations of human rights that didn't negotiate the blood of their deads, as the organizations of unemployed and of occupied workers that maintain their autonomy, we reject to take a coin from those hands that are spotted with the blood of our comrades. The "Madres de Plaza de Mayo" think that they are not individuals' mothers, they are the mothers of 30.000 missing persons. We are also sons, brothers, grandsons, cousins, friends and partners of the 30.000 desaparecidos. We carry the memory of all those comrades in our hearts. The force that comes from that love allows us to continue fighting for a better world every day. We invite all our comrades of all the indymedia's of the world to adopt in their hearts our missing comrades. We must reject any type of institutional relationship with the accomplices of the genocide of the military dictatorship, we must preserve the honor of Argentina indymedia and of the global net.

Some comrades of other countries told us that our opinion is just an infatigable whim. But it's not like that. We agree with receiving donations, and as a matter of fact we really need them because we are about to lose our office in Buenos Aires, and the necessities of the collectives that are being formed inside the country are enormous and urgent. But we consider Indymedia a tool that has too much importance, too much transcendence, that it's a patrimony of lots of movements that are using it in our country: it wouldn't be all right to put it under risk for some dirty dollars. And we prefer, honestly, not to have a cent but to continue looking in the eyes to people we share a common work each day. We want to be as clear as possible: we are against maintaining institutional relationships with corporations, such like Ford in the first place.

It's not only a local problem. Associating the name of Ford, even in the most minimum thing, with Indymedia, it is something that is not only a dishonor for us, it is also a danger for our own existence.

a) What Ford proposes

As the comrades told us in the IRC, the F.F. was interested in financing indymedia meetings for the following reasons and in the following ways:

"they said that Indymedia is the global only 'organization' that has to 'successful - self organized - grassroots - horizontal organization... and so they want to help us develop our organizational structure so that they do share it with other organizations they work with - that's what they say"

"they said they ONLY wanted fund our organizational development. not hardware - not paying people - but paying for people to travel so that we do meet face to face lives - that was basically what they said at the end of the meeting. (they said they wanted to start very small and see how it worked - also they said that they wanted to start in america)"

Regrettably we don't find public documents about it, so we base our testimony on partners in which we trust completely. The only chance we have to discuss it was the discussion in the meeting carried out in Buenos Aires and several conversations in IRC with the comrades from Uruguay, Brasil, Rosario y Buenos Aires. Even though the partner's testimony, however, it's enough to understand why this foundation is interested in collaborating with Indymedia.

b) Division and control of the movements. How Ford works.

These are some data of how this foundation usually works. Why many intellectuals feel affection to the foundation.

Among human rights organizations there was a polemic recently (3) that even arrived to the corporate press, around a journalist of one of those organisms that received U\$S 1.550.000 (1) in subsidies of that foundation.

After that polemic, it was known that the strategy of that foundation was the same than in the 60's and the 70's, and during the early 80's: To help financially, to collaborate monetarily and to impact inside the social protest trying to isolate to the most radical sectors promoting those social sectors not so radical and less polemic, dividing – like they made it before with the black community of the United States - and breaking into fragments the new movements of social protest that criticized the military dictatorships in the political plane and the capitalist system in the economic plane. Kirkpatrick had explained it very well. It was necessary to counteract those that "make politics" with the flag of the human rights. From there from now on the militants and leaders of organisms of Latin American human rights saw a parade in front of their aching and saddened eyes of offers of hundred of thousand of "humanitarian" dollars of the Foundation. Among many other organisms, the Center of Legal and Social Studies (CELS) of the Argentina, directed today for journalist Horacio Verbitsky, began to receive this help of the Fundación FORD since 1981. And they made it in an uninterrupted form. The offensive of the Foundation was successful. Disintegrate, to break into fragments, and to isolate to the most rebellious or reluctant to the reconciliation and the pardon."

We repeat; it is the same strategy used against the movements of black liberation in United States, to mention a single example.

For James Petras, in their I articulate where it develops the relationship between the FORD and the CIA, this strategy can be summarized in this way: "The CIA uses philanthropic foundations as the most effective conduit to channel large sums of money to Agency projects without alerting the recipients to their source. From the early 1950s to the present the CIA's intrusion into the foundation field was/and is huge. A U.S. Congressional investigation in 1976 revealed that nearly 50% of the 700 grants in the field of international activities by the principal foundations were funded by the CIA (Saunders, pp. 134-135). The CIA considers foundations such as Ford "The best and most plausible kind of funding cover" (Saunders 135). The collaboration of respectable and prestigious foundations, according to one former CIA operative, allowed the Agency to fund "a seemingly limitless range of covert action programs affecting youth groups, labor unions, universities, publishing houses and other private institutions" (p. 135). The latter included "human rights" groups beginning in the 1950s to the present. One of the most important "private foundations" collaborating with the CIA over a significant span of time in major projects in the cultural Cold War is the Ford Foundation."

And there was never, for the foundation, something that is not digestible. According to Kohan: "Everything, absolutely everything, was digestible for the agency and for the Fundación Ford if it was good to legitimate their own institutions, their projects and their publications and if it was useful to neutralize at the same time the most radical elements and the most reluctant left movements to the cooptación". (4)

In Labriego's work, the argentinean case is mentioned and can explain the reason of the academic interests of the Ford Foundation. Although James Petras considers that there are ideological reasons to finance this type of projects (to form intellectuals far from the real fight and to tie them to the values, ideology and officials from the United States), there are also practical and mundane reasons to finance this type of works. Among the many mentioned cases, one of the argentinean projects gets the attention; the project "marginalidad". This is what he says: "Directed by the Argentinean sociologists José Nun, Miguel Murmis and Juan Carlos Marín this project it didn't count as the other ones three previous with the support of the Pentagon, the CIA or the Defense Department of the United States America. It only had the disinterested and altruistic financing of ...FORD Foundation (later it was added to the financing the Instituto Torcuato Di Tella).

In his book, Stonor Saunders explains the narrow bond that unites to the CIA with the Ford Foundation. The objective of study of the project "Marginalidad" consisted on investigating to those social sectors that are unoccupied workers, expelled of the productive and potentially inclined to act politically on the outside of the institutions of the latin america's traditional political parties and the Parliament."

The FF demonstrated to be quite intelligent: the unoccupied workers are today, in our country, one of the most politically active and radical sectors. This habit (typical of the cold war), is continuing at the present time, like it is demonstrated in the Argentinean case. For Petras, "The FF has in some ways refined their style of collaboration with Washington's attempt to produce world cultural domination, but retained the substance of that policy. For example the FF is very selective in the funding of educational institutions. Like the IMF, the

FF imposes conditions such as the "professionalization" of academic personnel and "raising standards." In effect this translates into the promotion of social scientific work based on the assumptions, values and orientations of the U.S. empire; to have professionals de-linked from the class struggle and connected with pro-imperial U.S. academics and foundation functionaries supporting the neo-liberal model."

Can we understand from this why the Ford Foundation wants to collaborate with Indymedia? Let's see:

c) Why does FF desire our soul? And why we are not willing to sell it?

Evidently, Indymedia has acquired a distinguished role in the last years. After an explosive growth, along with antiglobalization movements in the late 90s, it has finally reached the southern hemisphere where it seems to be strengthening together with the explosive political situation in our countries. Although the areas where the central IMCs were born are still growing strong, the axis seems to be moving south where political processes are running into an explosive situation; Palestine, Chiapas, Argentina, Ecuador, Bolivia, South Africa are names that are being heard frequently in the network.

This dizzy growth can be explained by the open publishing mechanism, horizontal decision taking methods, and dynamism that the internet provides that has made possible that in countries with limited technological development like ours, tools like Indymedia have become so important.

Another issue, not less important, that enables IMC development in southern countries is international solidarity, especially in hands of the more developed nations' comrades. If it wasn't for our hosting provided by our comrades in San Francisco, for the help provided by our comrades in Canada, USA or Italy, IMC Argentina could not be putting up its projects.

We believe that FF, not a fool at all, is right when affirming that Indymedia is one of the few alternative communication models, horizontal and global, that has been successful. Does indymedia disturb the powerful? We believe that, at least here, it certainly does, and we know in other countries too.

It wouldn't be strange that FF, as it has done with other emerging regional movements in Latinamerica, or in developed countries, tries to divide or weaken IMCs, or otherwise tries to buy our souls with money to turn us into an inoffensive network. Some comrades intend to convince us that due to the nature and structure of indymedia it is impossible to co-opt or to destroy us. We believe that indymedia's unity principles, the open publishing system and its decentralization strengthen the network, but those things don't make it infallible; everything that exists can perish and indymedia is not the exception. Local problems that, once in a while, happen and put an end to some IMCs, or countries where IMCs have failed completely are a proof of this. Other international networks, like Greenpeace, have fallen in the corporate network's hands; at least here in Argentina they have become a

marketing office and nobody remembers direct actions or genuine struggles beyond company lobbying or dealing with one or another.

Although it would be extremely difficult to put an end to indymedia, it wouldn't be impossible for a world corporation with billions of dollars to weaken our beautiful and passionate network or use what they can apprehend from us against ourselves or against other movements (5). As with the vampires, the next step if we intend to be attacked is to open our doors and welcome them in home.

To conclude, we repeat specifically what we refer to: we are not against receiving donations, we are not against getting grants for individuals or projects. Yes, we are against maintaining an institutional relationship with foundations, more with global foundations, and mostly with Ford.

We know that in capitalism, corporations act in search for profits, over that basis they build a domination scheme that reaches all aspects of lives. When FF offers us a subsidy our second thought (our first is nausea) is that they want to get something out of us. Many times, mostly in USA, some corporations use donations to reduce taxes; this is not the case of FF. They aim for higher goals, as we hope we have demonstrated in this letter. We don't underestimate peoples' enemies as to think that they are offering indymedia something without expecting nothing in return. It is not strange that they are trying with us. We don't let them in.

Some articles, in spanish:

- (1) <http://www.rebellion.org/sociales/kilberg090102.htm>
- (2) <http://www.rebellion.org/ddhh/toigo191101.htm>
- (3) <http://www.rebellion.org/ddhh/labriego011201.htm>
- (4) <http://www.rebellion.org/sociales/kohan250402.htm>

[Imc-finance] FORD DISCUSSION BACKGROUND (Part 1 - read first)
Sheri Herndon sheri at indymedia.org
Fri Sep 13 21:11:09 2002

* apologies for cross posting *

hi,

if you are interested in this discussion and the issues that sebastian's recent email addresses, please read this. this is what i wrote before talking more in depth with micah about the concerns and specifics of those concerns from imc argentina.

another email with more specific questions for this list will follow.

thanks for taking the time to read this. we think it is critical. we are all trying to figure out how to address these questions in a good way. so read this for background.

in solidarity
sheri

Date: Fri, 13 Sep 2002 21:29:52 -0700 (PDT)
From: un known <no2ftaa@yahoo.com>
To: Sheri Herndon <sheri@indymedia.org>,
Sabastian Hacher <sebastian@indymedia.org>, sascha@ucimc.org,
imc-latina@lists.indymedia.org, imc-brasil@lists.indymedia.org,
IMC-Finance <imc-finance@indymedia.org>,
Micah Anderson <micah@riseup.net>
Cc: Shane Korytko <shane@indymedia.org>,
editorialarg@lists.indymedia.org, cmi-argentina@lists.indymedia.org,
blicero@indymedia.org, gekked@blackflag.org, lisa@akpress.org,
bossa@hehe.com, gradozero@inventati.org
Subject: [Cmi-brasil] Re: [imc-latina] Ford & Indymedia (part 2) - many
questions for us as a network
Reply-To: imc-brasil@lists.indymedia.org

i can see this is a long and arduous discussion, and so i will try to be brief, in everyone's interest, so i hope maybe it can be translated-? i will do a rough translation in french below the english. i am pretty new to this particular list, and have read several of the last few e-mails about the ford money. when i was first told about it, i thought it might be a good idea to take money from people we do not like who can afford it, instead of from our friends all the time, who have much less to spare. after reading the e-mail sebastian just sent, i am really and truly convinced that this is a bad idea. money for regional conferences is absolutely not worth jeopardizing the argentina IMC and their place within the community. there will definitely be many, many people whose support we always want and need in this network of global and local efforts, who will be extremely offended and shocked by this. as we are supposed to be the representation of the antithesis of corporate power, greed, domination, conflict of interest, and in solidarity with the people who have been oppressed by the actions, past or present, of companies like Ford. even if the foundation is separate from the company, it allows itself to bear the same name, and this is dangerous in the eyes of many who will not discern a difference. it is simply not worth it for indymedia to be associated with the dark times described in that letter, that were suffered by argentina, among many others at the hands of the Ford company.

In solidarity
Dyan

Date: Sat, 14 Sep 2002 03:27:20 -0600
From: john freebury <freeburj@cuug.ab.ca>
To: Sheri Herndon <sheri@indymedia.org>
Cc: Sebastian Hacher <sebastian@indymedia.org>, sascha@ucimc.org,
imc-latina@lists.indymedia.org, imc-brasil@lists.indymedia.org,
IMC-Finance <imc-finance@indymedia.org>,
Micah Anderson <micah@riseup.net>,
IMC-Process <IMC-Process@indymedia.org>,
Shane Korytko <shane@indymedia.org>,
editorialarg@lists.indymedia.org, cmi-argentina@lists.indymedia.org,
blicero@indymedia.org, gekked@blackflag.org, lisa@akpress.org,
bossa@hehe.com, gradozero@inventati.org
Subject: [Cmi-brasil] Re: [Imc-finance] Ford & Indymedia
Reply-To: imc-brasil@lists.indymedia.org

Hello,

Having read into the emails, my first thought is that we all know how important small bits of information can be in changing the outcome of something, how easy it is for a small message to have a huge affect. i can not respond to all of Sheri's questions right now but i want to respond directly to the situation. If Indymedia was your body's immune system and you fed your immune system the wrong message, you would become sick. The word "Ford" is there for a reason and i sense that we need to respect the fact that small words like that mean different things to different people.

So why would we risk poisoning the network? The points that have been raised by everyone who is in favor of having "no strings attached" are *excellent* arguments -- i agree that Indymedia needs to think clearly about building strategic relationships, to build itself as an immune system amongst other immune systems. There are other foundations and other opportunities, so people's effort toward this FF grant is all great work (xoxo). Accepting funding "no strings attached" is a good start and we now seem to be going beyond that to recognize our priorities, to ensure that Indymedia does not poison itself in other ways -- this dialogue is a demonstration that our process of openness is working.

In my mind, solidarity with the Argentina imc is simply a higher priority -- funding for regional face-to-face meetings will become a reality, but only if Indymedia sticks to its priorities, solidarity being perhaps the greatest.

take care,
john
alberta imc

From: "Luis" <corporatecrackdown@yahoo.com.br>
To: "CMI-bh" <cmi-bh@lists.indymedia.org>
Cc: "IMC-brasil" <imc-brasil@lists.indymedia.org>

Date: Mon, 16 Sep 2002 11:52:57 -0300
Subject: [Cmi-brasil] Re: [Imc-finance] Ford Foundation -- clarifications from the UCIMC:
Reply-To: imc-brasil@lists.indymedia.org

Eu enviei esse e-mail para a finance e em algumas partes eu falei em nome do CMI BH então preferi enviar uma cópia para cá e uma para a lista CMI Brasil. São apenas alguns dos pontos que nós discutimos na reunião de sábado. Eu pretendo enviar um resumo do que está acontecendo na lista IMC-finance em breve, mas está meio difícil fazer isso pois estou recebendo cerca de 15 e-mails por dia nessa lista. Mas se tudo der certo eu faço esse resumo ainda hoje.

Abraços,
Luis,
CMI BH.

----- Original Message -----

From: Luis
To: IMC-finance
Sent: Monday, September 16, 2002 12:59 AM
Subject: Re: [Imc-finance] Ford Foundation -- clarifications from the UCIMC:

(I tried to send this message a while ago but it was held for approval. So I'm sending it again.)

Hi Sascha and all,
There are a couple of things I don't understand.

You said the money isn't going to be donated to the Indymedia Network as a whole, but to the UC IMC instead. But isn't the money been SPECIFICALLY donated for funding meetings between the various IMCs on the Indymedia Network? Because, if it's the case, then I think (and I'm sure I can speak for the entire CMI Belo Horizonte collective) that this decision should be taken by ALL the IMCs that are going to be part of those meetings and not by the UC IMC, since they are not the only ones who are going to make use of that money. Could you please explain it to me? Is the money being donated specifically to fund meetings between IMCs or is it just an idea of how we could use that money?

And the other thing is, even though I totally agree that local IMCs should not have veto power over other IMCs projects and decisions, I believe that each IMC has to know that they are part of a network and that they decisions can sometimes have a negative impact on some other or even several other IMCs. I respect the UC IMC autonomy just like I respect the CMI BH autonomy, but since this donation can have a negative impact on other IMCs, specially on IMC Argentina, I think we should definitely talk this issue over and over and

over again until we can reach a consensus about it. Until then, I think no decision should be made about accepting or not this donation.

Cheers,
Luis,
CMI BH.

From: "Luis" <corporatecrackdown@yahoo.com.br>
To: "IMC-brasil" <imc-brasil@lists.indymedia.org>
Date: Mon, 16 Sep 2002 02:20:48 -0300
Subject: [Cmi-brasil] Fw: [imc-finance] Italy IMC statement on the Ford Foundation grant issue
Reply-To: imc-brasil@lists.indymedia.org

E-mail do CMI Itália sobre a doação da Fundação Ford e sobre a função da Rede Indymedia como um todo. Achei o e-mail muito bom e resolvi encaminhá-lo para cá.

Luis,
CMI BH.

----- Original Message -----

From: "Indymedia Italia" <italy@indymedia.org>
To: <imc-finance@lists.indymedia.org>; <imc-latina@lists.indymedia.org>; <imc-communication@lists.indymedia.org>; <imc-process@lists.indymedia.org>; <argentina@indymedia.org>; <encuentros@lists.indymedia.org>
Cc: <italy-list@lists.indymedia.org>
Sent: Sunday, September 15, 2002 8:08 PM
Subject: [imc-latina] Italy IMC statement on the Ford Foundation grant issue

Italy imc statement on the ford foundation grant proposal:

As italy imc we fully support argentina imc and activist statement on the the possibility that has been envisioned to apply network-wide for a grant to ford foundation. We would like to bring our solidarity to argentina activist and people and our respect for their ability to face the issue in a clear and respectful way notwithstanding the delicacy of the problem for them. We think their statement and the discussion they try to open up goes in the direction of respecting the desire of sharing views and ideas and the will to support a network and the differences within it, without this meaning not stating a collective's position or critical view.

As italy imc we think that the network is rooted in local autonomy within the broad principles that constitutes the ground of being a network, and that the network role is providing the infrastructure, communication patterns and protocols, so as to make connection

between local nodes effective and resourceful. We think the network should not be seen as a stand alone "bureaucratic" body, but as the strands that connect the different nodes. As such the global level of the network role is to facilitate a decision-making process that involves mainly the local node, whether through a proposal-distributed discussion-approval mechanism or through the delegation of all decision to the local nodes most involved in a specific issue. We remember having supported the concept of liason rather than that of "delegates" for the local iimc people participating to the global lists, especially according to this view of networking struggles.

As italy imc we ask that discussion about global proposal or proposal concerning all of the network should be developed on the list we have collectively addressed as the global forum for debating and that all of us and all of the people working on global network level take extra care to use this "spaces" to carry out discussion that are deemed of network wide importance. On the contrary if the issue regards local levels of proposal/decision then we think it's of the utmost importance that the discussion takes place in a way that makes it as easy as possible to the local collective to participate (ie: local collective debate spaces, local collective language as the main discussion language, decision making level in the local collective hands).

As italy imc we think that the network sustains itself mainly through the ties of solidarity, trust and respect among the nodes of the network and that the network-wide level represents the minimum structured "bureaucracy" we need to be able to communicate with each other and share experiences, ideas and project. We think that this trust relationship is what makes and activist network more than just a network of people working together towards a common goal (as corporate network can be) and that it is this trust/respect bond that constitutes the "additional" value of these projects we all share. To respect and uphold this solidarity relation is the most important aim we have to share if we want this network to survive and grow, and it is far more important than any "golden" opportunity we are offered.

Therefore we ask whoever is working on the ford foundation grant to withdraw from it as indymedia network.

We hope this discussion will be of help in developing the network and the ground basis that it is built upon; we want to further specify that the trust and respect in all the people who has been involved into this is not lessened one bit by this issue and that we think this discussion is just part of the process of growing and knowing each other, as traumatic as it can be sometimes :)

In solidarity and respect
italy imc

From: "Luis" <corporatecrackdown@yahoo.com.br>
To: "CMI-brasil" <imc-brasil@lists.indymedia.org>,
"IMC-latina" <imc-latina@lists.indymedia.org>
Cc: "CMI-bh" <cmi-bh@lists.indymedia.org>

Date: Wed, 18 Sep 2002 13:27:28 -0300
Subject: [Cmi-brasil] Fundação Ford
Reply-To: imc-brasil@lists.indymedia.org

Eu não sei se esse e-mail chegou até aqui, mas acho que não. Parece que a Sheri conversou com o James Petras, autor de várias acusações contra a F.F. que o CMI Argentina enviou para as listas, e ele concordou totalmente que nós não deveríamos aceitar a doação dessa instituição, pelo menos não nós da América Latina.

Luis,
CMI BH.

To: IMC-Finance <imc-finance@indymedia.org>
From: Sheri Herndon <sheri@indymedia.org>
Subject: ford, indymedia & questions

hello everyone,

i'm too tired and exhausted from the reclaim the media conference (check it out at www.reclaimthemediamedia.org - very successful and inspiring!), so i will just share a few personal reflections with you all until i have more time for thoughtful reflection....i've been unable to jump in because of the conference....but now i am finding space to do so....

so here are some quick comments.

i have appreciated all the people who have engaged in a thoughtful and passionate way into this discussion. it's clear we have many many issues to deal with to move forward and past the ford issue.

hopefully, many of those threads will be untangled from the ford conversation and can be pursued with commitment, dedication to network solidarity and the desire for respect for each other. thanks ana and jay for the recent emails. it's so much easier for us to make headway through challenging conflicts and so much more likely that we'll move from a crisis to an opportunity (chinese ideogram for danger is the two images for crisis and opportunity), if we believe first in the general good of people working together on these projects. and when i say this i do not mean we should not challenge, constructively confront, share our differences, share sadnesses and concerns and hopes and anything; i'm saying let's do it in an atmosphere of respect.

i believe we can do this better.

james petras's recent article:

sebastian forwarded a link to this list last week to an article by james petras. here it is for your reference: <http://www.rebellion.org/petras/english/ford10102.htm>. because of crazy coincidences, he happened to be in town this weekend and i met with him saturday night while he was in town. his daughter is a friend. i have a partial recording of the conversation. he had alot of information and details. i could barely keep up. he was very persuasive in his arguments for why we cannot take money from the ford foundation because it involves giving money to latin american imcs and because of ford's role for many decades in latin america, plus more recent situations (some of which he mentions in our conversation, and on tape). he did say that if the funds were for us-based imcs that he would not advise against taking the funds (i think he's open to people talking to him about this).

this was just more evidence for me to consider that we cannot take these funds in this way.

i was also pretty much convinced that we had to reject the grant last thursday after my conversation with micah who shared critical information that i hadn't read in any emails up to that point. what was at stake was network solidarity and for both of us one of our top priorities.

in fact, in ALL of my conversations with everyone, people have stressed this. so i do not think people are missing this point. it just may be that people have different ways of how that might work or how achieving that might look.

those of us working to help fund regional gatherings have network solidarity as our goal so if it was being negatively impacted by this grant then we are going against a driving force for having these gatherings. that was quite clear. admittedly, i was honestly disappointed because i really want to see us have regional gatherings to talk face to face, to build greater trust and understanding, to figure out things that we can't seem to do online in the virtual environment. but that disappointment really was second. also, it was the additional pieces of information which helped convince me of the problems on several levels of taking money from ford.

however, what wasn't clear are all the other pieces that fit together in a puzzle of how we work together and through our differences.....

- funding and sustainability
- decentralized in relationship to local autonomy
- what constitutes a "network project" and how does it get "approval"
- when are things really more "centralized" than "decentralized"
- how to increase trust; assuming the best before you know all the facts of a situation (at least don't assume the worst case scenario)
- working through differences of thinking about funding and sources of funding - not touching any money vs. no strings attached funding
- how to truly treat each other with respect as we discuss our differences passionately, all the while believing in the good intentions of people until proven guilty

- learning from the honest mistakes that have been made and accepting that people/groups will make mistakes and we will learn from them if done in a supportive environment that is based on network solidarity
- how far removed can "tainted money" be to be acceptable?
- how does indymedia deal with economics, gift economy, cooperative economics as we deal with long term sustainability
- etc. etc.

these are the ones that come to mind.

i would like us to figure out alot of things together and that means we all participate. if the only way some people participate is by complaining when things aren't good, but disappear when the crisis is over and a process needs to be figured out, how can we move forward collectively.

i send much love & solidarity to you all....

sheri